

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Diego Luiz Warmling

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM FREUD

Florianópolis  
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Diego Luiz Warmling

## A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM FREUD

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Marcos José Muller

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Warmling, Diego Luiz  
A Construção do Feminino em Freud / Diego Luiz Warmling ; orientador,  
Marcos José Muller, 2018.  
169 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Freud. 4. Sexualidade. 5. Feminino. I.  
Muller, Marcos José.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título .

Diego Luiz Warmling

**“A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM FREUD”**

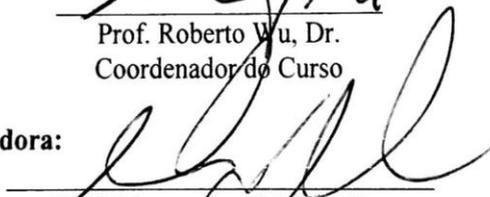
Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Filosofia”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Florianópolis, 14 de maio de 2018.



Prof. Roberto Wu, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**



Prof. Marcos José Müller, Dr.  
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Profª Carolina de Souza Noto, Drª  
Universidade Federal de Santa Catarina



Profª Silvana de Souza Ramos, Drª  
Universidade de São Paulo



## DEDICATÓRIA

Já dizia Aristóteles: “na companhia de amigos [...] os homens são mais capazes tanto de agir como de pensar” (ARISTÓTELES, 1984, p. 179). Ora, nesta conjuntura excessivamente vaidosa e golpista onde vivemos, fácil seria alegar que este trabalho é o merecido fruto de uma viagem solitária ao cume da sabedoria filosófica e que, de lá, trará para a humanidade luz, verdade e conhecimento. Mas se assim pensarmos, esqueceremos que nossa consciência é viva; encarnada por assim dizer! E mesmo que caminhemos para frente, logo notamos que somos puxados no sentido inverso e, diante do passado, não raro olhamos para trás: para as influências, implicações, percepções, referências, contribuições, etc. que nos apoiaram até aqui. E quais são estas influências senão os seres com quem vivemos: namorada, família, amigos, professores/orientadores e, inclusive, nossos animais de estimação?! Devo minha gratidão à eles, e dedico-lhes este trabalho!

Sendo assim, agradeço a Luiza – minha companheira, minha *chica!* –, que, com seu amor e atenção, me acompanhou ao longo desta jornada, entre em viagens, cachaças, sushis e muito carinho.

Agradeço, também, minha mãe (Leonice), meu pai (José Lino) e meu irmão (José Gustavo), que constantemente me amparam.

Aos amigos, infelizmente não poderei citar cada momento, mas agradeço o Lucas, o Jonas, a Nalá, a Drika, Maria, Javier, Ana, Jairo, Kauê, Rafael, Paulo, Mariana, Helen, Diego, Cedric, Feline, Julio, Camila, Lima, Erisson, Thor, Italo, Allan, Carol, Gustavo, Paz, Jean, Guilherme, Amanda, Ismael, entre tantos que me apoiaram.

Agradeço a paciência, o companheirismo, o incentivo e a referência que são e foram para mim estes professores: Roberto Wu, Luiz Alberto Hebeche, Nazareno Eduardo de Almeida e, em memória, Selvino José Assmann. Agradeço também ao Marcos José Muller, meu orientador, que, com sua disposição, organizou meus pensamentos e deu dicas incríveis! Um reconhecimento especial à Daniela Ribeiro Schneider e ao Marcos Antonio Lopes, que, além de professores, são amigos – sem este apoio minha jornada dificilmente se concretizaria. Agradeço também minha banca por seus direcionamentos e atenção: Carolina Noto, Maria Leite, Roberto Wu e Silvana de Souza Ramos.

Por fim, lembro de meu “gatuno” companheiro Oscar, que, em seus sonhos, me alegrou durante as tardes.

Agradeço à todos!



Seja qual for a “escolha” [...] para viver seu destino num ou noutro momento, de maneira espalhafatosa ou discreta, ruidosa ou sussurrante, é realmente o “querer apesar de tudo” que insiste.

(ASSOUN, 1993, p. XXIII)



**RESUMO:** De Freud, buscaremos o percurso que o fez conceber um “mais-além” das noções fálicas que serviram para compreender a sexualidade. Balizados pela proposta de uma sexualidade “mais-além”, circunscreveremos seu entendimento acerca do feminino. Entre a primeira e segunda tópica, destacaremos sua ampliação em relação ao entendimento da sexualidade e, por extensão, do feminino. Inicialmente, notaremos como, entre 1905 e 1914, Freud passa por alto o feminino quando unifica as pulsões sob a primazia de representantes fálicos, a saber: objetos ideativos ou ego. Disto, veremos como ele amplia a noção de *Anlehnung* ao ponto de, a partir dos problemas suscitados entre 1920 e 1933, enxergar no feminino um horizonte que, tácito ao investimentos fálicos, presentifica o enigma psicanalítico e indica um “mais-além” de gozo que, de uma libido normativamente ativa, não se deixa apreender por cristalizações do saber. Veremos como o feminino faz falar de uma verdade que, não-toda, conduz à *repetição*, à *morte*; à sexualidade não-fálica. Esta “*Construção...*” reconhecerá e contrastará tais formulações no intuito de nuançar o aspecto emancipador deste horizonte de perplexidade que, feminino, nos põe em contato com o vazio; com a indeterminabilidade passiva de nossos atos.

**Palavras-chave:** Freud. Diferença Sexual. Ambiguidade Pulsional. Sexualidade Não-Fálica. Feminino.



**ABSTRACT:** From Freud, we will look for the path that made him conceive a "more-beyond" of the phallic notions that served to understand sexuality. Guided by the proposition of a "more-beyond" sexuality, we will circumscribe their understanding about the feminine. Between the first and second topical, we will highlight its magnification in relation to the understanding of sexuality and, by extension, the feminine. In a first moment, we shall see how, between 1905 and 1914, Freud overlook the feminine when he unified the drives under the primacy of phallic representatives: phallic-ideational objects or ego. From this we will see how Freud expands the notion of Anlehnung to the point that, from the problems listed between 1920 and 1933, he sees in the feminine a horizon which, tacitly under phallic inversions, personifies the psychoanalytic enigma and indicates a "more-beyond" of enjoyment that, from an essentially active libido, is not limited by crystallization of knowledge. We will see how the feminine makes speak of a truth that, not all, leads to repetition, to death; to non-phallic sexuality. This "Construction ..." seek to recognize and contrast such formulations to highlight the emancipatory aspect of this horizon of perplexity that, feminine, puts us in contact with emptiness; with the passive indeterminability of our acts.

**Keywords:** Freud. Sexual Difference. Pulsional Ambiguity. Non-phallic Sexuality. Feminine.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 17
<b>Capítulo 1.FALO E SEXUALIDADE: A RESPOSTA MASCULINA À CASTRAÇÃO</b>	
1.1. <i>Pulsão</i> .....	p. 31
1.2. <i>Infância &amp; Castração</i> .....	p. 41
1.3. <i>O Universalismo da Libido</i> .....	p. 52
<b>Capítulo 2.NARCISIMO E SEXUALIDADE ANACLÍTICA</b>	
2.1. <i>Libido do Objeto &amp; Libido do EU</i> .....	p. 61
2.2. <i>Narcisismo primário &amp; Narcisismo secundário</i> .....	p. 66
2.3. <i>O Eu Ideal e o Ideal do Eu</i> .....	p. 70
2.4. <i>Anlehnung: O Rudimento do Feminino</i> .....	p. 77
<b>Capítulo 3.REPETIÇÃO E SEXUALIDADE NÃO-FÁLICA</b>	
<b>3.1. A Ambiguidade Pulsional e o “Mais-Além” de Gozo</b>	
3.1.1. <i>O Princípio do Prazer e Repetição</i> .....	p. 83
3.1.2. <i>Pulsões de Vida &amp; Pulsões de Morte</i> .....	p. 94
3.1.3. <i>Mulher, agressividade e “Mal-Estar”</i> .....	p. 106
<b>3.2. Sexualidade Feminina: a Castração Não-Fálica</b>	
3.2.1. <i>Nota Introdutória</i> .....	p. 116
3.2.2. <i>Pré-édipo, Édipo e Inveja do Pênis</i> .....	p. 120
3.2.3. <i>O “Querer Feminino” e a Feminilidade</i> .....	p. 128
<b>Conclusão. O FEMININO COMO AMBIVALÊNCIA</b> .....	p. 142
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	p. 165



## INTRODUÇÃO

Introdutoriamente, talvez a primeira questão que podemos colocar para tratar do feminino em Freud seja explicar a escolha de um título que carrega em seu slogan o indício de uma “*Construção...*”. Isto é razoável pois acreditamos que, se tal possibilidade nos coloca diante de uma conclusão capaz de restituir a ambivalência psicanalítica, paralelamente, ela só é factível porque, com o passar dos anos, Freud fora capaz de reconhecer alguns de seus descaminhos e, assim, propor uma via interpretativa que não só encarnasse o inconsciente, mas fosse “mais-além” de respostas fálico-substitutivas e fizesse falar de uma verdade que, “não-toda”, apontasse para a *repetição*, a *morte* e a sexualidade não-fálica – feminina. Portanto, não é em vão que destacaremos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *Introdução ao Narcisismo* (1914), *Além do Princípio do Prazer* (1920), *O Mal-Estar da Civilização* (1930), *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933) como norteadores desta discussão.

Guiados por estes estudos, poderemos reconhecer e contrastar as diferentes formulações defendidas pelo austríaco e, para nossa leitura, traçar seu percurso teórico até a concepção de um “mais-além” das noções fálicas, que serviram para amparar a compreensão da sexualidade. Balizados por esta proposta de uma sexualidade “mais-além”, buscaremos circunscrever o que Freud entende acerca do feminino. Situando o nosso discurso entre as proposições da primeira e as novidades da segunda tópica, destacaremos sua ampliação em relação ao entendimento da sexualidade e, para o nosso recorte, do feminino.

Pautados pela leitura de “*Três Ensaios...*” e *Introdução ao Narcisismo*, veremos, num primeiro momento, como Freud passa por alto a descrição do feminino quando circunscreve a unificação das pulsões sob a primazia de representantes fálicos de poder: objetos ideativos ou ego. Com base nestes pressupostos, notaremos, num segundo instante, que é a partir dos rudimentos suscitados pelas predileções *anaclíticas* e das questões relativas aos problemas da *repetição*, das *pulsões de morte* e da *agressividade* que o austríaco amplia seus pressupostos e enxerga no feminino um horizonte que, tácito aos investimentos substitutivos (objetos fálico-ideativos de poder ou imagens egóicas de si), personifica o enigma psicanalítico. Vital para a humanidade, o feminino indicar-nos-á um “mais-além” de gozo que, da ratificação de uma libido normativamente ativa, não se deixa apreender por quaisquer conscientização ou cristalização do

conhecimento. Neste sentido, esta “*Construção...*” buscará nuançar o aspecto emancipador deste horizonte de perplexidade que, repensado ao logo dos anos, nos põe em contato com o vazio e com o anobjetal – com indeterminabilidade passiva de nossos atos. Enunciemos, pois, os momentos elencados e, deles, extraímos nossas próprias formulações.

Ora, quando tratarmos da pulsão, da sexualidade infantil e do universalismo libidinal desenvolvidos em “*Três Ensaio...*”, veremos como, aquém da *Scientia sexualis*, as perversões nos dispõem diante de modos não-biológicos de satisfação. Se até então o erotismo humano esteve pautado pelo *instinto (instinkt)*, o diferencial de 1905 é substituí-lo por *Trieb (pulsão)*; um conceito que, apoiado em funções vitais, traduz o dinamismo de pressões e descargas energéticas voltadas para fins inespecífico. As pulsões estabelecem uma distinção não-natural da sexualidade, que, amparada pelos desvios concernentes ao *objeto* e ao *objetivo/alvo sexual*, amplia o leque dos comportamentos aberrantes.

No que tange os desvios do *objeto sexual*, constataremos, para qualquer sujeito, a viabilidade da inversão homoafetiva. Vislumbrando em cada qual uma predisposição bissexual, torna-se possível, por meio destas ideias, retirar a inversão do campo patológico. Sendo assim, à respeito das perversões do *objetivo* ou *alvo sexual*, teremos ou transgressões anatômicas que se fixam em regiões periféricas, ou demoras excessivas nas carícias prévias. Seja voyeurista ou exibicionista, os diferentes caminhos da libido no corpo se relacionam como vasos comunicantes de fluxo colateral.

Indicando-nos fins passivos e ativos, estas demoras estão relacionadas ao sadismo (inclinação ativa de subjugar o outro) e ao masoquismo, que, oposto do sadismo, indica a passividade de nossos atos. Deste contraste, surge o sadomasoquismo, que, amparado pela bissexualidade, torna-os duas vertentes de uma só perversão, cujas formas ativa e passiva se doam em proporções variáveis. Desta feita, se já não podemos deixar de acrescentar um forte quinhão de perversidade em nossa conduta, então também devemos indagar o gérmen de nossa sexualidade: a infância, que, na primeira tópica, mostrará como a vida sexual é uma resposta fálica diante da castração.

Atentando ao fato de que poucos interpretes reconheceram a regularidade das pulsões infantis, veremos como Freud rastreia na infância os traços basilares das realizações individuais, coletivas e culturais. Em “*Três Ensaio...*”, o modelo arcaico da sexualidade aparece na amamentação, quando, *anacliticamente*, o deleite do chuchar adquire independência e exclui propósitos nutritivos. Disto, o auto-

erotismo surge para expressar o modo como, ligada a uma zona erógena, a pulsão infantil se satisfaz sem recorrer a objetos externos ou uma imagem narcísica do corpo. Isto mostra como, anaclítica ou auto-eroticamente, somos, já a infância, seres “perversos” destituídos de imperatividade.

Ponderados os fatores do desenvolvimento sexual, quase anárquico, o erotismo infantil é repleto de moções transgressoras ao instinto. E será descrevendo a organização da libido no corpo que a sistematizaremos conforme as fases da vida.

Para a psicanálise, as “fases da libido” designam os estágios do desenvolvimento infantil, ora orientado por uma fixação, ora pela preponderância de uma zona erógena, ora por uma associação objetal. Cronologicamente falando, se, entre 1905 e 1915, *pré-genitais* são as disposições em que a genitália ainda não impôs sua primazia e faz-se corresponder pelas fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, então, a partir de 1923, *genital-fálica* é a fase marcada pelas perturbações da castração, da derrocada do Édipo e pelo reconhecimento unilateral da genitália masculina. Neste momento de nossa “*Construção...*”, analisaremos estas fases, salientando 1) que a castração masculina e a *inveja do pênis* feminina demarcam a divisão entre infância e vida adulta, 2) que a sexualidade é uma resposta para a castração e 3) que Freud passa por alto a descrição do feminino quando, diante das diferenças sexuais, demarca uma unificação das pulsões sob a primazia de um representante fálico-ideativo de poder, capaz de substituir a angustia da castração.

Sendo assim, se é verdade que, com o avanço da libido, a complementaridade “atividade-passividade” transfigura-se na oposição “fálico-castrado”, então o reconhecimento do falo assinalará, com a castração, o declínio do Édipo. Encontrável em ambos os sexos, o pênis será tomado por seu valor simbólico; e no que tange o feminino, a angustia da castração suscitará um sentimento peculiar: a *inveja do pênis*. Portanto, se o desenvolvimento dos sexos não é igual, o que Freud assinala pela infância é a centralidade do órgão representante da virilidade: o falo masculino.

Disto, em favor da manutenção da espécie, tem início a puberdade – uma configuração pautada pelo primado da zona genital e pelas diferenças sexuais. Balizados por estas coordenadas, veremos como, aquém de uma orientação específica, a libido é universal e neutra sem deixar de ser, normativamente, sexual e ativa.

Criada para designar o substrato das pulsões, a *libido* é uma força apta a mensurar as transformações qualitativa e quantitativamente

variáveis das excitações sexuais. Designando noções como vontade e desejo, se, qualitativamente, é, por regra, estritamente sexual, quantitativamente, permite mensurar o dinamismo energético das pulsões. Chegaremos, com isto, num *quantum de libido* integralizante dos investimentos psicosexuais, cujo substituto recebe, em 1914, o nome de *libido narcísica*, e que, face aos dispêndios objetais, se diferencia em *libido objetal* e *libido do ego*.

Buscando algo além dos referenciais fálicos, a libido, nesta tópica, tem origem nas diversas zonas do corpo, mas como é o ego que irá retê-la, ele (o ego) é a fonte dos investimentos pulsionais. A sexualidade é o reencontro, em outrem, com o narcisismo! A partir disto, surgem as diferenças sexuais que, para o escopo desta “*Construção...*”, decorrem de um universalismo libidinal.

No contexto dos “*Três Ensaios...*”, as diferenças sexuais serão determinadas por uma libido que, aquém de orientações específicas, não carrega nem a marca da masculinidade, nem a da feminilidade, mas é, normativamente, ativa e masculina. Se a libido é ativa, a satisfação pulsional só poderá ser ativa, “mesmo quando coloca para si uma meta passiva” (FREUD, 2016, p. 139). Desta feita, se as distintas organizações psíquicas serão pensadas a partir de um monismo libidinal, no que tange o feminino, rastreamos uma concepção que, aquém do Édipo, prioriza o exercício pulsional.

Ora, regulada por este universalismo, a menina desconhece sua vagina e não raro toma o clitóris como homólogo daquilo que inveja: o pênis, símbolo do poder. Ora, se Freud articula a diferença sexual a partir de um polo igualitário, a verdade é que apregoa uma indiferenciação inconsciente balizada por um princípio masculino e por um Édipo dissimétrico. Desta forma, se a mulher é conduzida a “se afiliar às regras masculinas” (ASSOUN, 1993, p. 98), então o monismo freudiano é a confissão de uma dificuldade em definir o feminino.

De fato, as disposições *ativas e passivas* mostrarão como masculinidade e feminilidade se constituem por uma mescla destes componente antagônicos. Neste contexto, salientaremos que Freud jamais foge da noção de bissexualidade. Sendo este, portanto, o conceito que nos permite compreender as manifestações sexuais dos homens e das mulheres, salta aos olhos como, diante destas funções, o feminino indica-nos um posição passiva secundária. O feminino será o resultado “da flexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32). Isto nos fará defender que, sem defini-las, “*Três Ensaios...*” encontra nos

“escutar as mulheres” a sexualidade que elas buscam: a masculina, que só historicizar-se-á a partir do falo.

Isto posto, se em “*Três Ensaio...*” o pênis (objeto ideativo de poder) é substituinte da pulsão perdida, quando indagarmos a *Introdução ao Narcisismo (1914)*, elucidaremos o primeiro deslocamento desta concepção fálica da sexualidade. Ainda situados no contexto da primeira tópica freudiana, veremos como o narcisismo é integrante necessário da vida subjetiva. Ele confundível com o próprio Eu. Todavia, no tange os limites de nossa leitura, acentuaremos não só uma forma narcísica de dispêndio, mas reavivaremos o sentido das predileções *anaclíticas*. Defenderemos que estas predileções fornecem, para a nossa “*Construção...*”, uma ilustração arquetípica apta a fazermos pensar no primeiro esboço do feminino na psicanálise freudiana.

Iniciando pelos casos de esquizofrenia (neurose ou psicose) elencados por Freud, constataremos – via narcisismo – não só que, retirando-se do mundo, a libido encontra o Eu, mas que aí opera uma distinção em seus direcionamentos: ou a libido dirige-se ao Eu (*libido do Eu*), ou ao mundo (*libido do Objeto*). Diante disto, se concedemos ao Eu independência em relação aos empenhos objetivos mundanos, é aqui onde separaremos a pulsão sexual da não-sexual (de *apoio, anaclítica*), sem, com isto, cair em teorias indiferenciadas ou abandonar a norma da libido estritamente sexual. Para nossa leitura, isto mostrará como, sem abdicar de seus postulados, Freud sempre questionou aquilo que, primordial, só faz sentido secundariamente. Salta aos olhos como o austríaco distingue as predileções narcísicas – que tomam a si como objeto de desejo – das disposições *anaclíticas*, que, *apoiadas* em funções vitais, tomam por objeto as pessoas mais próximas, sendo, por assim dizer, o rudimento da sexualidade feminina.

Ora, no que tange, as predileções narcísicas, veremos que só mais tarde o Eu se autonomiza. Destituído de qualquer egoidade pulsional, o autoerotismo surge, inicialmente, como um modo de emprego objetal não-fálico, e que só adquire autonomia após abandonar sua dependência anaclítica em relação aos familiares. A partir daí, poderemos assinalar uma forma narcísica que, situada entre o autoerotismo e o *narcisismo secundário*, é primária e, desde a infância, constituinte da sexualidade. Com efeito, se este tal *narcisismo primário* designa o primeiro estágio onde a criança orienta a libido para si, então o Eu “tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010c, pp. 18-19). Destarte, se o *narcisismo primário* representa a primeira unificação egóica do sujeito, o *narcisismo secundário* demarcará o retorno da libido ao Eu após os

investimentos mundanos. Sob a batuta desta primazia fálica, isto mostrará que talvez o encadeamento mais lógico da sexualidade seja: autoerotismo → narcisismo → escolha objetal.

Ainda no escopo das predileções narcísicas, veremos que a angustia decorrente da castração não dá conta de explicar as neuroses. Disto, pressuporemos que a repressão surge do respeito do Eu sobre si. E assim serão diferenciados o *Eu Ideal* do *Ideal do Eu*.

De fato, se os primeiros investimentos são *anaclíticos*, então acrescentamos ao Eu um *sentimento-de-si*. Disto, veremos não só que o Eu é uma síntese indefinida, mas que é concebido por suas enunciações. E uma delas é sua imagem dotada de todas as perfeições: o *Eu Ideal*, que abandona a razão para ater-se na idealização de algo. Todavia, quando sintomatizados, estes discursos são autocensores. Eles fazem surgir uma distensão da libido em relação ao *narcisismo primário*: é o *Ideal do Eu*, fomentado a partir dos investimentos no mundo e dos reinvestimentos no Eu. Desta feita, se estamos tratando do deslocamento da libido de um Eu perfeito (*Eu Ideal*) para um ideal imposto socialmente (*Ideal do Eu*), é aqui onde entenderemos que a relação entre ambos é, na realidade, o efeito de um discurso furado.

Da implicação entre real, simbólico e imaginário, sublinharemos um vazio no Eu “que remete tanto à presença da pulsão no imaginário como à presença da pulsão no outro” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 70). Portanto, sobre o narcisismo, veremos que ego e alteridade são furados. Ambos percebem no corpo a tensão alienante de outrem. Para nossa “*Construção...*”, isto será o suficiente para enfim reavivarmos o sentido do rudimento não-fálico e anaclítico da sexualidade, pois, como dissemos, se o narcisismo é uma unificação egóica, ele só se autonomiza após abandonar seu *apoio* vital.

Encerrando a leitura da primeira tópica, a disposição *anaclítica* surgirá, então, como um esboço incipiente do feminino! Tradução de *Anlehnung*, *apoio/anáclise* estabelecerá não só uma relação e uma oposição entre as catexias sexuais e de autoconservação, mas designará uma posição inatacável da libido que torna claro o quanto as pulsões estão *apoiadas* em funções vitais. Balizados pela constatação de que a criança lactante encontra sua autonomia na repetição da satisfação, este conceito expressa, ao longo do anos, a predominância tácita de um horizonte não-fálico. Ele faz supor o “fundo remissivo das pulsões” e, nestes termos, o primeiro lugar do feminino em Freud.

Para além de uma dedução metafísica, o *apoio* da pulsão é o suporte da sexualidade em funções não sexuais. É o *apoio* num processo

que se insere tanto no registro das pulsões sexuais quanto no das escolhas segundo o molde materno. Assim, encontrar o objeto é reencontrar a ligação *anacítica* que não passou pelo crivo fálico da sexualidade, mas pelo anobjetal, que, feminino, desconfia da lógica do desejo. Diante disto, se distinguimos o tipo de escolha no homem e na mulher e percebemos que, para Freud, só o homem está apto a completude objetal, então será a mulher que, dotada de um narcisismo que só ama a si, indicar-nos-á um horizonte capaz de, via *Anlehnung*, subverter/rejeitar “a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99).

Arquetípico, o feminino só é identificável consigo mesmo! Neste sentido, ele encarnará uma posição libidinal vivenciável apenas no próprio corpo, e que, por sua amplitude, desafiará a psicanálise quando, a partir de 1920, anunciar a *repetição* da castração e a sexualidade não-fálica, feminina.

Em 1920, a querela das pulsões toma um novo caminho quando Freud trata da *repetição* e da *morte*. *Além do Princípio do Prazer* sugere uma revisão do que fora imposto aos conceitos de sujeito, objeto e economia libidinal. Sendo assim, se até aqui descrevemos uma sexualidade fálica dividida entre a substituição da pulsão perdida (*pulsão sexual*) e o reinvestimento egóico (*Autoconservação*), tratar-se-á, no último capítulo, de propor o contato com o vazio, com o anobjetal – o feminino. Nestes termos, examinaremos, inicialmente, os limites do *princípio do prazer* e, via *repetição*, mostraremos, num segundo momento, como o feminino evidencia uma conduta “mais-além”.

De fato, até 1920, Freud parece ter-se contentado em entender que os conflitos mentais dirigiam-se ora aos instintos reprodutivos, ora ao “Eu”. Finalizada em 1914, a distinção entre *pulsões sexuais* e *de autoconservação* tinha em vista uma “resistência” ao livre escoamento pulsional que, evitando o desprazer, mantivesse o sistema anímico equilibrado. Diante deste predomínio do *princípio do prazer*, o aparelho psíquico esteve empenhado em conservar a “excitação nele existente a mais baixa possível, ou ao menos constante” (FREUD, 2010e, p. 164). Sendo, assim, secundário ao *princípio do prazer*, o *princípio de realidade* suscitaria, via recusa, uma seguridade nos prazeres. Por influência da autoconservação, um princípio foi substituído pelo outro. Contudo, apesar de predominantes, estes princípios jamais serão a regra, pois seus resultados não raro são avessos “à tendência ao prazer” (FREUD, 2010e, p. 165). Eis o que indica a *compulsão à repetição!*

Ora, para tratar da *repetição*, Freud abre mão de alguns causos. Das patologias da primeira guerra, diz que, dela, resultou uma grande

quantidade de pessoas cujos sonhos reviviam, na atualidade, o terror do acidente. Considerando a "normalidade", exemplifica as ocupações de seu neto Ernstl, que, por brincadeiras (“*fort*” e “*da*”), não suportava a ausência Sophie (sua mãe) a não ser por um ganho de prazer, ainda que anobjetal. Todavia, vemos como estes exemplos não contradizem a tendência ao prazer, pois jamais buscam o desagradável; antes, sanar as faltas do desejo – condição esta que não se aplica aos adultos normais.

Se até o momento o aparelho psíquico esteve pautado pela “seguridade”, é a *compulsão à repetição* em adultos que fará constatar como certas vivências retornam na atualidade, fazendo o sujeito reviver o reprimido como se este não pertencesse ao passado. Para além da “reprodução do idêntico”, a *repetição* é o impulso tácito, fugidio a significação. Reiterando a dor, não passa pela substituição objetal ou narcísica, mas deixa resíduos aquém da conscientização. Indica-nos a incapacidade de escapar da regressão e, neste sentido, uma sexualidade “mais-além” que encontra apazibilidade na angustia da castração.

Destituída de controle tético, a *repetição* dá a impressão de um destino que se repete e se renova – algo quase demoníaco. E se a relacionamos com o *princípio do prazer*, faz reviver “experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010e, p. 179). Caracteriza, neste sentido, aquilo que até momento não foi tematizado: o “mais-além” irredutível às tendências fáticas, substitutivas e conservadoras do Ego. Enxergando, nestes resíduos, um ponto de contato com o vazio/rompimento capaz amparar a hipótese do inconsciente, é aqui onde compreendemos a necessidade de um novo dualismo pulsional e aceitamos que talvez o feminino seja a personificação destas revivescências. Para nossa “*Construção...*”, tratar-se-á, então, de indagar um impulso ao estado de não-vida que remetanos ao “mais-além” da sexualidade: a *pulsão de morte*.

Em 1920, a *repetição* desembocará num novo dualismo pulsional: o das *pulsões de vida e morte*. Ora, se o *princípio do prazer* é orientado pela constância, então também revive os estados primordiais dos quais o indivíduo não foge. Estes estados revelam que “*o objetivo de toda vida é a morte*” (FREUD, 2010e, p. 204). Disto, admitiremos a possibilidade de encontro com esta evidência que – universal, indelével, anojetal e não-fática – não cessa de se renovar: a morte, Thánatos.

Circunscritas sob o signo das *pulsões de vida* (Eros), as *pulsões sexuais* e *do Eu* (elucidadas nos dois primeiros capítulos) são contra as catexias de Thánatos. É como se um conjunto disjuntivo e silencioso de forças estivesse precipitado para a frente, impelindo-nos para a morte e,

outro – conjuntivo, ruidoso e ligado ao objeto – corresse para trás, renovando a vida. Disto, ratificaremos a predominância tácita e o potencial criador das *pulsões de morte*.

Reputadas à Thánatos, as *pulsões de morte* evidenciarão um horizonte que – caótico, renovador e vazio – indica não só a desordem pulsional, mas a silenciosa potência anobjetal e criadora que permite aventar a sexualidade não-fálica. Preconizando um “mais-além” de gozo, elas conduzem ao rompimento. Indicam a força dos encontros e desencontros entre os sexos, necessária para esta “*Construção...*”. Assim, não é em vão que, desde o inconsciente, as *pulsões de morte* se relacionem com o feminino. Elas são o pivô do desejo.

Via *pulsões de morte*, Freud traz à baila a clivagem entre o masculino e o feminino. É como se Eros (vida) e Thánatos (morte) fossem extensões de uma só moeda, que, aquém da cultura, encontra na desagregação a expressão da sexualidade feminina.

Isto posto, antes de falarmos *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e da *Feminilidade* (1933), é no registo do “*Mal-Estar...*” de 1930, veremos como o feminino põe em cheque os laços civilizacionais. Destacaremos, neste contexto, uma variante da *pulsão de morte* capaz de indicar-nos a agressividade inerente em nossa constituição. Autônoma, a *pulsão de destruição* traduzirá, portanto, a facultação do outro pelas implicações que seus desejos possuem sobre os nossos. Revelando-nos os bárbaros que somos, a *agressividade* constituirá “o sedimento de toda relação terna e amorosa entre as pessoas” (FREUD, 2010h, p. 80). Ela nos fará indagar o lugar da família e do feminino junto a cultura, aquém de qualquer universalização dos afetos.

Veremos que, em prol de seguridade, os povos primitivos adotaram o hábito de tornar próximos quem os amparava e, sob o preço de um declínio da sexualidade, erigiram as primeiras famílias. Contudo, em nome de uma universalização dos afetos, muitos indivíduos esqueceram que nem todos são dignos de amor. Tais pessoas abdicaram de parte do valor do objeto de desejo para favorecer a promoção de laços culturais inibidos na meta. E se disto deduzimos certa ambiguidade entre os afetos e as imposições civilizacionais, então esta indeterminação dá-se, inicialmente, na família, que, sem desejar ceder seus indivíduos, põe-se contra a comunidade.

Todavia, se o amor familiar é pautado pelo exclusivismo, será a mulher que, pensando sob o rigor de suas proibições culturais, virá, secundariamente, “dizer a verdade sobre o amor” (ENRIQUEZ, 1990, p. 104)! Caracterizando o dissocial da sexualidade, a mulher, em razão de

seu desejo, é o antídoto contra a *morte*. Ela é a clivagem sem a qual a psicanálise fracassaria, pois faz falar “sobre uma verdade, ainda que não-toda, e assim abrir a possibilidade do inconsciente acontecer” (ASSOUN, 1993, p. 13). Nestes termos, o feminino surgirá como um fator vital para a civilização, uma vez que demarca o primado de gozo, da relação corpo a corpo; relação esta que o homem (lei fálica) não toma parte, mas encontra nela seu sustentáculo.

Proclamando uma realidade aquém da conscientização, o feminino anuncia, no “*Mal-Estar...*” de 1930, não só uma expressão privilegiada da libido, mas conduz ao reino da *repetição*, da sexualidade não-fálica – *da morte*. Para nossa “*Construção...*”, isto acentuará o desconcertante preço por ter-se desconsiderado a possibilidade de uma sexualidade como fonte autônoma de prazer. Este fator será retomado com os textos de 1931 e 1933, visando as conclusões (ambivalências).

Adentrando, então, os tópicos finais de nosso estudo, veremos que, no transcorrer do pensamento freudiano, o feminino só tomou corpo quando – a partir do novo dualismo pulsional e dos debates sobre a família – algumas mulheres se destacaram junto ao círculo psicanalítico e desencadearam uma desconstrução dos referenciais aceitos até o momento. De fato, é verdade que a primeira tópica freudiana buscou modelos capazes de ratificar um monismo sexual e uma libido essencialmente ativa/masculina que transportasse ao inconsciente as diferenças sexuais. Mas, destas teses, jamais poderemos inferir que a questão do feminino foi n’algum momento aprofundada! Neste contexto incipiente e falocêntrico, o feminino era tão somente o produto da diferenciação em relação aos objetos fálicos-ideativos de poder. Portanto, a primeira tópica passou por alto o âmbito de relações arcaicas com a mãe, deixando, inclusive, de compreender a necessidade e a predominância do horizonte feminino sob nossos atos.

Todavia, não demoraremos para assinalar que, diante de inapeláveis contestações, Freud teve a honradez de rever seus descaminhos! Não em vão que, poucos anos após as considerações sobre a *repetição* e a cultura, publica *Sobre a Sexualidade Feminina (1931)* e *Feminilidade (1933)*, onde indaga o Édipo feminino tendo em conta sua primeira, mais forte e mais duradoura vinculação: a ligação *pré-édipiana* com a mãe. Da evidencia de que a menina só atinge seu “Édipo positivo” após superar um “complexo negativo” (FREUD, 2010i, p. 373), será aqui onde enfim rastreamos uma sexualidade que não passa pela primazia do investimentos substitutivos (falo e ego), mas encontra no vazio – na repetição da castração, no “quero ver de novo” – um

“mais-além” de gozo que, vital para a humanidade, está aquém de quaisquer conscientização ou cristalizações do saber psicanalítico.

Com efeito, posto que o Édipo designa a atração infantil pelo sexo oposto, se buscamos o feminino, notaremos que a menina vive um estágio *pré-edipiano*, no qual toma a mãe como objeto de desejo e vê no pai um “rival”. Ímpar, esta fase mostrar-nos-á que os descaminhos de Freud talvez estejam relacionados ao seu descuido para com profunda ligação com a mãe.

Aquém de uma primazia fálica, veremos que a bissexualidade é essencialmente feminina. Isto quer dizer que, diferentemente do menino, opera na garota um processo bifásico decomposto entre um estágio masculino, atrelado ao clitóris (homólogo do pênis), e um feminino, ligado a vagina, outrora tão desconsidera.

No que concerne, então, o momento “edipiano positivo”, notaremos que todo o seu rigor só é aplicável ao menino. Se a menina vincula-se arcaicamente com a mãe, seu Édipo não só caracteriza o resultado do caminho criado pela castração, mas é o momento onde, desprezando sua condição, ela se engaja numa posição passiva, na qual deseja “ser possuída” pelo pai. Todavia, em razão dos possíveis modelos de feminilidade, acentuaremos que até mesmo o “Édipo positivo” carrega consigo relações arcaicas, anaclíticas e anobjetais outrora vivenciadas com a mãe. Ao recorte desta “*Construção...*”, isto mostra não só a importância do vínculo *pré-edipiano* para a menina, mas que é aí onde aventamos sua sexualidade: um horizonte não-fálico, marcado pelo primado do gozo.

Isto estabelecido, se compreendemos que a ligação com a mãe termina em hostilidade, então destacaremos a importância da *inveja do pênis* para a sexualidade feminina. Ora, padecendo durante anos sob rigor das imposições civilizacionais, não é sem reluta que a garota aceita sua diferença ao ver-se destituída de falo/pênis. Queixando-se contra a mãe por ter nascido filha, sua *inveja* designa a injustiça/humilhação que sente por ter sido lesada em sua auto-imagem. É um golpe insuplantável em seu narcisismo! Este golpe a impossibilita não só de adequar-se inteiramente na cultura, mas a condena a viver as condições pré-edipianas da sexualidade: “uma forma narcísica de amar” (POLI, 2007, p. 31). Diante disto, se o que se segue é um luta por libertação, restar-nos-á, enfim, indagar o “querer feminino” e apontar, na mulher, a reconciliação com a passividade, indicando, pela *repetição*, um “mais-além” de gozo que suspende o saber analítico e não se deixa determinar por quaisquer primado fálico ou dispositivo de saber.

Balizado pela hipótese de que o “querer feminino” é elucidável pela implicação entre atividade e passividade, Freud, em 1931, diz que, associado ao sadismo, ativo é o polo pulsional masculino e, passivo, o feminino que, anterior a objetificação, faz-se masoquista. Observa-se, nas meninas, não só um abrandamento da atividade, mas que suas volições são sempre mediadas pela fase *pré-edipiana*. Portanto, se sua sexualidade é divisível entre “tendências orais, sádicas e [...] fáticas” (FREUD, 2010i, p. 389) e se, paralelamente, a libido é um universal nomeadamente masculino/ativo, veremos, enfim, que não é a libido que se divide, mas suas metas. Isto mostra como, após a ampliação do noção de *anáclise*, Freud aventa dois modos de lidar com a castração: uma fática (masculina), outra não-fática (feminina). E é tornando o feminino o resultado de uma reflexividade pulsional que, em 1933, elucida a reconciliação da mulher com a disposição passiva.

Ora, lendo o texto, veremos que, posta a predisposição bissexual, a feminilidade não é algo cristalizável. Flutuante conforme a ocasião, ainda que prefira fins passivos, suas predileções não devem se restringir a passividade. Diante da cultura, a feminilidade lembra-nos dos costumes que condicionam as mulheres para situações passivas.

Diante disto, para além de possíveis determinismos, diremos que a psicanálise preocupa-se em indagar como, pelo “querer”, a mulher se desenvolve desde criança, quando marcada pela bissexualidade. Se, diferentemente do menino, seu desenvolvimento é bifásico e seus desejos são expressos por vias orais, sádico-anais e fáticas, saltará aos olhos como, mesmo em 1933, Freud jamais compreenderia as mulheres se não concebesse a existência daquele horizonte não-fático que a menina mantém pré-edipianamente com a mãe. E se não há como negar que, desde a *inveja do pênis*, a castração é decisiva para a feminilidade, será pela tendência masoquista de retorno da agressividade à própria pessoa e pelo predomínio das funções passivas sobre a bissexualidade que, enfim, surgirá a mulher!

Com efeito, a partir das implicações da *inveja do pênis* e da castração, o amor-próprio da garota modifica-se ao ponto de fazê-la abrandar/renunciar a atividade fática (clitoriana) e, frustrada, desatar com a mãe para, segundo impulsos passivos (vaginais), transferir-se ao pai – detentor ideativo do falo. Abstendo-se de militâncias, Freud toma o Édipo feminino como o “porto seguro” de um árduo caminho, constantemente balizado pelos resíduos daquela ligação primária e anobjetal na qual a mãe era o centro da afetividade. Neste sentido, não é

por acaso que a *inveja do pênis* expresse o “querer feminino” por excelência: um querer passivo, não-fálico e aquém da conscientização.

Ratificando, enfim, a tese de que a libido é normativamente ativa, notaremos, ao final do nosso trabalho, que Freud outorga nas mulheres um forte narcisismo! Desejando ser desejada, a mulher não só é a marca daquilo que, “mais-além”, se prende ao vazio mas, em sua feminilidade, efetua um retorno ativo para a posição passiva. Portanto, se o austríaco inquirir o feminino, o que fomenta é uma conclusão quiçá indeterminável; e isto se deve porque, desde a concepção deste “querer passivo”, a psicanálise nunca mais deixou de indagar, existencialmente, a ambivalência de nossas “próprias vivências” (FREUD, 2010j, p. 293).

De fato, em vias conclusivas, se queremos ser justos em nossa “*Construção...*”, devemos lembrar que, em favor de certa neutralidade epistemológica, Freud não raro mostrou-se conservador para com as mulheres, a luta feminista e os limites de sua doutrina<sup>1</sup>. Todavia, ainda que não aceite determinadas aspirações ou militâncias, defenderemos que não há como negar o quanto, “mais-além” do falo, suas contribuições buscaram compreender o feminino, tornando-o parte integrante e vital da humanidade.

Personificando o único domínio capaz de amparar um igualitarismo, o feminino indica-nos um subsolo de indeterminação irreduzível aos primados fálicos. Indagá-lo é inverter o saber psicanalítico; suspeitar de seu objeto e, via *repetição*, exprimir uma verdade inquestionável. Por conseguinte, é não só uma confissão de fracasso, mas aquilo que, existindo, suspende o saber psicanalítico e, num só tempo, restitui sua perplexidade e ambivalência fundamentais. Encarnação do inconsciente, o feminino é, em seu querer, um “mais-além”: uma interrogação, mas também o registro de um fragmento de verdade insolucionável.

Nestes termos, a nossa “*Construção...*” assumirá um sentido agudamente peculiar! Sem renegar ou exaltar o feminino, introduziremos a possibilidade de um horizonte não-fálico. Estamos falando de uma sexualidade “mais-além” amparada por um inconsciente involuntário, que – de uma libido normativamente ativa, universalmente

---

<sup>1</sup> Devemos lembrar que, apesar das reticências freudianas acerca do feminismo, em momento algum esquecemos que o direito de fala sobre as ocorrências pessoais e as demandas sociais deve ser, prioritariamente, das mulheres. Em nota, esclareceremos este ponto.

neutra e pretensamente igualitária – faz do humano um ser desejante, torna as pulsões comuns aos dois sexos e transporta as diferenças sexuais para referenciais vividos existencialmente, em primeira pessoa.

Perplexos, concluiremos que, primordial aos investimentos substitutivos (falo ou ego), o feminino é o símbolo de um paraíso perdido. É a passividade diante das leis fálicas. A “promessa de civilização antes da civilização” (ROUDINESCO, 2003, p. 61).

Metáfora privilegiada do inconsciente, o feminino é a presentificação do enigma psicanalítico que, indizível, deixa logos e tradição estarrecidos. É o “mais-além” que nos permite mensurar a distância entre o “saber analítico e a verdade que ele explora e que a ele se recusa” (ASSOUN, 1993, p. 24). Diante disto, se buscamos uma “*Construção...*” emancipatória, defenderemos que, para além de uma sexualidade que não pretenda libertar-nos dos grilhões do desejo, o feminino nos põe em contato com o rompimento, com o vazio, com a repetição da castração – com a ambivalência passiva de nossos atos.

## Capítulo 1. FALO E SEXUALIDADE: A RESPOSTA MASCULINA À CASTRAÇÃO

### 1.1. Pulsão

Por difícil que seja avaliar o impacto dos estudos freudianos acerca da sexualidade humana, não seria um equívoco afirmar que, juntamente com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) desponta entre suas maiores contribuições. Considerados como registros complementares de uma só problemática, se em 1900 surge o inconsciente, é aprofundando noções acerca das perversões, da sexualidade infantil e da teoria da libido que os “*Três Ensaios...*” nos disporão perante a pré-história da sexualidade humana; perante a pulsão, que, para além de uma enunciação biológica, precisa encontrar modos de se satisfazer. E ainda que uma considerável quantidade destes significantes já figurassem nos *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895), é fato que sua pedra angular seria lançada somente em 1905, quando, aquém de uma *Scientia sexualis*, Freud sonda “o quanto se pode conhecer sobre a biologia da vida sexual humana com os meios da pesquisa psicológica” (FREUD, 2016, p. 16).

Contudo, eis aí um problema, pois os “*Três Ensaios...*” passaram por várias edições e correções. Em 1924 (última edição), Freud já havia integrado as modificações exigidas pela *Introdução ao Narcisismo* (1914), *Ensaios de Metapsicologia* (1915), bem como a revisão de *Além do Princípio do Prazer* (1920).

Influenciado por sexólogos proeminentes, “*Três Ensaios...*” é elogiosamente recebido pelos especialistas. Freud e seus discípulos mencionam certa rejeição. Mas esta amargura se deve ao fato de que, desde 1886, já estava sendo produzido na Europa um amplo leque que se tratavam não só da sexualidade humana, mas da sexualidade infantil, o que tornou a obra um artigo científico entre os outros. Introduzindo, em cada edição, modificações que variavam de acordo com seus aperfeiçoamentos, não foi o lançamento de “*Três Ensaios...*” quem lhe rendeu a acusação de pansexualista. Antes, foi preciso que a psicanálise fosse aplicável ao comportamento infantil, que alcançasse outros países e que Freud rompesse com Jung acerca da libido. Foi, portanto, retroativamente que adquiriu fama a ponto inaugurar o tal “escândalo freudiano”. E se foi seu modo de sexualizar o humano que lhe rendeu acusações, Freud tanto desvinculou-se da sexologia, quanto estruturou uma libido determinante da conduta humana.

Isto posto, se, como veremos, fundamenta uma concepção universalista da sexualidade que encontra no feminino o domínio capaz de amparar a defesa de uma libido que tornaria as pulsões comum aos dois sexos, então "*Três Ensaio...*" apresenta não uma teoria da pulsão, mas a pulsão por excelência, que, desde sempre, tem a ver com a sexualidade humana. E ainda que em textos tardios possamos pressupor uma ambiguidade, é, todavia, a sexualidade quem representará o modelo da pulsão, sendo ela, provavelmente, a pulsão por excelência.

Ora, ainda que o título carregue um sentido classificatório, o objetivo de Freud ao falar – no primeiro ensaio – das *Aberrações Sexuais* é refutar os saberes já postulados. Se coloca em cheque a tradição, o que propõe é o desvirtuamento dos conceitos instituídos; e isto de modo que forneça não apenas uma teoria da sexualidade, mas possa manter-se dentro da sintaxe onde fora produzida. Predominantemente assentadas numa noção finalista onde a atividade sexual seria uma herança que, pouco variante entre os indivíduos, se desenrolaria conforme uma sequência pouco alterável, se parte das teorias amparavam-se no *instinto* (*instinkt*) para compreender o erotismo humano, Freud, por sua vez, substituirá *instinkt* por pulsão (*Trieb*), que, para além de implicações definidas, traduzirá um dinamismo de pressão e descargas energéticas voltadas para fins inespecíficos.

Considerado o conceito mais pitoresco de sua doutrina, *Trieb* como correlato de pulsão figura já nas obras de 1890, quando – em decorrência do escopo mal definido – Freud limita-se ao nível terminológico e não raro o substitui por cognatos como *excitação pulsional* (*Triebregung*), *estímulo pulsional* (*Triebreiz*), *moção de desejo* (*Wunschregung*), *excitação* (*Erregung*), etc. Todavia notamos que, ao longo de suas obras, *Trieb* é empregado centenas de vezes, ao passo que *Instinkt* só aparece para designar o comportamento animal. Isto desestabiliza a sinonímia entre os termos.

De fato, Freud jamais relacionou *Trieb* com funções propriamente reprodutoras, pois, por si só, a pulsão não é algo natural. É da submissão do corpo ao simbólico que nos referimos, não do corpo como algo biológico ou natural. A relação entre pulsão e instinto toma por base a noção de *Anlehnung* (apoio)<sup>2</sup>; e isto não para confundi-las,

---

<sup>2</sup> O termo *apoio* ou *anáclise* deriva da tradução de *Anlehnung* e designa a relação das pulsões sexuais com as funções de autoconservação, que lhe oferecem fonte orgânica, direção e objeto. Ao fim dos estudos sobre o narcisismo, especificaremos esta questão.

mas para desnaturalizar o instinto na medida em que *Trieb* apresenta-se desviante para com a autoconservação. A pulsão “não tem por finalidade manter a vida (no sentido biológico do termo); sua finalidade não é natural” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 16). Portanto, se em Freud o biológico sofre uma mudança pelo fato da pulsão ser sempre parcial, logo entendemos que este jamais assume contornos bem definidos, pois orienta uma distinção não-biológica da sexualidade humana.

Como salienta Luiz Garcia-Roza, *Trieb* sempre possui certa ambiguidade, que é “a marca de sua novidade, [...] quando comparado aos conceitos existentes” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 81); razão para, em 1924, Freud declarar que a doutrina das pulsões é “a parte mais significativa, mas também a mais incompleta, da teoria psicanalítica” (FREUD, 2016, p. 67). Se já nas condutas hereditárias podíamos antever um grande número de comportamentos aberrantes, quando consideramos as pulsões sexuais, isto adquire mais complexidade. Impelindo-nos a repensar as perversões, “*Três Ensaio...*” mostra-nos como a sexualidade supera o finalismo da época. Uma vez posto que, a partir de então, os desvios seriam demarcados pela história de cada qual, tal complexidade se deve ao fato de que as pulsões são desvios quase infinitos do comportamento instintual. Assim sendo, Freud introduz os termos a partir dos quais investiga as perversões: o *objeto sexual* – que seria a “pessoa da qual vem a atração sexual” (FREUD, 2016, p. 21) – e o *objetivo ou alvo sexual*, que circunscreve a “ação à qual o instinto<sup>3</sup> impõe” (FREUD, 2016, p. 21).

---

<sup>3</sup> Diante da tradução de Paulo Cesar Souza das obras freudianas pela editora Companhia das Letras, informamos que utilizamo-nos, em basta medida, desta edição, cuja primeira publicação ocorreu em 2010. Escolhemos ela pois foi a primeira que, no português, pretendeu oferecer o máximo de fidedignidade aos escritos de Freud. Esta é a primeira tradução que utilizou a versão alemã *Gesammelte Werke [Obras Completas]*, publicada em Londres entre 1940 e 1952, agora pertencente ao catálogo da Editora Fischer, de Frankfurt. Todavia, no tocante aos termos técnicos, salta aos olhos como o tradutor optou, inclusive, por utilizar “instinto” para designar a distinção não-biológica que Freud estabelece quando trata dos significantes da “pulsão”. Quanto a isto, Paulo Cesar se justifica alegando não haver qualquer pretensão de impor sua tradução como se esta fosse absoluta. A escolha pela manutenção de determinados termos faz-se em razão destes serem os mais fidedignos aos escritos originais. E aos leitores “que empregam termos diferentes, conforme as diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para

Feita para designar a função sexual como aquela cujo fim possui estrita relação com a reprodução, a caracterização biológica do instinto encara como perversa toda conduta que coloque em risco a espécie. Em contrapartida, se entendemos que, psicanaliticamente, a obtenção do prazer é mais fundamental que a reprodução, certos comportamentos, até então perversos, deixam de sê-lo na medida em que as pulsões assumem o referencial. Desta feita, iniciando pelos desvios concernentes a pessoa de quem deriva o apetite (*objeto sexual*), Freud comenta as três “taras” comportamentais vigentes até o fim do século XIX: se fala do número considerável de homens cujo “objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para as quais esse objeto não é o homem, mas a mulher” (FREUD, 2016, p. 21), logo empenha-se em analisar a prática da pedofilia e da zoofilia.

Com efeito, o fenômeno da inversão ou homossexualidade caracteriza a escolha do objeto sexual voltada para pessoas do mesmo sexo. Por peculiares que sejam, estas condutas jamais serão, para Freud, degenerescências. Alocando a consumação destas escolhas no inconsciente, Freud não é contra as tentativas de isolar os homossexuais, como constata, em quaisquer sujeito, a viabilidade da inversão. Trata-se de frisar que não é no *objeto sexual* onde se definem as “taras”, mas no inconsciente, que, recalcado ou reprimido, retorna na pulsão. E ainda que não explique a origem da inversão, constata, todavia, que os...

invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou (FREUD, 2016, p. 34).

Para Freud, assim como a independência da escolha objetual ao sexo, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos constitui a base a partir da qual se desenvolvem o sujeito “normal” e o “invertido”. Podendo variar entre *absolutos* (onde o objeto sexual é somente o do mesmo sexo), *anfígenos* (que apresenta

---

conservar suas opções” (SOUZA, 2016, p. 12). Sendo assim, no que compete os limites de nosso trabalho, devemos ter em mente que não abandonaremos a distinção entre “instinto” e “pulsão”, mas, sobre esta tradução, precisaremos, por exemplo, substituir “pulsão” por “instinto” e “pulsional” por “instintual”.

alternâncias entre um sexo e outro) e *ocasionais* (que, na falta do objeto normal, pode tomar uma pessoa do mesmo sexo como objeto de volição), a inversão é determinada de acordo com o desenvolvimento de cada sujeito e em função de fatores que, nem totalmente inatos nem completamente conjunturais, podem ou não acarretar algum desvio. Fazendo-nos supor que estas alternativas (inata ou adquirida) não se satisfazem quando buscamos compreender a amplitude deste fenômeno, para o austríaco, seria necessário não só questionarmos o que em cada pessoa haveria de inato sem aceitar uma explicação determinista, mas buscar saber se as múltiplas influências adquiridas seriam condição para dar conta do problema. Posta a insuficiência das respostas, Freud vislumbra, em cada qual, a disposição bissexual.

Influenciado por Fliess, entende que não falta, para ninguém, traços do sexo oposto. Seja pelo hermafroditismo ou pela bissexualidade, todo ser humano é simultaneamente constituído por disposições “masculinas e femininas que se encontram nos conflitos que o indivíduo conhece para assumir o seu próprio sexo” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 88). Por especulativa que seja esta suposição, figuram, na inversão, traços bissexuais. Estamos falando da correspondência entre as moções masculinas e femininas. Desta forma, sem jamais estabelecermos uma unidade nas metas sexuais dos indivíduos, se o *objeto* é uma conjunção de caracteres de ambos os sexos, é assim que elucidaremos a ligação entre pulsão e objetos sexuais.

Ora, se mais adiante o austríaco tece comentários sobre escolhas objetais como a pedofilia e a zoofilia, é antes de findar a análise dos desvios relativos ao objeto sexual que aponta para a necessidade de afrouxarmos a ideia que temos sobre o vínculo entre pulsão e objeto sexual. Acerca desta conexão, o que há, na realidade, é uma solda entre ambos, que corríamos o risco de passar por alto em função da uniformidade dos quadros “normais”. Desta feita, se por um lado é provável que a pulsão sexual seja independente de seu objeto, por outro, ao retirar do objeto a responsabilidade pela constituição da pulsão, as condutas desviantes supracitadas (pedofilia e zoofilia) deixam de habitar o âmbito da enfermidade para serem tratadas como aberrações relativas ao infantilismo da sexualidade.

Uma vez posta a dificuldade de observarmos, nos “loucos”, perturbações distintas dos sádios, os “perversos” tendem a se mascarar sob uma aparência de “normalidade”. Para Freud, estes apenas se mostram aberrantes devido a intensidade de suas fixações, que, por vezes, tornam-se exclusivas e são “postas no lugar da satisfação sexual

normal” (FREUD, 2016, p. 39). Assim, se não são poucos os “anormais” inseridos na civilização, é graças a novidade destas ideias que se torna possível uma conceituação das inversões que as retire do campo da patologia. E é isto, enfim, o que nos leva aos desvios relativos ao *objetivo ou alvo sexual*.

Com efeito, enquanto ação orientada para a resolução de tensões internas, o *objetivo* ou *alvo sexual* está relacionado com a pulsão em seus múltiplos âmbitos: pressão, fonte, alvo e objeto. Unívoco, este conceito designa a possibilidade de se atingir a satisfação através de descargas não qualitativas de energias que, regidas por um princípio de constância, estão ligadas numa pulsão ou alvo específicos. Recorrente desde 1890, sua importância deve-se tanto ao fato de provocar, via excitação adequada, a satisfação de uma zona erógena, quanto por diferenciar as pulsões ao dotá-las de suas propriedades. Segundo Freud, o que diferencia as pulsões entre si e as torna específicas é a “relação com suas *fontes* somáticas e suas *metas*. A fonte do instinto é um processo excitatório num órgão, e sua meta imediata consiste na remoção desse estímulo no órgão” (FREUD, 2016, p. 67).

Sugerindo uma estreita ligação entre *alvo* e *fonte sexuais* que se manifesta pela atividade de uma zona erógena, o *objetivo* das pulsões sexuais é o prazer de cada órgão. E mesmo que, dentre seus determinantes, elenquemos matrizes somáticas, suas fontes só são reconhecíveis quando partimos da recorrência de seus alvos; o que nos faz indagar a existência de desvios concernentes ao *objetivo sexual*.

Ora, é inferindo possibilidades mais amplas do que a satisfação via contato genital que, para além do normativismo, Freud irá empenhar-se na análise dos desvios caracterizados por ele. Como bem sugerem Laplanche & Pontalis, posto que os desvios apontados não são transfigurações do alvo de uma pulsão parcial, mas variantes factíveis dos alvos sexuais, então, entre os mesmos, teremos “ou alvos ligados a fontes, a zonas erógenas, diferentes da zona genital [...], ou modificações do ato sexual que dependem de um deslocamento do *objeto*” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 47). Desta forma, se o objetivo normal constitui-se pela “união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual” (FREUD, 2016, p. 40), e se, paralelamente, certas atividades trazem consigo prazeres secundários/preliminares que podem se intensificar até o enlace do alvo sexual definitivo, as perversões serão, por assim dizer, definidas ou por transgressões anatômicas que fixam a conduta em regiões periféricas do

corpo, ou por demoras excessivas nas carícias prévias, que assumem mais importância do que o objetivo sexual final.

Com efeito, acerca das transgressões anatômicas, só em raras ocasiões o *alvo sexual* se restringe ao contato genital. Abrangendo um leque de possibilidades sensitivas mais amplas, a valoração psíquica de determinados alvos pode se propagar de tal modo que certas regiões do corpo – as mucosas bucal e anal – reivindicam ser tratadas como zonas genitais. Relacionadas com uma supervalorização do objeto sexual, a constatação destas práticas não só desconstrói a limitação do *alvo* ao coito, como contribuiu para “elevar à condição de *metas sexuais* atividades que envolvem outras partes do corpo” (FREUD, 2016, p. 42). Chamando atenção para asco que, dependendo da circunstância, pode estorvar ou ser superado, os diferentes caminhos por onde a libido passa no corpo relacionam-se mutuamente como vasos comunicantes, sendo necessário considerar o fenômeno de seu fluxo colateral. As forças orientadas à “normalidade” são ultrapassadas, o que pode conduzir o indivíduo à fetichização preliminar de certas zonas do corpo.

A partir constatação de que o objeto sexual é total ou parcialmente substituído por outro que, apesar de sua proximidade, é, na verdade, impróprio para as regras normativas do alvo sexual, o fetiche assume, em “*Três Ensaios...*”, a condição da perversão, ao ponto de alguns casos se tornarem patológicos. Aqui, o substituto do objeto sexual é ou uma parte pouco adequada aos fins sexuais, ou possui relação com objetos inanimados que substituem o outro a quem se deseja. Certo rebaixamento das aspirações do aparelho sexual parece constituir a pré-condição necessária destes casos, sendo que sua ligação com a normalidade se dá pela supervalorização do objeto sexual, propagada pelas associações ligadas ao objeto. Desta feita, enquanto patologia, o fetichismo só ocorre na medida em que a fixação ocupa o lugar do alvo sexual normal e se desliga de quem emana o desejo, tornando-se o único objeto possível. A escolha pelo fetiche é, portanto, “uma ligação simbólica de pensamentos, em geral não consciente [...], que levou à substituição do objeto” (FREUD, 2016, 48).

Isto posto, observamos que os indivíduos podem ser desviados do objeto “normal” em decorrência da intensidade de certas taras ou fixações. Com efeito, acerca das demoras relativas ao *alvo sexual*, uma vez posto que certa dose de perversão é sempre indispensável, então os condicionantes (internos ou externos) que dificultariam a consecução do alvo sexual reforçam não só a tendência de demorar-nos nos atos preliminares, como a possibilidade de, destas demoras, formar alvos

aptos a assumir o lugar da normalidade. Se as impressões visuais ainda promovem a excitação límbica, então a ocultação do corpo subsequente ao avanço civilizatório tanto manteve desperta a curiosidade de completarmos e revelarmos as partes ocultas do objeto sexual, quanto sublimou uma parcela da libido para alvos “mais elevados”. Todavia, se por um lado o valor límbico da excitação pode ser desviado para outra gama de manifestações, em via paralela, o prazer de tais demoras torna-se perversão quando, ativa ou passivamente, o sujeito assume inclinações voyeuristas e/ou exibicionistas<sup>4</sup>. Disto, eis as perversões cardeais: o sadismo – inclinação ativa de subjugar ou infligir dor ao objeto sexual – e o masoquismo, que, feminino, opõe-se ao sadismo e tem a ver com a passividade de nossos atos.

De fato, a discrepância destas perversões é destacada em “*Três Ensaios...*”! Para além da *Scientia sexualis*, se por um lado a sexualidade apresenta uma via agressiva capaz de subjugar o outro e tornar o sadismo uma prática oscilável entre atitudes hostis infligidas ao objeto sexual e a satisfação condicionada pela sujeição de outrem, na contraparte, é por voltar-se contra a própria pessoa que, regressivo e feminino, o masoquismo designa “as atitudes passivas ante o sexo e o objeto sexual” (FREUD, 2016, p. 52). Se o sadismo diz respeito “a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente, exacerbado, e foi colocado na posição principal mediante deslocamento” (FREUD, 2016, p. 52), ao sujeitar o indivíduo ao condicionamento de dores advindas do objeto sexual, o masoquismo seria uma atitude perversa em que a satisfação sexual expressa a degradação da própria pessoa. Deste modo, entendemos não só que, do contraste entre atividade e passividade, serão definidas as características da vida sexual, mas que, a partir de nossa natureza bissexual, o sadomasoquismo surge como uma inter-relação necessária destas polarizações.

Com efeito, esta noção é utilizada em “*Três Ensaios...*” a fim de tornar o sadismo e o masoquismo duas vertentes de uma só perversão, cujas formas ativa e passiva doar-se-iam em proporções variáveis. Para Freud, o sadomasoquismo não sublinha somente a

---

<sup>4</sup> O voyeurismo é ato de, sem qualquer relação com o outro, observar pessoas nuas com a finalidade de obter excitação. Como aqui o objetivo envolve a violação da privacidade alheia, o voyeur sofre por desejos ativos de ver e ser visto, sendo, assim, a face oposta do exibicionismo. Já o exibicionismo possui relação com o ato de excitar-se e satisfazer-se através da exposição inesperada da própria genitália para algum estranho.

simetria e a complementaridade entre estas duas perversões, mas “designa um par antitético fundamental, quer na evolução, quer nas manifestações da vida pulsional” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 606). Uma vez que tal conceito não pode ser explicado a partir elementos ativos ou passivos isoláveis, o aspecto notável do sadomasoquismo reside no fato de que tais formas só podem ser encontradas em conjunto, como *pares de opostos*. Assim sendo, se quem se apraz em provocar dor em outrem é também capaz de gozar com padecimentos extraídos para si, então o sádico é também “um masoquista, embora o lado ativo ou o lado passivo [...] constitua sua atividade sexual predominante” (FREUD, 2016, p. 54).

De acordo com Freud, estas especulações facilmente nos reconduziriam ao referencial biologicista da sexualidade. Todavia a experiência mostra que, julgadas como normais, as transgressões são um componente pouco faltante até entre os sádios. Ainda que seja possível definir “patologia” como uma fixação total ou parcial quanto ao objetivo sexual, a partir de “*Três Ensaios...*” não se pode mais deixar de acrescentar algo de perverso na conduta humana. Para além de um sentido meramente científico, isto mostra o quão inapropriada é a atitude reprobatória da palavra perversão, haja vista que ela idealiza a pulsão em sua materialidade.

Por repugnantes que sejam, aqui a intenção é reconhecer nas perversões a dignidade de uma posição subjetiva sem, todavia, deixar de salientar que o caráter sintomático de suas manifestações dá-se não no alvo sexual, mas na sua relação com a normalidade. Se, tal como n’outras esferas da vida, a sexualidade possui um fundo de anormalidade, então, como resultado da análise das perversões, a pulsão sexual precisa, primeiramente, se distender de certas resistências anímicas. Neste sentido, Freud não só distingue perversão e pulsão, como torna obsoleta a possibilidade de uma satisfação imediata desta última. Sendo compreensíveis apenas mediante a convergência dos diversos motivos, obtemos, enfim, o indício de que a pulsão sexual circunscreve os componentes das perversões e das patologias.

Sem jamais sustentar que a pulsão sexual serve de amparo aos quadros sintomáticos, Freud entende que esta força representa a mais constante fonte energética das neuroses; e isto de modo a afirmar que a vida sexual da neurose expressa-se ou por exclusividades, ou por predominâncias, ou por parcialidades. Com efeito, se o sintoma é a expressão histórica da sexualidade, então, para a psicanálise, é, também, a manifestação substitutiva de aspirações ligadas aos estados afetivos.

Pulsantes desde o inconsciente, as neuroses aspiram por se expressarem conforme a intensidade de seu valor anímico: “uma descarga, e a encontram, na histeria, mediante o processo da conversão, em fenômenos sintomáticos” (FREUD, 2016, p. 61). Assim, como resultado destas análises, os sintomas apresentados na histeria representam, antes, uma realocação de aspirações cuja força é extraída da fonte pulsional.

Em sua evolução, a pulsão encontra inibições que ora traçam as vias da normalidade, ora atravancam ou conduzem aos desvios. Para Freud, entre a preeminência desta força impulsora e a renúncia da atividade sexual, situa-se a saída pela doença, que jamais soluciona o conflito, mas escapa a ele quando transforma a força da libido em sintoma. Todavia, vale salientar que nem sempre os sintomas surgem em detrimento da pulsão sexual, mas representam a expressão da perversidade das pulsões. A psicanálise mostra como estas manifestações se formam a partir da sexualidade anormal, tornando a neurose “*o negativo da perversão*” (FREUD, 2016, p. 63). Salta, pois, ao olhos a importância das pulsões parciais nas formações sintomáticas.

Desta feita, se, em retrospectiva, notarmos a fecundidade das condutas sexuais que o estudo das perversões proporciona, parecerá plausível decompor as pulsões sexuais em instâncias parciais, a saber: as pulsões em suas formas ativa (sádica) e passiva (masoquista), que, variantes conforme a intensidade, raramente são insoláveis. Posto que para Freud a pulsão sexual (*Trieb*) surge como “representante psíquica de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir” (FREUD, 2016, p. 66) desde o interior do organismo, as pulsões parciais são a expressão de uma força limítrofe entre o anímico e o somático, e que, desprovidas de aspectos qualitativos, emergem da relação entre a excitação de uma fonte somática sedenta de prazer (por exemplo, as pulsões anais e orais) e sua potencial supressão n’algum alvo imediato (pulsão de ver, pulsão de apossar-se, por exemplo). Entendido enfim que os sintomas comumente se manifestam em regiões periféricas do corpo, ao serem designadas como “zonas erógenas”, as fontes donde advém estas pulsões se comportam como aparelhos sexuais secundários e, não raro, assumem funções substitutivas da genitália; o que nos leva a concluir que nossa disposição à perversão não é algo excepcional, mas parte da conduta cotidiana, que, iniciando pela infância, evidencia a rede de influências constituintes de nosso comportamento.

Se o objetivo imediato da pulsão sexual é apaziguar tanto a excitação quanto a satisfação proveniente da zona erógena, ao mostrarmos como o estudo das perversões expande o número de indivíduos

pretensamente perversos, vislumbramos enfim a fórmula que nos conduzirá ao gérmen da sexualidade humana: “os neuróticos mantêm o estado infantil de sua sexualidade e são remetidos de volta a ele” (FREUD, 2016, p. 72). Seguindo o enlace da obra, nos dirigiremos ao estudo das influências de nossa vida sexual desde a tenra idade. Devemos indagar a pré-história de nossa sexualidade: a infância, que nos mostrará como, para o Freud de 1905, a vida sexual é sobretudo uma resposta fálica diante da angústia da castração.

### 1.2. *Infância & Castração*

Quando descreve a profusão das perversões e encontra nas pulsões sexuais uma predisposição perversa, Freud logo aponta a existência de uma pré-constituição tácita ao ser humano. Estamos falando das raízes da vida sexual, cujo gérmen é demonstrável pela *Sexualidade Infantil*. Com efeito, entendendo que, ao longo da história, a opinião popular desconsiderou as volições infantis como integrantes do desenvolvimento pulsional, Freud põe em cheque este paradigma para defender que a infância revela traços essenciais do comportamento sexual. Tal desatenção está relacionada ao excesso de preocupação da tradição em se ocupar da vida adulta e atribuir demasiada importância aos nossos antepassados. Contudo, é impossível nos referirmos aos fatores hereditários sem antes evocarmos acontecimentos pessoais. Sendo assim, muitos estudiosos passaram por alto a recorrência de uma fase pré-histórica, dada, por sua vez, na infância de cada qual.

Segundo o austríaco, nenhum autor reconheceu “a regularidade de um instinto na infância” (FREUD, 2016, p. 74). Não raro tida como excepcional à sexualidade, a razão desta negligência indica um fenômeno fugaz para a tradição: a *amnésia infantil*, que acoberta os anos iniciais até o sexto ou oitavo ano de vida. Ao converter a infância num âmbito pré-histórico, a amnésia carrega o peso por ter-se desconsiderado o valor da sexualidade infantil. Na contramão da tradição, a psicanálise mostra como, durante estes anos, subjaz não só um reconhecimento tácito de nossa vida mundana, mas uma latente aptidão de julgamento que, quando adultos, só conheceremos partir do outro.

Se em nenhuma outra época a recepção/reprodução da informação são tão acentuadas, então tais esquecimentos podem deixar rastros em nossa vida anímica; e isto a ponto de se tornarem determinantes de nossa conduta, levando-nos, inclusive, a supor que é nesta pré-história límbica (vida sexual infantil) onde são formuladas as

condições primárias da maturidade. E se estamos certos disto, então jamais poderemos pôr para segundo plano a latência dos significantes infantis ao desenvolvimento humano. Quando recusou-se a importância da infância para a sexualidade, recusou-se o reconhecimento da gênese comportamental humana, bem como das vicissitudes aí encontradas.

Recolocando-nos diante de nossa pré-história sexual, a análise freudiana da sexualidade infantil busca dar conta desta negligência. De fato, ainda que não possamos medir sua regularidade, é coerente aceitar que os recém-nascidos trazem consigo os germens das moções sexuais que, desenvolvidas por um período de tempo, são suspensas ou suprimidas devido o avanço das peculiaridades sexuais. Por informe que seja, o erotismo infantil é objeto de estudo desde os três anos de idade. Dele, “são formados os poderes psíquicos que depois se colocarão como entraves no caminho do instinto sexual e, ao modo de represas, estreitarão seu curso” (FREUD, 2016, p. 80).

Diante da ereção destes diques condicionantes, temos a aquisição de alguns processos que, desde a primeira infância, influem sobre as realizações individuais, coletivas e culturais. Se por um lado são inúteis por não se relacionarem com nossas funções reprodutivas, por outro, são elas que, perversas, oferecerem direcionamentos capazes, por exemplo, de provocar sensações desagradáveis. Sendo assim, se este período de latência pode despertar moções reativas capazes de erigir diques psíquicos direcionais ou supressores de certas forças, então também podem irromper como manifestações sexuais ora furtivas à sublimação, ora presentes da primeira infância até a maturidade. A latência da sexualidade infantil é o que nos permite esclarecer a origem das pulsões encontradas nas *Aberrações Sexuais*; fato este que nos faz indagar por nossa primeira manifestação sexual: a auto-erótica.

Para Freud, o modelo arcaico da sexualidade aparece no período de lactência e, dependendo do caso, pode persistir por toda vida. Estamos nos referindo ao deleite da sucção rítmica da boca com um objeto que, *anaclítico*, exclui propósitos nutritivos. Não raro combinado com a estimulação de uma parte sensível do corpo, é no chuchar (sugar com deleite) que se retém a atenção da criança ao ponto de conduzi-la para uma reação motora similar ao orgasmo. Do prazer provocado pela sucção, muitas crianças começam a se manifestar auto-eroticamente.

Utilizada pela primeira vez em 1899, esta noção remete ao estrato mais primitivo e independente da sexualidade, capaz de exigir-nos “sensações locais de satisfação” (ESB, vol. I, p. 384). Caracterizando um estado anterior ao narcisismo, o “autoerotismo” expressa, em “Três

*Ensaaios...*”, a maneira como, ligada a excitação de uma zona erógena, a pulsão sexual infantil se satisfaz sem recorrer aos objetos extrínsecos. Segundo Laplanche & Pontalis, o autoerotismo é...

em sentido lato, característica de um comportamento sexual em que o indivíduo obtém a satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, sem objeto exterior [...] Sem referência a uma imagem do corpo unificada, [...] tal como ele caracteriza o narcisismo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 79)

Para Freud, o traço mais pertinente do auto-erotismo é o fato de satisfazer suas demandas sem dirigir-se ao outro. E enquanto erige este postulado, tem em vista as características que servirão para distinguir as pulsões sexuais da natureza instintual. Ora, sendo que a primeira e mais vital ação infantil dá-se pela amamentação, salta aos olhos como, ao tocar o seio materno, os lábios da criança adquirem tamanha eroticidade que, sedentos por satisfação, encontram no leite quente a origem da sensação prazerosa e, do contato com a mama, a fonte sexual desviante ao instinto: “o objeto do instinto é o alimento, [...] o objeto da pulsão sexual é o seio materno” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 100).

Associada com as imposições alimentares, a volúpia está primeiramente *apoiada* em funções conservadoras da vida. Só mais tarde se autonomiza ao ponto de adquirir independência e fazer com que a repetição da satisfação se dissocie da nutrição. Se por um lado é o leite materno quem satisfaz as necessidades orgânicas da criança, paralelamente, ocorre um processo sexual: “a excitação dos lábios e da língua pelo peito, produzindo uma satisfação que não é redutível à saciedade alimentar apesar de encontrar nela o seu *apoio*” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 100). Na medida em que ganha autonomia frente aos impulsos alimentares, a criança tanto vai se tornando independente deste mundo cujas demandas não consegue controlar, quanto adquire uma “segunda zona erógena”, ainda que em nível prototípico.

Mostrando-nos como, desde a amamentação, somos independentes de outrem, Freud não só é contra as formulações que delimitam a criança como “ser assexuado”, como assegura que, antes do quarto ano, somos seres de gozo, cruéis, destituídos de quaisquer leis imperativas e que, em vista da satisfação, não poupamos os *objetos* e *alvos sexuais*. E se assim podemos caracterizar as *zonas erógenas* como aquelas regiões do corpo onde, em razão de uma estimulação apropriada, dá-se uma sensação orgástica qualitativamente fixada, com

base no exemplo do chuchar, qualquer região da pele suscetível de excitação pode tomar para si certas funções erógenas que a tornam sede de prazeres sexuais. Partindo, então, da histeria, vemos como o recalçamento afeta a genitália ao ponto destas transmitirem sua excitabilidade para outras regiões. Tal como no chuchar, o histérico vê qualquer parte do corpo como uma zona erógena. Consequentemente, no que tange a sexualidade infantil, seu alvo consiste em, de estimulação apropriada, suscitar, na zona erógena, uma satisfação factível a fim de que transpareça uma necessidade segura de repetição evidenciada tanto por um sentimento de tensão ou desprazer, quanto por uma sensação de prurido voltada para a zona erógena periférica. É isto, enfim, o que indica as manifestações masturbatórias, a “disposição perverso-porlimorfa” e a recorrência das pulsões parciais na organização infantil.

De fato, tal como na lactência, algumas partes do sistema digestivo podem assumir cargos relevantes no desenvolvimento da eroticidade: no caso, o anus, o pênis ou, ainda, a vagina<sup>5</sup>. Em razão de suas localizações, defecação e micção estão, desde a infância, voltadas ao favorecimento do “apoio da sexualidade em outras funções do corpo” (FREUD, 2016, p. 91). Assim, se por um lado a criança busca crescer para si o dividendo de prazer ligado a defecação, por outro, é o aparelho urinário quem funciona como tutor do aparelho sexual propriamente dito. Desta feita, sobre a zona anal, vemos a criança extrair para si um dividendo de prazer quando, retendo as fezes, acumula-as a ponto de encontrar satisfação nas estimulações decorrentes da passagem do excremento pelo anus. Assim, se já o defecar evidencia algumas perversões, paralelamente, outras zonas erógenas não necessariamente apontam para moções arcaicas, mas, futuramente, representarão a fonte predominante do prazer sexual. Estamos falando da micção (glande ou clitóris) que, frente a necessidade de repetição do prazer, ora desemboca na masturbação, ora compõe o aparelho reprodutor. Para Freud, tal atividade representa o início da vida sexual normal.

De fato, em “*Três Ensaio...*”, o despertar das zonas erógenas para o prazer está relacionado com as atividades sexuais dispostas desde a infância, através da erotização das funções de sobrevivência. Estamos falando de prazeres como o chuchar (zona oral), o reter a matéria fecal

---

<sup>5</sup> Quando nos ocuparmos das consequências do novo dualismo pulsional, veremos como, após uma ligação pré-edípica em que a atividade clitoriana indicaria um posicionamento fálico (masculino), as representações vaginais assumem, para a menina, um caráter feminino e passivo.

(zona anal), a micção e a masturbação, sendo estes dois últimos relativos a genitália. Levando em conta a necessidade de repetição das sensações prazerosas, é partindo dessa pré-disposição erótica das zonas voltadas para a micção que vemos como a ação capaz de suprimir a tensão e, num só tempo, provocar a satisfação constitui-se sobretudo pelo ato masturbatório, que, decorrente ou do contato por fricção manual ou da união involuntária das coxas, pode ser separado em três fases distintas: 1) o período de lactância, 2) a evolução sexual por volta dos quatro anos e 3) da puberdade, onde ocorre o onanismo. Isto nos leva a concluir que, se o aparelho urinário pode funcionar como tutor da genitália, quando o analista busca possibilitar a retomada da atividade sexual, ele deve ter em conta as causas e contingências do sujeito em questão.

Isto posto, se a sexualidade infantil caracteriza-se tanto pelo fato de estar apoiada numa função fisiológica, quanto por ser autoerótica, como por determinar-se pela zona erógena correspondente à pulsão parcial, então, quando passamos a considerar os fatores internos e externos do desenvolvimento, devemos ter em pauta a forte influência da sedução sobre a personalidade infantil. Proveniente dos adultos e delas próprias (as crianças), trata-se, na opinião corrente, de compreender a conduta infantil como um objeto passivo diante das impressões e conhecimentos eróticos provenientes do outro. Todavia, por mais que a sedução infantil seja a potência de toda a organização límbica, Freud alerta que o polimorfismo de suas perversões jamais pode ser confundido com as manifestações da vida adulta, quando finda o desenvolvimento da sexualidade. Não é necessariamente a sedução que aguçá a sexualidade infantil; esta também pode despertar por causas internas. Neste sentido, é justamente por não ter sido totalmente absorvida pela civilização e, ainda, conseguir preservar o caráter progressivo dos diques anímicos que – mesmo sob a intervenção sedução – a criança carrega consigo uma disposição perverso-polimorfa capaz de induzi-la à uma multiplicidade de transgressões.

Ainda que a influência da sedução apresente um objeto descartável para a pulsão infantil e embaralhe as circunstâncias iniciais da sexualidade, devemos admitir que, diferentemente da preponderância das zonas erógenas, a eroticidade infantil envolve, logo cedo, a alteridade como objeto de satisfação. Destituída de vergonha, a criança é repleta de moções autônomas e parciais desviantes por si só. Isto nos faz admitir, por exemplo, a relevância das perversões do olhar dirigido ao outro. De fato, a curiosidade de apreciar a genitália alheia persiste como se fosse uma pressão torturante a ponto de fornecer a força impulsora

não apenas da formação neurótica, como do componente cruel da pulsão sexual. E no caso da criança, este é um traço espontâneo, pois, para ela, as travas da pulsão diante do sofrimento alheio se desenvolvem tardiamente. Segundo o austríaco, a impossibilidade de colocar-se no lugar do outro carrega “o perigo de que essa união dos instintos cruéis com os erógenos [...] venha a se mostrar indissolúvel mais tarde” (FREUD, 2016, p. 101). Assim, da importância dada ao olhar, podemos eleger a crueldade perverso-polimorfa da criança como expressão daquilo que será a organização sexual pré-genital.

Dito isto, não tarda para entendermos como a evolução sexual infantil tem em vista as pesquisas realizadas pela criança, na medida em que erige um conjunto de explicações e respostas para as questões que ela mesma se coloca. Desvinculada dos componentes exclusivamente sexuais da atividade pulsional, a pulsão de saber (ou investigar) surge em 1915 para designar a curiosidade decorrente do prazer obtido pela estimulação das zonas erógenas, interna ou externamente. São os interesses práticos que, diante das ameaças existenciais do mundo, põem em curso a atividade especulativa do fedelho. Para Freud, antes mesmo de diferenciar-se do outro, o primeiro enigma de um indivíduo é saber “de onde vêm os bebês?”; o que o leva a indagar o significado das relações afetivo-sexuais e, assim, buscar a solução de seus mistérios por meio de atividades realizadas coletivamente. Desta feita, dizemos que, apesar das divergências, as teorias acerca da sexualidade infantil são o espelhamento da própria constituição infantil. Esta constatação nos leva, enfim, a traçar o modo como Freud organiza, conforme as etapas da vida, a disposição da libido de acordo com a predominância da relação objetal, sob o primado de uma zona erógena

Ora, dentre as características que se destacaram até aqui, predominou o fato da infância ser autoerótica e possuir pulsões independentes da obtenção do prazer. O resultado desta contenda é a sexualidade adulta; a reprodução da espécie. Mas enquanto sistematiza as catexias infantis, Freud preocupa-se em contrapor a sexualidade anárquica da criança com aquela que, a partir da puberdade, será altruísta e organizada sob o primado genital. E é só após a emergência da predestinação erótica de certas zonas corporais e da suposição de organizações pré-genitais que, balizado pelas noções de *zona erógena* e *relação de objeto*, assume a existência de “fases da libido”.

Ainda que jamais expressem a totalidade da evolução sexual, estas fases designam as etapas do desenvolvimento libidinal infantil, ora orientado por uma disposição fixa, ora pela preponderância de uma zona

erógena, ora por uma associação objetal. Sendo, predominantemente, atravessadas sem dificuldades, podemos dizer que, se, entre 1905 e 1915, são *pré-genitais* as disposições em que, sob a impressão de um regresso ao animalesco, a genitália ainda não impôs sua primazia e se faça corresponder pelas fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, é a partir de 1923 que Freud inclui a disposição *fálica* como representante da terceira fase infantil, dominada, por sua vez, pelas perturbações da castração, da derrocada do complexo de Édipo e pelo reconhecimento unilateral da genitália masculina. Analisemos, pois, cada uma destas fases, salientando 1) que o complexo de castração masculino e a *inveja do pênis* feminina demarcam, via Édipo, a divisão mais acentuada entre infância e vida adulta, 2) que, no escopo de “*Três Ensaios...*”, a sexualidade é uma resposta diante da castração pulsional e 3) que a psicanálise freudiana assinala a origem da primazia fálica da sexualidade humana.

Com efeito, pautado pela constatação de que é possível reencontrar na masturbação infantil as mesmas perversões evidenciadas em jovens e adultos, no ano da primeira edição de “*Três Ensaios...*” (1905), Freud indica a existência de uma sexualidade oral; mas sem atentar para a possibilidade de uma organização límbica. Todavia, não demora muito para manifestações como o chuchar assumirem destaque no desenvolvimento infantil, uma vez que, via oralidade, permitiriam mostrar como a pulsão, a princípio *apoiada* em funções vitais, pode adquirir autonomia ao ponto de satisfazer-se auto-eroticamente. É assim que, um ano após os estudos sobre o narcisismo (de 1914), Freud descreve a disposição *oral-canibalesca* como designativa do primeiro estágio da evolução libidinal, em que a atividade volitiva ainda não desvinculou-se do prazer obtido seja com a ingestão de alimentos, seja com a excitação da zona labial ou cavidade bucal. Aqui, o prazer sexual é paralelo à nutrição, fornecedora dos significantes pelos quais se exprime e se organiza a relação objetal. Assim, é tomando por *fonte* a zona oral que o *objeto* sexual (seio) estará estritamente vinculado com a alimentação, enquanto o *objetivo* apontará para a *incorporação*<sup>6</sup> do

---

<sup>6</sup> A incorporação é o ato de penetrar e sustentar um objeto dentro do corpo. Privilegiando a atividade bucal, pode “ser vivida em relação com outras zonas erógenas [...]. Constitui o protótipo corporal da introjeção e da identificação” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 310). Vale assinalar que a fase oral não é somente o predomínio de uma zona erógena, mas “um modo de relação de objeto: a incorporação” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 104).

objeto de desejo (a mama) – protótipo das futuras identificações. Acerca desta primeira fase da organização infantil, salientamos que, em função de algumas diferenças internas, ela pode ser subdividida entre fase oral precoce (sucção) e fase oral-sádica (mordedora).

Situada entre o segundo e o quarto ano de idade, o erotismo é, na fase *anal-sádica*, definido a partir da defecação e da equivalência simbólica-obsessiva entre fezes, prenda/dom e dinheiro. Este estágio é caracterizado pelo primado da zona anal, em que a ligação objetal está vinculada com as funções excretoras e ao valor simbólico das fezes, afirmando, assim, a conexão entre o sadomasoquismo e o domínio bifásico do esfíncter (expulsão e retenção). Cronologicamente falando, observamos que, entre 1905 e 1915, Freud estabelece paralelos entre a persistência do erotismo anal em adultos e o prazer infantil decorrente da retenção das fezes. Sua meta é enunciar a primeira enunciação “de uma *organização pré-genital* em que as pulsões sádica e erótico-anal predominam” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 234). Mas é somente com as remodelações de 1915 e 1924 que os “*Três Ensaio...*” circunscrevem o erotismo anal como a primeira fase da organização pré-genital, onde se constitui a polaridade “atividade-passividade”.

Situada entre as disposições orais e fálicas, a fase *anal-sádica* designa, neste sentido, não apenas a composição da libido cuja relação objetal é repleta de valores ligados com a defecação e a simbologia das fezes, mas é a instância onde coincidem “atividade = sadismo” e “passividade = erotismo anal”. É nesta fase “que se constitui a polaridade atividade-passividade que Freud faz corresponder à polaridade sadismo-masoquismo” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 105). E se é fato que esta disposição é descrita em vista do sadomasoquismo, então, dela, também é possível inferir a polaridade sexual (masculino e feminino) e o objeto alheio, faltando apenas “a organização e a subordinação à função reprodutiva” (FREUD, 2016, p. 109). Intermediária, a organização *anal-sádica* dispõe de pulsões parciais orientadas para escolhas que tem em vista o outro (o estranho), mas jamais deve ser confundida com a disposição libidinal posterior, já pautada pelo primado da zona genital.

Isto posto, adentrando o escopo de nossa “*Construção...*”, vemos que, se durante a infância é possível rastrear um conjunto de escolhas constituintes da puberdade, o estabelecimento de um primado subalterno à função reprodutora representará o último estágio da organização sexual infantil: a *fase genital-fálica*, que demarcará uma unificação das pulsões parciais sob a primazia do falo masculino, independentemente

das diferenças sexuais. Para concluir este tópico, dividiremos a análise desta disposição em duas perspectivas: cronológica e esquemática, que nos mostrarão como, nos “*Três Ensaios...*”, homens e mulheres estão sempre em busca de um falo, um representante ideativo de poder que substitua a angústia da castração.

Com efeito, cronologicamente falando, salta aos olhos como esta é uma noção tardia, explicitada só três anos após o problema da *repetição*, de 1920. Sendo transportada para a última edição dos “*Três Ensaios...*”, esta explicitação da *fase fálica* designa, n’A *Organização Genital Infantil* (1923), uma disposição da libido que, posterior às fases *pré-genitais* ulteriores, caracteriza-se pela união das pulsões sob o primado da zona genital, mas que difere da organização definitiva post-pubertária. Preparada em vista dos sucessivos modos de organização da libido e das distintas perspectivas acerca do primado fálico da sexualidade, quando Freud introduz a *fase fálica* no contexto das diferenciações entre vida infantil e vida adulta, reconhece, paralelamente, que se prefigura, desde a tenra idade, a existência de uma organização sexual muito semelhante a adulta que já pode ser reconhecida como genital. Apresentando em sí um objeto sexual e, disto, certa convergência das aspirações sobre o objeto, o que a distingue de uma organização libidinal definitiva é, contudo, o fato de que a criança é, nesta fase, capaz de reconhecer apenas um órgão genital: o masculino. Este estágio é, por assim dizer, o protótipo da oposição fálico-castrado – uma “indiferenciada constituição genital no embrião, igual em ambos os sexos” (FREUD, 2016, p. 110).

Todavia, seguindo a batuta de nomes como Laplanche, Pontalis, Roudinesco e Michel Plon, se considerarmos estes argumentos, talvez possamos sustentar que a *fase fálica* tenha sido esboçada antes de 1923. Apesar de ter sido transportada aos “*Três Ensaios...*”, sua explicitação está amparada por duas teses rastreáveis nas primeiras edições desta obra, a saber: 1) que, sendo um princípio universal, a libido “é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher” (FREUD, 2016, 139) e 2) que nas meninas “a zona erógena diretriz está localizada no clitóris; é homóloga, portanto, à zona genital masculina da glândula” (FREUD, 2016, p. 140). Sendo assim, quando Freud delinea o complexo de castração e trás, para o menino, a alternativa de possuir um falo ou ser castrado, ainda que encare a sexualidade sob um ponto de vista fálico, não deixar sublinhar o interesse da menina pelo falo, sua respectiva “inveja”, tampouco seu sentimento de “inferioridade” relativamente ao rapaz.

A noção de estádio fálico só veio a surgir num artigo de 1923, [...] mas a do falicismo já estava presente em 1915 num adendo aos *Três ensaios*, o que permitiu a Freud atribuir à libido uma única essência, de natureza masculina (viril), tanto na menina quanto no menino [...] Dessa tese, dita “falocêntrica”, nasceriam todos os debates ulteriores sobre a sexualidade feminina, a diferença sexual e o gênero (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 193)

Passando enfim para uma perspectiva esquemática, se por um lado vemos que a oposição “atividade-passividade” transfigura-se, agora, no par oposto “fálico-castrado”, d’outro, salientamos que a importância da *fase fálica* para o desenvolvimento de sexualidade conecta-se ao fato dela assinalar a linha divisória que, diante das ameaças da castração, circunscreve o declínio do complexo de Édipo<sup>7</sup>. Reconhecida como uma fase da disposição libidinal encontrável em ambos os sexos, a organização fálica “ocupa lugar central na medida em que é correlativa do complexo de castração no seu apogeu e domina a posição e a resolução do complexo de Édipo” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 225). Demarcada como um complexo composto por duas representações psíquicas que ora tangem o reconhecimento (superação da negação) das diferenças anatômicas entre os sexos, ora – por consequência deste reconhecimento – apontam para a atualização rememorativa da angústia aí suscitada (*Super-Eu*), se é fato que, assim entendida, a castração implica o naufrágio do Édipo, então, enquanto que, para o menino, a *fase fálica* representa o interesse narcísico pelo

---

<sup>7</sup> Em Freud, o Édipo expressa a conjunção dos desejos amorosos e hostís experimentados pela criança frente aos representantes paternos e maternos. Sendo o núcleo das neuroses, pode variar em duas formas: se *positivamente*, tal qual o *Édipo-Rei*, inquire a morte do rival do mesmo sexo, desejando o sexo oposto; se *negativamente*, representa o amor ao progenitor do mesmo sexo e ciúmes ao do sexo oposto. Vivido entre o terceiro e quinto ano (fase fálica), culmina nas manifestações eróticas decisivas para a maturidade. Sua queda, implicada pelo advento do complexo de castração, demarca o período de latência da sexualidade, sendo fundamental na estruturação da personalidade individual. Cada qual, busca ter domínio sobre o Édipo e, se não consegue, sucumbe à neurose. Para Freud, este é o ponto de referência mais importante a partir de onde serão determinados as patologias e suas resoluções. Mais adiante, veremos como está estruturada a diferença entre o Édipo masculino e feminino.

próprio pênis face a descoberta da ausência do pênis na menina, para esta, a descoberta da castração é quem determina a *inveja do pênis*<sup>8</sup>.

De fato, sendo o “pênis” aqui entendido por intermédio de seu valor simbólico, correlativo da *fase fálica*, o complexo de castração redundante, para Freud, em atribuir um papel prevalescente ao órgão masculino, pois sua presença (órgão fálico, no caso do menino) ou ausência (órgão não-fálico, no caso da menina) ora torna as diferenças anatômicas o critério decisivo para a classificação dos seres humanos, ora diz que, para cada indivíduo, o “pênis” “não é redutível a um dado puro e simples, antes é o resultado problemático de um processo intra e inter-subjetivo” (LAPLANCHE&PONTALIS, 1986, p. 226). Sendo assim, no que tange o feminino, vemos que a angústia causada pela verificação das diferenças anatômicas e simbólicas entre os sexos suscita a *inveja do pênis*; sentimento este que será fundamental para a constituição da sexualidade feminina, pois nasce quando a garota sente-se lesada em relação ao menino, acarretando, assim, não só um ressentimento contra a mãe, mas o desejo ambíguo de possuir o pênis e busca-lo para dentro de si, de modo que o usufrua durante o coito. A partir da infância e da castração, o que Freud anuncia para a menina é a inerência de uma organização predominantemente fálica, mas que não está preocupada em descrever as especificidades de sua vida pulsional.

Se a evolução da garota não é simétrica a do rapaz, ambas são, todavia, centradas entorno do falo, do símbolo da virilidade. E se desta exposição entendemos como o erotismo disposto para nós desde a infância pode não só prolongar-se, mas exercer impacto sobre a

---

<sup>8</sup> Quanto o emprego do termo *inveja do pênis*, vale notar que, por mais que o utilizemos conforme sugere a enunciação freudiana, esta noção indica não a inveja de órgão peniano, mas a representação simbólica e social aí suscitada, e da qual a menina seria destituída: “o pênis não a interessa, e, às vezes, inclusive a repugna; o que a interessa e apaixonou é o poder que ela lhe atribui e que a deixa com inveja” (NÁSIO, 2007, p. 53). Neste sentido, por ser uma característica predominantemente feminina, talvez sua melhor denominação seja “inveja do falo”, conduta esta que não deve ser confundida com o desejo feminino pelo pênis, uma vez que não estamos nos referindo aos impulsos próprios da maturidade sexual. Diferentemente do pênis (que designa o órgão anatômico), o “falo” “sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e inter-subjetiva” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 225). Na menina, a *inveja do pênis* é, portanto, a “inveja infantil e ciumenta de uma criança magoada, vingativa e nostálgica, que quer recuperar o símbolo do poder de que julga ter sido despossuída” (NASIO, 2007, pp. 53-54).

efetividade das escolhas adultas, será com as transformações fisiológicas da puberdade que as predileções até então encaminhadas renunciarão os objetos infantis e assumirão a conduta definitiva. Subordinando a infância e as perversões ao pressuposto de uma libido universal, teremos enfim a passagem da sexualidade infantil para a sexualidade adulta e a instauração da escolha objetal pautada pela diferença sexual.

### 1.3. *O Universalismo da Libido*

No último dos “*Três Ensaaios...*”, Freud busca explicar o surgimento de um novo alvo sexual, para o qual as pulsões se conjugarão. Com o avanço da puberdade, inicia o desenvolvimento de uma configuração sexual que, se até então era autoerótica e atuava a partir de pulsões independentes, agora encontra seu objeto definitivo. Tendo em conta as particularidades doadas desde a infância, tem-se em vista o primado da zona genital, dado a partir da diferenciação entre os sexos. A pulsão torna-se altruísta pois, em favor da manutenção da espécie, “põe-se [...] a serviço da função reprodutiva” (FREUD, 2016, p. 122). Todavia, tal como acontece na infância, na puberdade se faz notar a emergência de configurações patológicas caracterizadas por inibições ou atrasos no crescimento manifesto da genitália.

Desenvolvendo-se externa e internamente para descarregar (homem) ou receber substâncias sexuais (mulher), a partir da puberdade, a genitália volta-se ao primado de sua zona. Afetado por três fontes de estímulos que, mediante a excitação, ora decorrem do mundo externo, ora dos órgãos interiores, ora da vida anímica, não nos equivocariamos se alegássemos que, tendo em vista a tensão proveniente da excitação, esta se expressa por sinais anímicos (indicativos mentais) e somáticos (alterações nos órgão genitais). Assim, se na infância a genitália é latente, na puberdade, a tensão sexual traz consigo o desprazer.

Ora, se buscamos uma articulação entre as perspectivas biológica e psicológica, é crucial saber que o desprazer carrega a possibilidade de tornar a situação psíquica estranha ao prazer. Todavia, se o estado de tensão da excitação for de fato avaliado como um desprazer, salta aos olhos como, na prática, é vivenciado prazerosamente. Para Freud, se é gerada por processos sexuais, a tensão “é acompanhada de prazer” (FREUD, 2016, p. 124). No que tange, portanto, o estado de tensão decorrente da excitação, deve-se atentar ao modo como ele será encaixado nas zonas erógenas enquanto dá-se o desencadeamento da puberdade, pois é ela que introduz a excitação

sexual. Desta feita, se os prazeres genitais são intensificados face as alterações do órgão em questão, e se, concomitantemente, o estado de tensão não tarda para converter-se em desprazer quando não lhe é propiciado um prazer subsequente, então a querela reside em compreender como os prazeres vivenciados podem requerer-nos deleites ainda maiores. Isto nos obriga a tecer comentários sobre os mecanismos e perigos do pré-prazer.

Com efeito, as zonas erógenas são utilizadas para, da estimulação apropriada, proporcionar uma intensificação do prazer que, de um acréscimo tensional, pode resultar na energia necessária ao coito. Freud diz que esta forma de prazer difere dos outros estágios pois é provocada pela descarga total da tensão; portanto, de intensidade mais elevada. Desta feita, se o prazer é produzido tanto pela excitação das zonas erógenas quanto pela expulsão das substâncias sexuais, então podemos diferenciá-lo segundo duas acepções: o *pré-prazer* como representante, em menor escala, do que pudera ser produzido na infância e o *prazer final*, que indica as funções emergentes na puberdade.

Com a puberdade, dá-se o rearranjo do erotismo, de modo que seja empregado como meio para a produção e obtenção deste prazer de maior poder de satisfação. Porém, é pelo fato de ainda estar vinculada com a sexualidade infantil que não demora para enxergarmos, na puberdade, efeitos patogênicos derivados, por exemplo, da má formação do alvo definitivo. Os perigos revelam-se quando o prazer preliminar (*pré-prazer*) é suficientemente forte, ao ponto de extinguir ou diminuir exponencialmente a força pulsional necessária ao desencadeamento da atividade sexual. E se já na infância encontramos certas tensões ligadas com a obtenção de prazer, no que tange os perigos destas manifestações de menor escala, é aqui onde entendemos como tais processo tendem a provocar tanto a satisfação, quanto a excitação sexual.

Ora, se o prazer máximo/final é aquele capaz de suprimir a tensão, devemos, todavia, observar como a tradição deixou de lado a natureza da tensão sexual simultânea ao prazer suscitado pelas zonas erógenas. Para Freud, prazer e tensão sexual estão indiretamente relacionados, e só! Contrário não apenas à tese de que a excitação cessa quando sucedida pela descarga de substâncias sexuais, mas à opinião de que o acúmulo destas substâncias cria e mantém a tensão sexual, tanto defende a existência de funções relacionais entre tensão e descarga de substâncias sexuais, quanto salienta a debilidade destas concepções. Se visa suprimir as substâncias acumuladas, a tradição não se aplica para a

criança, a mulher e ao homem castrado, pois, nestes casos, não podemos aludir aos mesmos mecanismos do homem normal.

Para Freud, sob muitas ocasiões, a excitação independe das substâncias produzidas. As doenças que, variantes conforme a ocasião, aniquilam as células sexuais não raro deixam intactas a potência da libido. E no que tange uma disposição química da sexualidade, a “troca de sexo” reduziu a importância das hipóteses acumulatórias. Uma vez desenvolvido o aparelho genital, as substâncias químicas da sexualidade serão produzidas pelas gônadas hormonais e, em detrimento das zonas erógenas, espalhar-se-ão pelo corpo. Disto, podemos inferir que os sintomas apresentados, por exemplo, pelas neuroses são semelhantes às condutas abstinentes ou intoxicadas; o que nos obriga a considerar:

pela estimulação adequada das zonas erógenas, [...] uma substância [...] difundida no organismo é decomposta e os produtos de sua decomposição fornece um estímulo específico para os órgãos reprodutores (FREUD, 2016, p. 134).

Isto posto, trata-se de demonstrar como as descobertas sexuais da adolescência são erigidas com base nas coordenadas fixadas desde a infância, como se fossem manifestações não-téticas destas memórias recalçadas e inconscientes. Para isto, a partir de 1914, Freud lança mão de uma teoria fortemente influenciada pelo modo como narcisismo e Édipo se articulam a partir da castração. Estamos falando da teoria da libido, criada para designar o substrato das transformações da pulsão quando ao objeto, ao alvo e a fonte da excitação sexual.

De natureza estritamente sexual, o termo *libido* deriva do latim e indica noções como vontade e desejo. De difícil circunscrição, tal conceito é, para Freud, uma força apta a mensurar as transformações qualitativa e quantitativamente variáveis no domínio das excitações sexuais. Ora, de um ponto de vista qualitativo, diferentemente do monismo junguiano, a libido não poder ser equacionada como uma energia mental inespecífica<sup>9</sup>. Por mais que, genericamente, seja

---

<sup>9</sup> Discípulo Freud até os estudos sobre o narcisismo, Jung concretizou uma obra tão abundante quanto a do mestre. Este encontro não só abriu a portas do mundo para a psicanálise, como proporcionou um imenso debate sobre problemas como a esquizofrenia (*dementia praecox*), o auto-erotismo e o autismo. Todavia, por mais que tal união tenha despertado um mutuo entusiasmo, quando entram em contato, estas doutrinas manifestam diferenças radicais. Se por um lado o motivo desta aproximação foi interesse de buscar confirmações sobre o

dessexualizada, jamais assume a primazia de todos os significantes pulsionais, sendo sempre tácita aos processos anímicos. Assim, é “referida à pulsão sexual e apenas a ela, sendo irredutível a qualquer outra forma de energia anímica” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 35). Para além de mera atividade somática, é a expressão de um desejo sexual que, fixando-se em objetos, procura satisfação. E se a separamos das demais energias psíquicas, regredimos ao “pressuposto de que os processos sexuais do organismo se diferenciam dos processos de nutrição por uma química especial” (FREUD, 2016, p. 135). Desta forma, se por um lado é secundária aos processos sexuais, quantitativamente falando, fornece os meios para mensurar a produção, o aumento, a diminuição, o deslocamento, etc. dos processos sexuais.

Sendo a expressão anímica da pulsão, a libido é “uma força suscetível de variações quantitativas que poderia servir de medida para os processos e as transformações no domínio da excitação” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 34). Retirada da teoria da efetividade, enquanto a pulsão situa-se entre o psíquico e o somático, a libido designa o dinamismo energético da vida psíquica da pulsão. O que Freud faz é destaca-la do normativismo médico/científico para torná-la um componente essencial da psique humana, considerando, nisto, as demandas do sujeito. Sendo, portanto, a energia da pulsão, uma insuficiência sua pode resultar num acúmulo de tensão, exteriorizável por fixações sintomáticas. É assim que chegamos numa quantificação (*quantum*) da libido, capaz de integralizar os múltiplos investimentos psicosexuais, e cujo substituto qualitativo receberá, em 1914, o nome

---

subconsciente, as associações verbais e os complexos, discordavam quanto a sexualidade infantil, o complexo de Édipo e a teoria da libido; sendo esta o maior motivo de suas dissidências. Ora, se Jung via a libido como uma energia indiferenciada que, sexualizada ou não, poderia coincidir com uma espécie de *élan* vital correspondente à totalidade das tensões psíquicas energéticas, para Freud, por mais que a libido seja dessexualizada, ela refere-se, irredutivelmente, à pulsão sexual. Segundo o próprio, a redução junguiana não apenas obscurece o conceito, como o dilui: “tudo o que a observação psicanalítica obteve até agora é abandonado, quando [...] fazemos o próprio conceito de libido volatilizar, identificando-o com o da força instintual psíquica simplesmente” (FREUD, 2016, pp. 137-138). Nisto, o diálogo profícuo vai à bancarrota. E da parte de Jung, não só surgiram tentativas de dessexualizar a doutrina freudiana, como de compreendê-la a partir de uma organização arquetípica que definiria uma estrutura imutável que determinasse as elaborações e condutas psíquicas com base em representações coletivas inconscientes.

de *libido do ego* ou *libido narcísica*, e que, face aos dispêndios objetais, também se diferenciara segundo *libido do ego* e *libido objetal*.

Com efeito, sem deixar de distinguir a libido de outra forma de energia apta a suportar processos destoantes da vinculação sexual, esta diferenciação foi introduzida a fim de apontar algo que passe pelo cunho do não-sexual: ou a libido emprega sua energia n'algum objeto externo (libido objetal), ou toma a própria pessoa como objeto, sendo, assim, narcísica ou egóica. Entre as edições de “*Três Ensaio...*”, rastreamos asserções que fazem reconhecer tanto a possibilidade do indivíduo tomar a si como objeto, como a estabelecer uma separação entre a pulsão direcionada à alteridade e pulsões voltadas ao Eu. De fato, esta problemática será tratada logo mais, mas ressaltamos que – sendo a libido a energia da pulsão e sua meta, a satisfação de uma tensão – as pulsões egóicas orientam a energia que lhes compete a fim de servir ao Eu, visando, neste sentido, a autoconservação do sujeito diante das pulsões sexuais. Antes de ser canalizada aos objetos, a libido é investida de um elemento narcísico primário (Ego), que, posteriormente, é perante quem se retrata, na forma do narcisismo secundário.

A respeito dos destinos da libido, esta é “mantida suspensa em estados especiais de tensão e reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu” (FREUD, 2016, p. 136). Terminologicamente falando, inferimos, disto, o contraste entre uma libido direcionada ao mundo, sem qualquer inclusão do Ego (libido objetal), e uma libido que é objeto e fonte dos investimentos (libido narcísica ou do ego) e que, por conseguinte, personifica não só o reservatório donde advém as catexias objetais e para o qual retornam, mas a primeira manifestação destoante ao primado fálico da sexualidade. Segundo Garcia-Roza, o que Freud demarca com esta distinção “é o lugar do não-sexual, que primeiro vai ser ocupado pelas chamadas pulsões autoconservação e mais tarde pela pulsão de morte” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 35). Sendo assim, representando cada qual um lado da “balança energética”, podemos dizer que a libido origina-se nas diversas zonas do corpo, mas como é o ego que irá retê-la e conservá-la, este funcionará como uma fonte donde emanam todos os investimentos, pois se nos afigura “como o estado original, [...] que é apenas encoberto pelos envios posteriores da libido, mas, no fundo, permanece por trás dele” (FREUD, 2016, p. 137).

Seguindo o enlace destes apontamentos, vemos, por conseguinte, como – para além de uma organização *fálica* sistematizada segundo o referencial masculino – Freud firma, a partir da puberdade, o primado da zona genital, voltado não só ao novo alvo sexual, mas para a

consumação psíquica do reencontro objetal latente desde a infância. Se aponta um modo *anaclítico* de investimento, busca também o *narcisismo* do sujeito, reencontrado em outrem. Sendo a sexualidade adulta aqui determinada pelo reencontro com os significantes recalçados ou reprimidos, a interação da criança com as pessoas mais próximas servirá não só de fonte para as zonas erógenas, mas preparará a escolha objetal definitiva, que, espera-se, restaurará aquele estado narcísico de felicidade perdido n'algum momento. Contudo, o austríaco logo nos lembra que, concomitantemente à maturação sexual, é erigida a barreira do incesto, cuja função é incorporar no indivíduo os preceitos morais que ora excluem os familiares da escolha objetal, ora representam uma demanda cultural (*Super-Eu*). Neste sentido, dizemos que é na esfera da representação onde serão consumadas a maioria das escolhas de um/uma jovem. Fantasiando, este/esta regride às inclinações infantis, agora acrescidas pelo primado da zona genital, diferenciado, por sua vez, pela atração “do filho pela mãe e a da filha pelo pai” (FREUD, 2016, p. 149). Co-extensivamente ao repúdio destas fantasias incestuosas, dá-se, enfim, a vivência mais traumática da puberdade: “o desprendimento da autoridade dos pais” (FREUD, 2016, p. 149).

Após assegurar-nos que a constituição definitiva representa um reencontro com as predisposições da infância, nas últimas páginas do texto, Freud retoma questões pertinentes aos fatores hereditários e adquiridos da sexualidade. E ainda que defenda uma complementaridade<sup>10</sup> entre ambos, sugere, entretanto, que as neuroses decorrem sobretudo de fatores constitucionais. Mesmo se prefigurada na infância, com a puberdade, predomina a subordinação das fontes sexuais à zona genital e aos processos de encontro com o objeto; donde decorre a barreira do incesto e a diferenciação sexual (masculino e feminino). Estes processos servem tanto para atenuar a importância do biológico,

---

<sup>10</sup> Cômico das dificuldades em calcular a proporção dos fatores inatos e adquiridos da sexualidade, Freud lança mão da série complementar (ou etiológica), decomposta entre disposicional e definitiva. Ora, se o fator constitucional necessita das experiências para pôr-se em vigor, e o acidental, apoiar-se em funções inatas para ter algum efeito, então, sendo complementares, “as intensidades decrescentes de um fator são compensadas pelas intensidades crescentes de outro” (FREUD, 2016, p. 167); e isto, é claro, sem desconsiderarmos os casos limítrofes da série. Portanto, etiológicamente, a constituição e as vivências disposicionais infantis interagem de modo similar às vivências definitivas da vida adulta, sendo esta, quando patológica, caracterizada por uma regressão à uma fase precedente da libido.

quanto para conferir elaborações ulteriores aos fatores constitucionais. Sendo assim, se nos “*Três Ensaios...*” os fatores somáticos possuem primazia, eles não são, contudo, determinantes da sexualidade, uma vez que podem sofrer por vicissitudes ocasionais. E “essa *elaboração ulterior* é que traz a decisão final” (FREUD, 2016, p. 163).

Isto estabelecido, resta-nos, a partir de “*Três Ensaios...*”, diferenciar os significantes masculinos e femininos da sexualidade humana. Esta elucidação decorre de uma concepção universalista da libido que nos permitirá acentuar as características da sexualidade feminina quando tratarmos da *repetição*, da *agressividade* e da castração não-fálica. No escopo desta primeira construção, notamos como Freud abre mão de uma descrição do horizonte feminino pautado por uma definição da libido que, aquém de uma orientação específica, é essencialmente neutra, ou seja, não carrega nem a marca da masculinidade, nem a marca a feminilidade, e tampouco porta qualquer indicação sobre a natureza do objeto que irá investir-se.

De acordo com o texto, ainda que na infância seja possível antever as disposições masculinas e femininas, é com o advento da puberdade que se estabelece o contraste quase decisivo destes pares. Ora, na criança o autoerotismo é idêntico em ambos os sexos; mas se levarmos em consideração os significantes pós castração, veremos como o anarquismo infantil não se basta, pois se manifesta, agora, a possibilidade de uma diferenciação pautada pelos moldes do primado genital. Sendo assim, não podemos negar que as diferenças anatômicas indicam, via Édipo e castração, condutas psíquicas diferenciadas:

A puberdade, que traz ao menino aquele grande avanço da libido, caracteriza-se na menina por uma nova onda de repressão, que atinge justamente a sexualidade clitoriana. É uma parcela da vida sexual masculina que aí sucumbe à repressão (FREUD, 2016, p. 141)

Mas se isto é verdade, formula-se a hipótese de que, independentemente de onde esteja alocada (homem ou mulher), a libido é, regular e normativamente, masculina, ou seja, ativa. Para a psicanálise freudiana, a diferenciação sexual decorre de uma concepção monista da libido. As diferenças anatômicas aponta, através do Édipo e da castração, para organizações psíquicas distintas; mas se de fato existe este contraste, ele deve ser pensado desde uma perspectiva unificadora; de uma libido única que, ativa, seja capaz de definir a sexualidade. E no

que, enfim, tange a sexualidade feminina, rastreamos uma concepção que, aquém das identificações edípicas, prioriza o exercício pulsional!

Em verdade, não podemos negar que, desde 1905, Freud pôs em questão a sexualidade humana. Pautado não só por uma possível união entre o biológico e o psicológico, mas pelas observações entorno da sexualidade infantil, não descreveu a diferença sexual por meio de estudos anatômicos, tampouco desejou arbitrar sobre a condição feminina na sociedade de seu tempo. Sob o ponto de vista de uma libido única, universal e neutra, mostrou-nos como, na infância, a menina desconhece a vagina como expressão de sua feminilidade e toma clitóris como como homólogo daquilo que inveja, a saber: o pênis, o falo, o representante ideativo de poder. E se é em função desta dissimetria que o vemos articular um polo único de representações capaz dispor igualmente os dois sexos, dizemos, portanto, apreendeu uma “indiferenciação inconsciente [...] sob a categoria de um único princípio masculino e de uma organização edipiana em termos de dissimetria” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 706). E se é fato que – em nome deste normativismo libidinal – não raro a mulher (usuária da libido) seja conduzida a “se afiliar às regras masculinas de funcionamento” (ASSOUN, 1993, p. 98), por estranho que pareça este viés universalista e inconscientemente indiferenciado, não devemos, todavia, confundir-lo com um sintoma machista de Freud!

Seu monismo é, antes, a confissão da dificuldade ao buscar definir as características femininas da sexualidade. É neste sentido que, logo após enunciar as peculiaridades mais comuns dos meninos e meninas, reconhece, em nota de 1915, sérias dificuldades na utilização dos termos “masculino” e “feminino”. Por mais inequívocos que sejam diante da opinião comum, declara que estes termos “são na verdade [...] difíceis de determinar quando se trata de fazer ciência” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 109). Desta forma, ainda que a sexualidade feminina seja secundária aos referenciais masculinos, se buscamos uma definição precisa, devemos passar a considerar ao menos três sentidos possíveis para a diferenciação sexual: o biológico, o sociológico e o psicosssexual – que, para a nossa construção, será o mais interessante.

Com efeito, biologicamente, a distinção entre “masculino” e “feminino” é marcada pela presença, em cada sexo, de glândulas produtoras de espermatozoides ou óvulos. N’outra via, o sentido sociológico demarca as variações do comportamento individual, conforme sua inserção numa cultura. Contudo, a psicanálise alerta ao relativismo destes sentidos, pois, se isolados, não prevêm as variações

de cada qual. É neste interim, portanto, que Freud passa ao sentido psicosexual das disposições *ativas e passivas*. Sempre implicadas entre os demais sentidos, estas nos mostram como masculinidade e feminilidade se constituem, no sujeito (homem ou mulher), por uma mescla de componentes ativos e passivos.

De fato, com a puberdade, os termos “masculino” e “feminino” passam a ser respectivamente utilizados no sentido de *atividade* e *passividade*. Neste contexto, a libido é descrita como masculina, pois “o instinto é sempre ativo, mesmo quando coloca para si uma meta passiva” (FREUD, 2016, p. 139). Defender que a libido é masculina equivale a dizer que ela é “invariável e necessariamente de natureza ativa” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 110). Não obstante, para além de possíveis acusações, é fato que Freud jamais foge da nossa essência bissexual. Encontradas em diferentes medidas, atividade e passividade apontam a bissexualidade tática dos homens e mulheres. Esta noção define uma síntese mais ou menos harmoniosa entre os traços masculinos e femininos: faz constatar que cada pessoa carrega consigo uma polifonia de combinações sexuais com atributos ativos e passivos do sexo oposto. Para Freud, a bissexualidade é o fator decisivo sem o qual “dificilmente poderemos chegar à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher” (FREUD, 2016, p. 140). Isto põe em cheque as acusações de machismo.

Desta feita, se entendemos que homens e mulheres dispõem de funções ativas e passivas, vale salientar que, no âmbito dos “*Três Ensaio...*”, o horizonte feminino circunscreve uma disposição passiva, secundária da pulsão. Uma vez posto que a libido é, por assim dizer, pautada pelo signo da *atividade/masculinidade*, a satisfação pulsional só pode, portanto, ser ativa; e isto independe de qualquer diferença sexual, pois indica um princípio inconsciente. Mesmo quando, passivamente, se faz objeto para o outro, “é de uma passividade ativamente produzida que se trata” (POLI, 2007, p. 32). Sendo, assim, afiliado ao “normativismo masculino” da libido, o horizonte feminino é resultante “da reflexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32); o que torna claro como, sem definir a sexualidade feminina, este primeiro movimento dos estudos freudianos encontra, na escuta às mulheres, a sexualidade que elas buscam: a masculina, que só vai historicizar-se a partir do primado do falo.

## Capítulo 2. NARCISIMO E SEXUALIDADE ANACLÍTICA

### 2.1. *Libido do Objeto & Libido do EU*

No capítulo anterior, o autoerotismo era o rudimento do ego. Sendo um objeto anárquico de observação hipotética, tanto independia da alteridade, como das funções biológicas. A pulsão se satisfazia sem ter de recorrer aos objetos externos; orientando, assim, uma distinção não-biológica, neutra e universalista. Entretanto, se isto é verdade, é pelo fato da satisfação dirigir-se ao próprio corpo que devemos considerar o amor que o sujeito cria a partir da sua imagem. Em referência ao mito de Narciso, questionaremos a relação do autoerotismo com aquilo que, neste capítulo, surge como reinvestimento da libido em direção ao Eu. E se, ligados com uma objetividade libidinal, até então encontrávamos numa primazia fálica as respostas acerca da sexualidade, mas que, todavia, fez a mulher esmaecer do campo psicanalítico, tratar-se-á não só de introduzir uma forma narcísica de investimento, mas de trazer novamente ao índice aquilo que fora relegado à marginalidade.

Foi como se a mulher voltasse bruscamente à tona na teoria psicanalítica, como uma singularidade *sui generis*, uma cristalização do narcisismo desde então identificável nela mesma. E ainda havia mais: a mulher passou a servir, assim, para pensar o próprio narcisismo, fornecendo sua ilustração arquetípica. (ASSOUN, 1993, p. 98)

Impelido por tais necessidades, Freud lança, em 1914, sua *Introdução ao Narcisismo!* De fato, este termo surge em 1910, quando, em nota de “*Três Ensaios...*”, buscava-se explicar a escolha objetual dos homossexuais a partir da constatação de que estes não só tomavam a si como objeto sexual, mas procuravam em pessoas do mesmo sexo o amor outrora oferecido pela mãe. Seja com o estudo sobre *Leonardo da Vinci* (1910)<sup>11</sup>, seja na análise do *Caso Schreber* (1911)<sup>12</sup> ou, ainda, em

---

<sup>11</sup> Publicado no ano da primeira menção ao narcisismo, *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância* (1910) busca demonstrar o caráter sexualmente inativo e homossexual de uma de suas memórias, que fora convertida em *pulsão de saber* após o estancamento da libido numa das fases do desenvolvimento infantil. Tal lembrança era a recordação de um abutre que, pousado sobre seu berço, introduzia a calda em sua boca. Para Freud, esta

*Totem e Tabu* (1913)<sup>13</sup>, até 1914 esta noção caracterizou uma fase que, entre autoerotismo e amor objetal, não só evidenciou o quanto o

---

memória liga-se ao aprisionamento de Leonardo na fase oral, onde a satisfação sexual vê-se apoiada em interesses nutritivos. Ora, sendo um filho ilegítimo criado pela mãe, não existiu, para o pintor, a figura do pai, o que tornou as condutas ligadas a mãe algo a ser esquecido frente a repressão. A descoberta da castração da mãe é motivo de espanto; e isto causa em Leonardo uma regressão da libido ao estágio onde a mãe é preservada em sua caracterização fálica. Reprimindo seu amor pela mãe, o menino “coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor” (ESB, vol. XIa, p. 61). Desta negação, torna-se homossexual. Amando-os como amou a mãe, diz-se que optou pela via narcísica, pois, assim como na lenda grega, “era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra” (ESB, vol. XIa, p. 61). Segundo a análise, a maior parte da libido do gênio não só se fixou na mãe, como foi sublimada em suas criações. Assinalando que é a constituição do ego como imagem de si quem fomenta a distinção entre autoerotismo e escolha objetal, através Leonardo da Vinci, Freud passa a distinguir narcisismo e autoerotismo.

<sup>12</sup> Um ano após a primeira menção ao termo, Freud analisa o narcisismo com base numa compreensão incipiente da homossexualidade masculina. Pautado pelas *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903), *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia* (1911) demonstra, contra Jung, a validade da teoria das psicoses face aos delírios de Daniel P. Schreber. Com efeito, se as “*Memórias...*” descrevem as alucinações de um sujeito “perseguido por Deus”, os urros de Schreber expressam, para Freud, um indivíduo em revolta contra o pai; sendo a homossexualidade, portanto, a fonte de seu delírio e o ódio, mecanismo da paranoia. Buscando, pela doença, uma cura, é aqui onde Freud separa narcisismo de autoerotismo e amor objetal, tomando-o como uma fase normal da sexualidade. Em 1911, o narcisismo (*Narzißmus*) designará a fase intermediária entre o autoerotismo e os empenhos objetais, na qual o indivíduo, “primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto” (FREUD, 2010b, p. 52). Assim como *Leonardo*, Schreber se fixa na imagem da mãe, identificando-se com ela a ponto de tornar-se seu objeto sexual. Na medida em que se defende do homossexualismo, seus sintomas são manifestos por um desejo disfarçado de alguém semelhante a si e por uma introversão da libido ao ego. A análise de Schreber supõe “que os paranoicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e a dizer que o *recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia” (FREUD, 2010b, p. 63).

<sup>13</sup> Em 1913, *Totem e Tabu* oferece conclusões semelhantes ao *Caso Schreber*, e aloca o narcisismo entre o autoerotismo e os dispêndios objetais. Dispondo a neurose no nível das ações psíquicas mais primitivas, Freud descrever o sentimento de onipotência desta atitude como correlato da crença infantil na

indivíduo toma a si e ao seu corpo como objetos de amor, mas que salientou a primeira unificação das pulsões. Todavia, se não raro Freud fundamentou as psicoses com base na ideia de que o delírio é uma defesa contra o homossexualismo e não uma introversão libidinal dessexualizada, então o diferencial de 1914 é que o narcisismo passa a ser parte constituinte dos investimentos libidinais. Se até aqui mostramos como o falo é um objeto substitutivo da pulsão perdida, trata-se agora de elucidar como, a partir do narcisismo, impera um deslocamento na compreensão objetual e fálica da pulsão sexual.

De modo especialmente nítido em pessoas [...] como pervertidos e homossexuais, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de *narcísico* (FREUD, 2010c, p. 32)

Freud fomenta esta consideração tendo em conta os indivíduos que tratam o próprio corpo como objeto de desejo. Ora, se desenvolvido a ponto de reivindicar um lugar na sexualidade, o narcisismo pode absorver a vida límbica. Contudo, a psicanálise alerta que muitas destas características são encontráveis em pessoas “normais”. Neste sentido, o narcisismo jamais pode ser confundido com uma perversão, pois seria um complemento libidinal diante da autoconservação egóica – um outro modo de investimento. A formação narcísica é necessária para a vida subjetiva. Ela é a condição de formação do Eu, confundível com o Eu.

Não sendo, portanto, uma porção anômala, Freud diz que um dos grandes motivos para considerarmos um narcisismo inerente na ação humana pode ter aparecido quando buscou-se incluir os casos de esquizofrenia (*dementia praecox*) na teoria da libido. Furtivos, tais casos apresentavam quadros megalomaniacos que, majoritariamente, ligavam-se ao abandono das ligações afetivas para com as coisas e pessoas. No limite da patologia, constatou-se que os neuróticos possuíam relações problemáticas com a realidade; sendo mantidas somente em fantasia. Nos casos de psicose, mostrou-se, ainda, que a libido retirava-se completamente das relações mundanas; sem nisto figurar qualquer

---

onipotência de seus sentimentos. Assinalando um narcisismo infantil originário, esta obra buscou o rudimento das sociedades e religiões a partir da ideia de que a história individual é a repetição da história geral da humanidade.

suplência. Quando ocorriam, tais retrações tinham por base a tentativa do sujeito em reconduzi-la para a normalidade objetal. Desta forma, se enfim questionarmos o destino desta pulsão retraída, entenderemos que, quando Freud diferencia as neuroses e as psicoses, tal diferenciação obedece a discrepância entre os casos normais de retração sublimatória da libido e as condutas patogênicas dissociativas. Seja pela fantasia, seja pela recusa, quando retira-se do mundo, a libido dirige-se ao eu, formando assim a conduta narcisista secundária, que, edificada sobre um narcisismo primário obscurecido, surge da retração dos investimentos mundanos. Isto posto, se desde as constituições mais arcaicas vislumbramos uma superavaliação de certas premissas, então torna-se imperativo distinguir uma *libido do Eu* de uma *libido do Objeto*. Estamos falando de “um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto” (FREUD, 2010c, p. 17). Esta distinção não passa pela pulsão, nem pela separação entre sexual e não-sexual, mas aponta a libido, que dirige-se ou ao Eu ou ao mundo.

De acordo estes pressupostos, se quisermos relacionar narcisismo e autoerotismo, não podemos conceber a existência de qualquer unidade comparável ao Eu – sendo este, portanto, uma identidade em desenvolvimento. Como se fosse uma nova formação psíquica, a função narcísica deve, numa primeira instância, ser acrescida ao autoerotismo infantil para que possa dar forma à sua constituição primária. Isto nos leva a crer que os “instintos autoeróticos são primordiais” ao Eu (FREUD, 2010c, p. 19). Todavia, se admitimos ao Eu um investimento libidinal primário, precisamos distinguir a pulsão sexualizada de um investimento vital, ou melhor, não-sexual, de *apoio – anaclítico*.

Ora, é valendo-se da empiria clínica que, para Freud, o valor dos pares antitéticos *libido do Eu* e *libido do Objeto* reside no fato de ambos decorrerem intimamente dos processos neuróticos e psicóticos. Esta distinção é o prosseguimento da separação entre pulsões sexuais e pulsões egóicas (Cf. FREUD, 2010c, p. 20). Para além da mera utilidade clínica, há, com efeito, vários pontos em seu favor; e um deles é a constatação de que o indivíduo teria uma vida funcionalmente dupla.

Sendo, num só tempo, um “fim em si mesmo” e o “elo de uma corrente”, se, por um lado, o sujeito enxerga a sexualidade como um de seus propósitos, paralelamente, a reflexão mostra-o tão somente como um “apêndice de seu plasma germinal” (FREUD, 2010c, p. 21). Assim, é tomando os alicerces empíricos da vida psicológica como fundamento

desta distinção que, mesmo sendo uma hipótese remota, talvez possamos defender que a libido não seja mais do que o produto de uma diferenciação energética da psique. E se de algum modo isto não se sustenta, devemos, diz Freud, procurar ver o que, da biologia, pode se vislumbrar a partir de uma síntese dos fenômenos psíquicos.

Empiricamente, devemos perguntar: se, com o advento do narcisismo, o Eu é investido libidinalmente, como, então, diferenciar a pulsão sexual da não-sexual sem cair em generalizações ou ceder espaço à teorias indiferenciadas como as de Jung? De fato, em função de algumas dificuldades na análise de Schreber, Freud se vê obrigado, diante de Jung, a revisitar suas arguições para não abandonar o aspecto sexual da libido. Foi conduzido, alega, “a estender o conceito de libido, isto é, a abandonar o seu conteúdo sexual” (FREUD, 2010c, p. 23). Contudo, diante desta afirmação, lembramos que o desafio de 1914 é articular a recusa psicótica com a proposta universalista da libido. Isto conduziu Freud a reafirmar que jamais expressou “tal renúncia à teoria da libido” (FREUD, 2010c, p. 23), mas também a rechaçar a opinião de Jung acerca do fracasso de sua teoria no trato da esquizofrenia. Desta feita, não podemos negar que os desafios de ambos sejam os mesmos, mas temos em mente que, para Jung, a libido é inespecífica.

Para Freud, Jung toma a psicose como um caso de introversão da libido na subjetividade. Isto não só empobrece a relevância dos vínculos externos sobre o sujeito, como torna as diferenças entre neurose e psicose uma questão de grau. O austríaco afastou dos seres humanos o interesse sexual! É neste sentido que se considera a libido em Jung uma noção excessivamente ampla, pois, em prol de um retorno à subjetividade, ele sublimou a sexualidade num acentuado interesse “por coisas divinas, naturais, animais, sem haver experimentado uma introversão de sua libido a suas fantasias ou um retorno dela ao seu Eu” (FREUD, 2010c, p. 24). E ainda que em algum ponto Freud deseje acompanhar seu pupilo, declara não conseguir deixar de separar a retração da libido em direção ao ego (narcisismo) da retração da libido aos objetos fantásticos (introversão). Aquém de um direcionamento, a ideia de uma libido global e indiferenciada despreza a distinção entre o interesse decorrente das fontes eróticas e o interesse oriundo de outras fontes, que não passam pelo cunho sexual. Portanto, se antevemos que os desencadeamentos teóricos desta separação entre *libido objetal* e *libido egóica* tendem a resultar na primeira formulação que extinguiria a separação entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, também não devemos esquecer que Freud não raro indaga àquilo que, diante do falo e em sua

primordialidade, só faz sentido secundariamente. Estamos nos referindo ao *apoio* não-sexual da pulsão sexual; a escolha anaclítica, que, no último tópico deste capítulo, será o rudimento da sexualidade feminina

## 2.2. *Narcisismo primário & Narcisismo secundário*

Mesmo em 1914, as parafrenias continuam sendo o principal acesso ao narcisismo. Contudo, a interpretação das doenças orgânicas, da hipocondria e da vida amorosa ainda está aberta. De fato, não podemos negar que, quando alguém sofre de alguma dor orgânica, não raro perde o interesse pelas coisas alheias. Tal como se estivesse em estado de sono, o doente, em favor de sua cura, retira seus investimentos do mundo, dirigindo-os ao Eu: “libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis” (FREUD, 2010c, p. 26).

N’outra via, a hipocondria retira tanto o interesse sexual quanto a libido do mundo, de modo a concentrá-los no órgão lesionado. Pode-se dizer que em neuroses como a angustia e a histeria também se desenvolve a hipocondria, o que nos faz crer que as características sexuais não só estão espalhadas pelo corpo, mas que cada alteração orgânica é dotada de investimento libidinal. E se já nos acostumamos a entender as formações doentias como decorrência de “represamentos”, diante destes casos, não estranharemos a ideia de um estancamento sintomático da *libido do Eu*. Seja em objetos reais ou fantasiosos, as elaborações psíquicas ajudam, em favor da autoconservação, a desviar o excesso de excitações inapropriadas para as descargas externas diretas.

Todavia, ainda que o egoísmo nos proteja contra os sofrimentos vindouros, é preciso “começar a amar para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 2010c, p. 29). E é no instante deste investimento da libido do Eu no mundo e nos outros onde se delinea a terceira via ao narcisismo: a vida amorosa dos seres humanos. Ora, se a escolha dos significantes sexuais do autoerotismo infantil é experienciada em conjunto com a autoconservação e se, paralelamente, a *libido do objeto* esconde o acesso ao ego, então a vida amorosa apoia-se no Eu para só mais tarde tornar-se independente dele. Analogamente às diferenciações orgânicas e a hipocondria, a separação entre as afecções amorosas e as neuroses mostram-se posteriormente, quando, na neurose, a libido é represada e investida em objetos irrealis, fantasiosos ou, ainda, retorna ao Eu.

De fato, para que a *Introdução ao Narcisismo* justificasse sua proposta, Freud não só teve de assinalar um *narcisismo*<sup>14</sup> intermediário entre o autoerotismo e o *narcisismo secundário*, como lhe foi necessário negar a existência de qualquer egoidade entorno das pulsões autoeróticas da infância. E se o enamoramento é, afinal, uma superestimação narcísica de outrem, salta aos olhos como o austríaco fomenta uma separação dual das escolhas objetais do indivíduo. Estamos falando das predileções narcísicas – que tomam a si como objeto de desejo – e *anaclítica*, que, por relações de *apoio*, tomam as pessoas próximas como objeto sexual. Portanto, sem que se excluam, todo ser humano tem diante de si as seguintes escolhas:

- 1) Conforme a disposição narcísica: a) A si mesmo, como é de fato; b) A si, como um dia foi; c) A si, como gostaria de ser; d) Alguém que um dia foi parte de si,
- 2) Conforme a disposição *anaclítica*: a) A mulher que o alimenta; b) O homem que o protege.

Diante disto, se por agora elucidarmos as predileções narcísicas, fica clara a necessidade de vislumbrarmos uma forma de investimento primária, pressuposta desde a infância e constituinte da sexualidade. No entanto, dois pontos permanecem: 1) se este investimento corresponde ao *narcisismo primário* e, caso isto se confirme, 2) se remete ao autoerotismo infantil ou outra etapa da constituição subjetiva? No que tange esta definição, não são poucas as variantes interpretativas!

Entre os leitores, as divergências incidem sobre sua descrição, sua cronologia e mesmo sobre o estatuto de sua existência. Se nos atemos em Freud, sua obra mostra-nos como tal conceito sofreu variações. Com efeito, entre 1910 e 1915 (primeira tópica), o *narcisismo primário* encontra-se entre o autoerotismo infantil e o amor objetal, sendo contemporâneo da primeira unificação egóica do indivíduo. Já na segunda tópica (de 1920 em diante), o austríaco confere ao *narcisismo primário* o status de ser o primeiro estágio da vida (anterior ao ego), suprimindo assim a distinção entre autoerotismo e narcisismo. De um ponto de vista tópico, esta última acepção é quem prevalece atualmente. Contudo, terminológica e factualmente, esta definição tende a limitar tal significante, pois torna-o um estado anobjetal e indiferenciado, sem qualquer tipo segmentação entre sujeito e mundo. Terminologicamente, perde-se de vista a teorização de uma imagem de

---

<sup>14</sup> No caso, *narcisismo primário*.

si. Factualmente falando, a existência de uma fase narcísica primária como demarcação de um estado de indistinção entre sujeito e alteridade é bastante problemática, pois indica uma fase mítica, da qual não há possibilidades reais de especulação. Estes fatores levam muitos dos interpretes a rejeitá-la como possibilidade de aceção. A fim de tomar partido nesta querela, ao menos no que tange as escolhas narcísicas, retraduziremos o ponto de vista da primeira tópica, pois só assim vislumbramos a intenção de Freud ao tornar o *narcisismo primário* uma fase necessária do desenvolvimento sexual.

De fato, se disto entendermos que o *narcisismo primário* designa o estado em que a criança, antes de voltar-se ao exterior, orienta sua libido para si mesma, então poderíamos ratificar que o “Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010c, pp. 18-19). Em favor desta perspectiva, poderíamos levar em consideração o fato da criança tomar seu corpo como objeto e, com isto, sustentar que o autoerotismo personifica o *narcisismo primário*. Mas a coisa toda não é bem assim, pois, se nos aprofundarmos, outra via discorre em favor de que, na realidade, o autoerotismo representa o prazer que o órgão pode retirar dele mesmo. Como observa Garcia-Roza, se na infância os órgãos do corpo são vivenciados segundo a necessidade de uma síntese identitária, não há, todavia, “no auto-erotismo, uma representação do corpo como uma unidade. O que nele falta é o eu” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 48). Portanto, o Eu precisa ser acrescido ao autoerotismo para constituir-se narcisicamente.

A pressuposição de um *narcisismo primário* é confirmada indiretamente quando observamos a ternura dos pais aos filhos. Em relação aos filhos, os pais revivem as perfeições do seu próprio narcisismo, n’algum momento abandonado. Segundo Freud, o amor parental “não é outra coisa senão o narcisismo [...] renascido, que na sua transformação em amor objetal revela [...] sua natureza de outrora” (FREUD, 2010c, p. 37). Desta feita, nada parece contradizer-nos quando defendemos, no *narcisismo primário*, uma fase caracterizada tanto pelo aparecimento da primeira conduta egóica, quanto por um investimento libidinal retrospectivo. Sem que, nisto, possamos vislumbrar um narcisismo mítico, o que emerge desta implicação entre imagem de si derivada do amor ao próprio corpo e revivescências narcísicas dos pais é, enfim, um *eu ideal*, correlato do *narcisismo primário*.

Seguindo a análise, vemos que o *narcisismo secundário* surge para designar o movimento da libido que, se n’algum momento está

voltada ao mundo, logo retorna ao ego. Se inicialmente a libido esteve dirigida ao eu, num segundo momento, dirige-se para a alteridade e, por fim, é reconduzida ao Eu. Isto salienta a função do narcisismo em traduzir determinados sintomas de esquizofrenia ocorridos em função da incorporação dos investimentos objetais. Em verdade, quando consideramos os casos de neurose, psicose e hipocondria, o *narcisismo secundário* não apenas remete aos extremos da regressão, mas constitui uma estrutura regular no indivíduo. Não há, aqui, nem o abandono do eu em razão dos investimentos externos, tampouco uma renúncia destes em favor do eu; o que impera é a concomitância destas modalidades de direcionamentos, sendo que uma delas é a predominante no sujeito. Se, economicamente falando, podemos sustentar a existência, entre as duas formas narcísicas, de uma balança energética dos investimentos egóicos e objetais, no plano tópico, é o *ideal do eu* que representa a formação narcísica jamais abandonada por Freud. Isto posto, se o narcisismo circunscreve a formação do eu, então o encadeamento mais lógico da vida sexual, ao menos sob a guisa de uma primazia fálica, seria “autoerotismo → narcisismo → escolha objetal”; o que aponta para a distinção entre *eu ideal* e *ideal do eu*, conteúdo do próximo tópico.

Originalmente, o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal [...]Esse momento, Freud denomina *narcisismo primário*. Posteriormente, o investimento [...] passa a incidir sobre objetos, o que corresponde à transformação da libido narcísica em libido objetal [...]O retorno desse investimento libidinal ao eu, após ter investido objetos externos, Freud denomina *narcisismo secundário* (GARCIA-ROZA, 2014b, pp. 43-44)

Isto posto, se enxergamos duas formações narcísicas, não devemos esquecer que Freud aponta, ainda, para a existência de um *narcisismo originário*! Com efeito, na *Introdução ao Narcisismo*, não fica claro, todavia, se esta formação é “outra denominação para o narcisismo primário ou se designa um narcisismo anterior ao autoerotismo e completamente destituído de qualquer libido de objeto” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 64). É inútil procurar, no texto de 1914, uma resposta clara; isto porque, no transcorrer das obras, rastreamos soluções distintas para tal questão. Sem considerar que um *narcisismo originário* pode designar um estado mítico ao autoerotismo, esses estudos, desdobrados em suas duas formas narcísicas, nos fazem questionar 1) se o *narcisismo primário* corresponde ao autoerotismo e o

*narcisismo secundário* ao ego; 2) se a formação primária remete ao narcisismo enquanto a secundária designa algo posterior aos empenhos/escolhas objetais; e 3) se é possível manter o autoerotismo enquanto o narcisismo é desdobrado em duas configurações anteriores aos empenhos objetais. O que parece inquestionável, todavia, é predominância daquelas três modulações da libido: a autoerótica, a narcísica e a *objetal*.

De fato, se aventamos um *narcisismo originário*, devemos ter em mente que, para Freud, o *autoerotismo* como estado primário da libido impede de considerarmos um ponto de partida anterior a ele, ao menos como ponto de partida da sexualidade humana. Se assim o fosse, o *autoerotismo* indicaria a relação de *apoio* “que as pulsões sexuais mantêm originalmente com as funções vitais” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 99). Nos dizeres de Freud, o amor segundo a disposição *anaclítica* é uma característica humana, que exhibe uma evidente superestimação sexual e que muito “provavelmente deriva do narcisismo original da criança, e corresponde [...] a uma transposição do mesmo para o objeto sexual.” (FREUD, 2010c, p. 33). Ora, se seguirmos as consequências das predileções objetais narcísicas, vemos que a ideia de um *narcisismo originário* se relaciona com uma disposição anobjetal que precede as pulsações autoeróticas. Mas quando indagamos o autoerotismo e as formações narcísicas, não devemos esquecer 1) que ambos “definem modos de funcionamento sexual, e não modos de relação com o mundo em geral” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 65) e 2) que no próprio desencadeamento da vida sexual, acrescenta-se, “ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (FREUD, 2010c, p. 19). Desta forma, se é verdade que a sexualidade humana – ao menos em seu sentido fálico – tem como ponto de partida o autoerotismo, então, ao tratarmos de uma *Introdução ao Narcisismo*, as formações narcísicas designarão um investimento libidinal com base numa imagem unificada do Eu, enquanto que o autoerotismo será um modo emprego objetal destituído de imagem egóica, mas que só adquire autonomia quando abandona seu *apoio* vital. Isto nos fará, mais adiante, considerar as disposições *anaclíticas*.

### 2.3. *O Eu Ideal e o Ideal do Eu*

Dentre as esfinges do narcisismo infantil, estão a angustia e a intimidação sofridas com diferenciação entre os sexos. Enquanto o menino teme as ameaças fantasmáticas do pai, a menina vê-se

prejudicada por não possuir um pênis. A investigação psicanalítica não só permitiu inferir a existência de uma situação psíquica em que os instintos libidinais e os instintos do eu despontariam enquanto interesses narcísicos concomitantes, como fez reconhecer a importância do complexo de castração. Este traduz a estrutura e os efeitos causados pela presença quase invariável das interdições normativas e fantasiosas sobre o sujeito. Sendo um dos responsáveis pela formação do caráter, observou-se, todavia, como na neurose o fator patogênico da castração não existia ou não vinha à tona, o que tornou impossível explicá-la pela via do complexo de castração. Da observação da megalomania infantil e da conduta dos adultos normais, mostrou-se como, enquanto dá-se o desenvolvimento da personalidade, a libido é ocasionalmente reprimida, ao ponto de sintomatizar-se patologicamente.

A psicanálise não deseja apenas que a pessoa reconheça os pressupostos tácitos de seu comportamento, mas que os identifique como partes determinantes de sua personalidade. Desta feita, diz-se não que a repressão surja do Eu, mas do respeito que este tem em relação a si; do seu autorrespeito. Ora, se uma pessoa é capaz de tolerar certas querelas, isto não quer dizer que outra deva ou possa também aceitá-las. Na maioria dos casos, tais impressões são rechaçadas com indignação. Isto abre a possibilidade de pensarmos que tais diferenças podem ser descritas tendo por base os pressupostos de uma teoria libidinal.

Se são estes ideais que formam as repressões operantes sobre o Eu, então podemos dizer que, se uma pessoa alimentou “um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, [...] à outra falta essa formação de ideal. [...] A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância” (FREUD, 2010c, p. 40). Impossibilitado de rejeitar a perfeição que outrora desfrutou, o indivíduo não só não quer privar-se de seu narcisismo infantil, como, se não pode mantê-lo, busca readquiri-lo. Nesta busca, sua nova via é substitutiva, pois o ideal que projeta diante de si nada mais é do que a época de sua infância onde seu eu era seu próprio ideal de Eu. Com isto, estabelecemos uma distinção entre *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*, pois o que o sujeito “projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 2010c, p. 40).

Com efeito, dizemos que o “eu” corresponde a representação de um complexo de imagens cuja fonte é o mundo externo e que, devido aos seus pressupostos, tem em vista sua auto-imagem tecida a partir da lida mundana. Entretanto, é pelo fato de não figurar como uma constituição inata (antes, um constructo adquirido) que, se designa a

imagem das vivências do sujeito para consigo, então, quando retorna para si durante a fase inicial da vida, sua imagem não possui relação com qualquer unidade psíquica definitiva. Os primeiros investimentos libidinais ocorreriam, assim, a partir de um de espelhamento da conduta do outro. Este estágio deve estar relacionado com a primeira unificação imagética do indivíduo, sem que, com isto, ele abdique de seu correlato neural. Diz-se, portanto, que Freud acrescenta ao eu a vivência de um *sentimento-de-si (Selbstgefühl)*, pois este é a expressão da primitiva onipotência infantil e de tudo o que nesta fase se conquistou, na medida em que, em sua grandeza, o Eu esteve envolvido na série econômica das sensações prazerosas e desprazerosas.

Sendo necessário diferenciá-lo do Eu enquanto objeto investido de libido, dependente da libido narcísica e, por isso mesmo, compreendido na vida sexual, o *sentimento-de-si* indica a imagem da primeira unidade corpórea do sujeito. Enquanto o Eu “diz respeito à economia libidinal, [...] o *sentimento-de-si* está referido à vida de relação do indivíduo e à sua autoconservação” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 53). Todavia, se afirmamos que o Eu não está presente desde o início, devemos notar que este ponto de partida corresponde tão somente ao início da eroticidade, dada, com efeito, a partir instituição da série dos prazeres e desprazeres. Ora, é fundamental saber que desde cedo as funções biológicas são investidas libidinalmente, mas devemos ter em conta que a pulsão sexual é em si um desvio. Tal desvio não deve sua origem ao biológico, e sim ao fato da pulsão sexual ser independente de qualquer tributação. Desta feita, se em “*Três Ensaio...*” a noção de *apoio* dava a entender que as pulsões sexuais coincidiam com as funções de conservação da vida para só mais tarde se tornarem independentes, em 1914 é importante notar que a formação do Eu dá-se com o início das formações seriais anteriores ao princípio do prazer. E se, antes de qualquer unidade comparável ao Eu, o autoerotismo vigora como uma instância não unificada capaz de desencadear satisfações localizadas, logo compreendemos que a marca de nossa vida sexual é o fato dela ser uma constante e ininterrupta repetição, na qual o primeiro termo da sexualidade é a experiência primária de satisfação.

Não há objeto primeiro, no sentido de objeto absoluto em relação ao qual os demais objetos são simples “representações”, isto é, cópias degradadas. O primeiro objeto já se constitui como uma representação marcada por um vazio

central que impede que seja identificado com a coisa [...] Objeto primeiro e experiência primeira são primeiros apenas em relação a um segundo termo, sendo que ambos são contingentes e parciais (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 56)

Isto posto, jamais podemos inferir a identidade absoluta do Eu consigo mesmo. Ele é algo que se renova sem jamais chegar numa síntese definitiva. Entretanto, não podemos deixar de considerar que, devido a sua constituição, é também concebido por suas enunciações. E uma delas é sua imagem dotada de todas as perfeições. Estamos falando da possibilidade de um *eu ideal* (ideal ich), sobre o qual reincide o amor de si gozado na infância pelo *eu real* (das wirkliche Ich). Isto nos possibilita pensar tanto na existência de um *eu primitivo* (*Ur ich*) que, original ao *eu ideal* e ao *ideal do eu*, constitui-se na representação que o sujeito tem de seu corpo, quanto num *eu ideal*, cuja forma designa a imagem idealizada do eu. Assim, se é no amor dos pais pelos filhos onde renasce narcisismo acobertado de defeitos, o *eu ideal* será não mais que o discurso que de alguma forma abandona a razão para ater-se numa imagem idealizada de algo. Esta imagem, lembremos, jamais é superada, pois o “eu ideal permanece, transformado e acrescentado, no indivíduo adulto” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 57).

Para Freud, não podemos, diante disto, deixar de questionar as relações entre os processos de *sublimação* – escolha de objetos socialmente valorizados (alvos não sexuais) sem vínculo aparente com a conduta sexual ou instâncias repressivas – e *idealização* (ou formação de ideal), entendido como uma identificação pela qual as qualidades valorativas do objeto sexual são aumentadas e elevadas até a perfeição sem, todavia, apresentar qualquer transformação constitucional. Busca-se, com isto, uma nova libido narcísica, que, só sendo possível nos âmbitos da *libido do eu* e da *libido objetal*, pode ser confundida com os processos de sublimação mas que, em função da pressões externas, tenta satisfazer as exigência simbólicas da lei. Ora, se por um lado a *sublimação* remete ao processo de encontro da libido objetal com alguma satisfação não sexualizada, do outro, a idealização do eu não necessariamente implica que sua veneração possa vir acompanhada de uma negação da sexualidade. Sem impor mudanças estruturais na natureza do objeto, esta idealização aumenta as exigência do Eu ao ponto de favorecer a repressão. Sendo assim, não nos causaria espanto se vislumbrássemos uma instância psíquica capaz não só de mensurar a

atualidade do Eu por sua forma ideal, mas de assegurar a satisfação narcísica com base num *ideal do Eu*.

De fato, havendo tal instância, compreendemos o que muitos chamam de delírio de ser observado. Neste tipo de atitude, o delirante se queixa de que todas as suas ações e pensamentos estão sendo vigiados. Isto decorre de uma incitação de um *ideal do Eu* e de uma consciência moral, cuja origem parte das pessoas mais próximas, ou seja, “da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e [...] todas as demais pessoas do meio” (FREUD, 2010c, p. 42). Quando sintomatizadas, as vozes desta multidão atuam, consciente e inconscientemente, sobre a atualidade do comportamento, de modo a expressar pela doença uma evolução regressiva, hostil e autocrítica da consciência moral. Sendo, portanto, licito reconhecer no *ideal do Eu* uma função auto-censora, estamos tratando das exigências normativas e simbólicas da lei, que, por sua vez, são fomentadas a partir dos investimentos libidinais do sujeito no mundo, e reinvestidas sobre a conduta individual.

O amor-próprio aparece como a expressão desta grandeza do Eu. Com efeito, se tudo o que se tem é expressão de um resíduo sedimentado de nossa onipotência infantil e se se tratou de diferenciar as pulsões entre sexuais e do eu, então, no amor-próprio, temos de reconhecer sua dependência entorno da libido narcísica. E se o amor é a busca por reaver no outro o próprio narcisismo, a dependência do sujeito ao objeto amado cria a sensação de rebaixamento. A reconquista do narcisismo só ocorre quando os desejos são correspondidos. Se isto não ocorre ou se a pessoa é incapaz de amar, a percepção de tal impotência tende a causar prejuízos graves sobre o amor-próprio e, conseqüentemente, sobre o próprio Eu, uma vez que o sujeito projeta sobre o outro quantidades consideráveis de investimentos libidinais.

Quando alguém ama, a relação entre o amor de si e os investimentos eróticos não expressará imediatamente a grandeza do eu. É preciso saber se os investimentos amorosos estão em sintonia com o eu ou se são reprimidos. Se a libido esta sintonizada ao Eu, o amor é como qualquer outra atividade do narcisismo. Mas se é reprimida, a satisfação amorosa torna-se impossível, pois representa a diminuição do Eu frente aos dispêndios objetivos. Para Freud, o regresso da libido objetiva ao eu e sua transformação em narcisismo representará um amor feliz, correspondente “ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra” (FREUD, 2010c, p. 48). Em favor da autoconversação, serão estes postulados que nos

possibilitarão legitimar que o aspecto externo do *ideal do Eu* é patente, haja vista que Freud passa a defender que o desenvolvimento do Eu ocorre a partir do distanciamento da libido em relação ao *narcisismo primário*. Mas se aceitamos o narcisismo como uma forma de erotismo que também incide sobre o biológico, então, quando tem vista suas relações com a alteridade, o eu consistirá numa busca por reconquistar o narcisismo perdido. Não se trata, pois, de substituir uma formação narcísica por outra, mas de deslocar a libido de um eu perfeito (*eu ideal*) para uma formação socialmente idealizada; um ideal do Eu imposto de fora.

Com efeito, se com isto atentarmos-nos para a distinção entre o comportamento animal e humano, no que concerne a sexualidade, veremos que, distintamente da conduta adaptativa dos primeiros, ao homem as funções sexuais são não-adaptativas, desordeiras. Sem que nela possamos negar um imaginário<sup>15</sup>, sua diferença em relação ao mundo animal reside no fato deste aspecto (o imaginário) necessitar de regulações externas. É aqui onde encontramos o sentido da relação entre *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*, pois, se o imaginário não possui um princípio regulamentador, para além de complexos representacionais, *Eu Ideal* e *Ideal do Eu* são, por assim dizer, efeitos do discurso do alheio. Enquanto que, de um lado, figura uma forma de discurso idealizante desvinculado de crítica, na contraparte, encontramos nada menos do que o discurso

---

<sup>15</sup> Utilizado majoritariamente como substantivo, o *imaginário* é introduzido por Lacan para designar um dos três registros essenciais da psicanálise: o real, o simbólico e o imaginário. Caracterizado como o registro da relação dual entre o sujeito e a imagem do outro, é a evidência da primeira elaboração especular, onde o ego da criança dá-se a partir da imagem de seus semelhantes. Fornecendo a regra da partilha real e imaginário, o estádio do espelho representa um drama cujo impulso “precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (LACAN, 1998, p. 100). Assim, o *imaginário* é qualificado segundo quatro pontos: 1) a partir da relação narcísica e intrasubjetiva do indivíduo com seu ego; 2) intersubjetivamente, ou seja, a partir da dualidade entre meu ego e o ego de meu semelhante, pois o ego é, em sua origem, outro; 3) quanto ao meio ambiente (*Umwelt*), pois pressupõe uma relação etiológica animal que atesta a recorrência das *gestalten* sobre o comportamento; e 4) quanto às significações, onde a semelhança das formas atesta a ambiguidade entre significantes e significados.

judicativo; a lei em suas relações simbólicas exteriores ao si<sup>16</sup>. Além do individual, faz-se presente no sujeito o social – do *ideal do Eu* emerge “o entendimento da psicologia da massa” (FREUD, 2010c, p. 50).

Entretanto, ainda que o *Ideal do Eu* ocupe o lugar simbólico da lei, é no plano dos afetos onde estas distinções caem. Na medida em que o *Eu Ideal* é marcado pela idealização do si, a característica das relações amorosas é provocar certo eclipsamento do aspecto figurativo das leis. Ao reabrir as portas da idealização, o amor busca satisfazer o narcisismo perdido na infância. O amor seria, afinal, uma forma de loucura, pois, em favor de um reencontro com o *Eu Ideal*, coloca em suspenso o *Ideal do Eu*. Após esbanjamentos objetais, busca-se, com o amor, o retorno “ao narcisismo [...] escolhendo um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que possua os méritos para ele inatingíveis. Isso é a cura pelo amor” (FREUD, 2010c, p. 49). Portanto, se de um lado nossa lida mundana é eminentemente imaginária, por outro, é uma ordem linguística externa (função simbólica) quem regula, organiza e condiciona as funções animais humanas em redes de significantes fantasmáticos, que não necessariamente se satisfazem à luz explicações dadas em termos adaptativos. Mesmo quando pautada pela lei, a sexualidade humana é eminentemente errática, pois, enquanto procura por si, o sujeito nada mais encontra do que a imagem do outro, com quem se identifica e aliena.

Desta feita, acentuamos ainda que toda relação dual especular é mortal, sendo superada apenas por um deslocamento da libido para um

---

<sup>16</sup> Sendo um dos registros essenciais da psicanálise, o *simbólico* é introduzido por Lacan para designar a ordem dos fenômenos estruturados no escopo de uma linguagem e cujo propulsor real faz-se na palavra. O emprego deste termo é o que diferencia as psicanálises de Freud e Lacan. Com efeito, se na *Interpretação dos Sonhos* o *simbólico* é o conjunto das significações constantes que, direta ou indiretamente, são descobertas no inconsciente, a marca de tal diferença se faz patente, pois, enquanto Freud acentua a complexidade das relações que unem o simbólico com aquilo com seu representante, para Lacan, é sua estrutura sistemática quem assume a primazia, pois a ligação entre o simbólico e o simbolizado é impregnada pelo domínio do *imaginário*. Diferentemente de Freud, a utilização lacaniana deste termo tanto aproxima a estruturação do inconsciente ao que há de fecundo na linguística, quanto mostra no indivíduo a recorrência tácita de uma ordem simbólica pré-estabelecida. Questiona-se sobre a possibilidade de haver uma estrutura cujos elementos funcionam como significantes e sobre a plausibilidade de designar pela expressão *Nome-do-pai* uma lei que, fundante desta ordem, não se reduza ao imaginário

ideal advindo de fora, que, por sua vez, assume a responsabilidade de regular as relações entre eu e Eu Ideal, tendo por resultado a formação egóica. Nos referimos ao *Ideal do Eu*, constituído pelas exigências do mundo externo, e cuja função é mediatizar sujeito e alteridade pela linguagem. Prevalente sobre o imaginário, o simbólico é a identificação narcísica secundária do outro como *Ideal do Eu* e que, da articulação entre pulsão e imaginário, nos faz aceitar um vazio insuplantável na imagem – um furo no eu “que remete tanto à presença da pulsão no imaginário como à presença da pulsão no outro” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 70). Assim, se como complexo de representações o eu é furado, logo temos que a constituição narcísica do ego faz-se pautada por um conjunto de imagens gravitantes entorno da presença vazia do real<sup>17</sup>, sendo que é o *Ideal do Eu* o responsável por regular as relações entre este “eu furado” e a “imagem furada” do outro. Desta feita, diante do real, ego e alteridade são furados, pois percebem no próprio corpo a tensão alienante e imagética da presença de outrem. No escopo de nosso estudo, é isto, portanto, que nos permite mencionar o primeiro rudimento de uma construção não-fálica da sexualidade: a predileção *anaclítica* que, para além de um objeto substitutivo ou de um descolcamento narcísico do primado fálico, aponta uma posição quase inatacável, arquetípica, autosuficiente e harmoniosa da libido, e que, feminina, pode servir para pensar o narcisismo.

#### 2.4. *Anlehnung: O Rudimento do Feminino*

Das formulações da primeira tópica freudiana, não resta dúvidas de que a teoria das predileções objetais constitui uma das contribuições mais profícuas. Trata-se, aí, de enunciar os caminhos pelos quais,

---

<sup>17</sup> Extraído do conceito freudiano de *realidade psíquica*, o *real* é utilizado por Lacan para traduzir a imanência fenomênica de uma realidade simbolicamente impossível. Dispondo todos os fenômenos da formação egóica no âmbito do imaginário, expressar os desejos e fantasias inconscientes ligados com a realidade psíquica, bem como o seu “resto”, ou seja, a realidade inacessível e desejante para qualquer subjetividade. Estruturalmente inseparável do *simbólico* e do *imaginário*, na medida em que é composto pelos significantes linguísticos rejeitados pela lei moral, o *real* designa uma estrutura do inconsciente concernente a realidade das psicoses. Assim, se, para além do sujeito, toda descoberta é um encaminhamento em que a dúvida e o erro se confundem com a verdade, em Lacan o real será justamente esta dúvida (equivalente ao feminino), que é impossível de ser expressa ou simbolizada plenamente.

narcísica ou anaclíticamente, o indivíduo se fixa n'algum tipo de parceiro. Aludimos, até aqui, a disposição narcísica, para quem o falo é, num só tempo, um objeto substitutivo e um investimento em si; mas devemos tornar a considerar aquela noção que, anunciada desde 1905, pouca importância recebeu, apesar sua primordialidade. Devemos tornar a pensar a disposição *anaclítica*, que, rudimento da sexualidade feminina, nos diz que, aparte de qualquer conflito com a sexualidade, as funções vitais mostram para essa o caminho do objeto.

Fundamental para a *Construção do Feminino*, *apoio* ou *Anáclise* vem traduzir o valor conceitual da noção de *Anlehnung*, utilizada por Freud para designar a relação primordial e o processo de diferenciação que, de funções corporais, se efetua entre as pulsões sexuais e as de autoconservação. Significa “apoiar-se, sustentar-se sobre alguma coisa” (LAPLANCHE, 1985, p. 24). Assumindo independência secundariamente, as pulsões sexuais encontram-se, neste sentido, apoiadas em funções vitais, que lhes fornecerão uma fonte orgânica, um objeto e uma direção. Restituindo a importância deste termo que, pouco usual, fora por muito tempo ignorado, é aqui, portanto, que trataremos de considerar o esboço de uma escolha objetal distinta da primazia fálica da sexualidade. Estamos falando da predileção *anaclítica*, que remete ao “facto de o indivíduo se apoiar sobre o objeto das pulsões de autoconservação na sua escolha de um objeto de amor” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 66).

Firmado progressivamente ao longo dos anos, vemos, com este termo, como Freud descreve, desde as primeiras edições de “*Três Ensaio...*”, a relação entre a pulsão e as funções vitais do corpo. O exemplo aí utilizado para fundamentar as disposições *anaclíticas* é a atividade oral da criança lactente, que encontra seu quinhão de prazer na satisfação das necessidades alimentícias – na sucção do leite. Salta aos olhos como a sexualidade faz-se *apoiada* por funções corporais, que fornecem ao indivíduo sua fonte ou zona erógena e indicam o seio materno como objeto de desejo, causando, assim, um prazer que não se reduz à satisfação das necessidades vitais. Efetua-se, por assim dizer, “uma dissociação da qual nasce um prazer erótico, irreduzível àquele que é obtido unicamente pela satisfação da necessidade” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 31). É a necessidade que a criança tem de repetir ativamente o prazer gerado pela sucção do leite e que, concomitantemente a satisfação vital, vai se tornando autonomamente pulsional. Diante disto, se entendemos que a sexualidade só adquire sua autonomia secundariamente, então, no contexto de 1905, a disposição

*anaclítica* também aplicar-se-á para as pulsões parciais que admitem *apoio* noutras funções do corpo, a saber: “assim como a zona labial, a localização da zona anal a torna adequada para favorecer um *apoio* da sexualidade em outras funções” (FREUD, 2016, p. 91)

No decorrer dos anos, isto leva Freud a entender que a gênese das escolhas objetais está pautada pela escolha narcísica. Entre 1910 e 1912, a noção de *Anlehnung* faz-se presente ao ponto de indicar uma relação primordial entre a pulsão sexual e as catexias egóicas, sendo vivenciada apoiando-se em funções necessárias para a conservação da vida. Já em 1914, não podemos negar que, diferentemente de uma nova concepção do dualismo pulsional, a distinção entre duas formas de escolha objetal não traz, todavia, mudanças significativas neste conceito. A *Introdução ao Narcisismo* limita-se apenas em compreender a escolha *anaclítica* opondo-a ao tipo de eleição objetal narcísica. Esta obra orienta a necessidade de considerarmos um tipo de escolha pautada pela relação amorosa do indivíduo com sua própria imagem, mas passa por alto as predileções efetuadas a partir das necessidades vitais, que, dentro de nosso escopo, tendem a se tornar os primeiros objeto sexuais. A revelação de uma predileção narcísica vem apenas relativizar a escolha *anaclítica*: “a noção de escolha de objeto por *apoio* não era senão o prolongamento da teoria fundamental do apoio como tempo sempre renovado da emergência da sexualidade” (LAPLANCHE, 1985, p. 79). Cronologicamente, é apenas na terceira edição dos “*Três Ensaio...*” (1915) que o austríaco evidenciará o alcance deste conceito, tornando-o, enfim, uma das características essenciais da infância, relacionada ao rudimento de um horizonte não-fálico da sexualidade.

Ora, seguindo a batuta de nomes como Laplanche, Pontalis, Garcia-Roza e Assoun, vemos como, sem receber sua devida importância, a noção de *apoio* intervém, na maioria das vezes, em nossas escolhas objetais, fazendo supor algo como um “fundo remissivo das pulsões”. Este termo aponta não só para a relação arcaica da sexualidade com as funções conservadoras da vida, mas demarca a separação entre estas e a pulsão sexual. De fato, a própria ideia de que as pulsões sexuais vão, em sua origem, requerer as pulsões de autoconservação, suas fontes e seus objetos faz supor uma diferença essencial entre estas duas espécies de catexias. Enquanto as pulsões sexuais tem seu funcionamento pré-determinado pelo corpo (aparelho somático), e seu “seu objeto é imediatamente fixado” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, pp. 67-68), as catexias de autoconservação se definem por um modo de satisfação que não passa “de um benefício

obtido à margem do funcionamento das primeiras” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 68). Ambas estão, em verdade, pautadas por princípios distintos: se as pulsões egóicas só se satisfazem com um objeto real, “o princípio que rege seu funcionamento é o princípio de realidade, enquanto as pulsões sexuais, podendo ‘satisfazer-se’ com objetos fantasmáticos, encontram-se sob o predomínio do princípio de prazer” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 124). E se – de acordo com Laplanche & Pontalis – inferirmos que o sentido de *Anlehnung* “é estabelecer uma relação e uma oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 67), então é a partir desta noção que melhor explicaremos o lugar incipiente da sexualidade feminina em Freud.

Abrindo espaço para uma resposta mais ampla ao primado fálico, a sexualidade vista sob a perspectiva das predileções *anaclíticas* permite-nos não só supor que ela está pressuposta em todas as nossas atividades (somáticas ou não), mas que raramente é encontrável como uma função autônoma, pois só secundariamente se separa do outro. Neste interim, a querela de saber se a vida sexual infantil é investida de um objeto amoroso primário, se ela inicia com o autoerotismo ou, ainda, se tem como ponto de partida o narcisismo adquire uma solução mais complexa. Antes mesmo de avançar até as escolhas objetais, a pulsão sexual se satisfaz autoeroticamente, mas, em contrapartida, as pulsões de autoconservação ainda estão relacionadas ao objeto; assim, na medida em que a sexualidade apoia-se nas funções de conservação, “existe, igualmente para as pulsões sexuais, uma relação com o objeto; só quando se separam é que a sexualidade se torna autoerótica” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 68). É só quando objetivo e objeto sexual adquirem autonomia que o autoerotismo tem início.

Pois bem, se não é o seio, mas o processo de sucção do leite que proporciona satisfação, então é crucial notar que, paralelamente ao alívio da tensão ocasionado pela ingestão do alimento, ocorre, na criança, um processo sexual. Este processo designa a excitação da zona bucal pelo mamilo e pelo fluxo do leite. Segundo Laplanche, “essa excitação é calcada na função<sup>18</sup>, a tal ponto que, entre os dois, mal se percebe, de início, uma diferença (LAPLANCHE, 1985, p. 25), pois o alvo é realmente íntimo à necessidade nutritiva. Para o psicanalista

---

<sup>18</sup> Para Laplanche, os termos função, necessidade e instinto determinam o “registro vital ou registro de autoconservação por oposição ao registro sexual” (LAPLANCHE, 1985, p. 24)

francês, objeto, alvo e fonte podem ser resumidos na seguinte asserção: “‘isso entra pela boca’. ‘Isso’, é o objeto; ‘entra’ é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um ‘entrar’; ‘pela boca’” (LAPLANCHE, 1985, p. 25). Sendo assim, se também ao nível da fonte encontramos a mesma duplicidade, então o *apoio* da pulsão numa função vital jamais pode ser visto como uma dedução metafísica; antes um processo descrito segundo o exemplo quase arquetípico da oralidade.

O *apoio* da pulsão é, diante disto, o suporte que a sexualidade infantil encontra nas funções relacionadas com a conservação da vida, e que, no decorrer no desenvolvimento libidinal, ou seja, juntamente com as escolhas objetais, nos faz repetir certas vivências longínquas atribuídas predominante aos progenitores que alimentam e protegem. De acordo com Laplanche, o que Freud descreve com a predileção *anaclítica* é o fato da sexualidade incipiente apoiar-se n’outro processo – um processo ao mesmo tempo similar e distinto de si. A pulsão “apóia-se numa função não sexual, vital [...] numa ‘função corporal essencial à vida’” (LAPLANCHE, 1985, p. 24)<sup>19</sup>, que, por sua vez, far-se-á sempre tácita sob nossas predileções. Nos dizeres de Freud, as pulsões sexuais estão inicialmente apoiadas nas pulsões do Eu, mas este *apoio* “mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (FREUD, 2010c, p. 32). A escolha objetal *anaclítica* se insere, portanto, num registro duplo: no das pulsões, onde predomina um *apoio* das catexias sexuais nas pulsões de autconservação e, no que tange o objeto, na escolha feita segundo o modelo materno, que, como veremos, representará o primeiro objeto sexual. Assim, não restam dúvidas de que encontrar o objeto é, no narcisismo, reencontrá-lo; reencontrar aquela primeira ligação que, por funções de *apoio*, não necessariamente passa pelo crivo fálico de uma sexualidade pautada pelo princípio do prazer, mas remete ao anobjetal, ao que subverte a lógica do desejo.

Como bem salienta Freud, se, para além de uma mera determinação de grupos puros e ideais de pessoas, vemos que as

---

<sup>19</sup> Ainda segundo Laplanche, no que tange esta relação de suporte da pulsão numa função somática, talvez a noção de *Anlehnung* seja melhor descrita se compreendermos que o *apoio* é, em sua origem, um apoio da sexualidade infantil no instinto, aqui entendido como aquilo que norteia as necessidades essenciais para a vida (Cf. LAPLANCHE, 1985, p. 24)

predileções *narcísicas* e *anaclíticas* estão mutuamente implicadas em cada sujeito, logo “dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria” (FREUD, 2010c, p. 33). E se é fato que estas disposições não são nitidamente diferenciáveis, a distinção entre o tipo de escolha no homem e na mulher é, também, demarcada. Para ele, só o homem está apto à completude do amor objetal. Com o avanço da puberdade, o narcisismo original é, para a mulher, intensificado, impedindo-a, ao menos parcialmente, de “uma verdadeira escolha objetal. Assim, enquanto o homem ama a mulher, esta ama a si mesma” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 203). Isto posto, é da leitura de Paul-Laurent Assoun que, a partir dos estudos sobre o narcisismo, vemos como Freud traz novamente à baila o feminino, como se este, em sua singularidade, fosse *sui generis*; uma cristalização do narcisismo que, identificável apenas consigo mesma, pode fornecer o arquétipo de todo o narcisismo.

Identificável com a *Construção do Feminino*, a escolha objetal *anacítica* encarna um posicionamento inatacável da libido, vivido apenas no próprio corpo. Daí sua beleza, pois, enquanto razão narcísica, exhibe um efeito do narcisismo “que teria encontrado um corpo harmonioso” (ASSOUN, 1993, p. 98). É como se, livre diante da escolha objetal, o horizonte feminino fornecesse uma soberania lúdica que se basta, servindo, assim, para compensar as mazelas de sua realidade – a liberdade que lhe é socialmente tolhida. Ora, se é verdade que o desejo vê-se aprisionado na objetividade, anacíticamente falando, “a pureza narcísica se traduz nessa suspensão de qualquer escolha objetal, que lhe confere o privilégio de rejeitar a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99). Sendo assim, se interrogamos o feminino, salta aos olhos como Freud a suspende da lógica daquele desejo que só se satisfaz mediante um objeto. Este novo horizonte tende ao obscuro; e desafia a psicanálise, que encontra sérias dificuldades em nomeá-lo. E é assim que, enfim, anuncia a repetição da castração; a possibilidade de uma sexualidade feminina (não-fálica), ou melhor, de uma sexualidade que não aponta simplesmente para a tentativa de substituir o objeto castrado por um falo ou por uma imagem egóica, mas para a promessa de encontro com o “ver novamente o desagradável”, com o rompimento, com o vazio, com o sem-sentido – ao menos o sentido fálico.

## Capítulo 3. REPETIÇÃO E SEXUALIDADE NÃO-FÁLICA

### 3.1. A Ambiguidade Pulsional e o “Mais-Além” de Gozo

#### 3.1.1. O Princípio do Prazer e Repetição

Permeada por uma abundância de pares antitéticos, a querela das pulsões toma um novo caminho quando, em 1920, Freud dedica-se ao trauma da morte e a repetição. Aproximando os postulados metapsicológicos de problemas como a “atividade alma”, *Além do Princípio do Prazer* (1920) surge como uma de revisão do que, ao longo dos anos e a partir de *Introdução ao Narcisismo* (1914), fora imposto às noções de sujeito, objeto e economia libidinal. Reformulando os fundamentos psicanalíticos, as especulações entorno da vida e da morte não só são caras para a índole naturalista de Freud, como revelam uma audácia filosófica e argumentativa única.

Insatisfeito com as formulações sobre o narcisismo, o austríaco vê-se obrigado a ler as obras de filósofos como Schopenhauer, Platão, Goethe, etc. e, da repetição, edificar as *pulsões de morte*; atualização esta que o afeta desde o discurso psicanalítico até a interpretação dos signos do desejo e da cultura. Considerado o texto “mais fascinante e mais desconcertante de toda a obra freudiana” (LAPLANCHE, 1985, p. 109), a revisão de 1920 é tão audaciosa que, se até o momento a psicanálise esteve subscrita pelos significantes da ordem, da constância e do prazer, agora serão as *pulsões de morte* que evidenciarão o lugar da contingência diante daquilo que, invisível e silencioso, é tácito sob a psique. Se até aqui enunciamos a primazia fálica de uma sexualidade dividida entre uma substituição objetal da pulsão perdida (*pulsão sexual*) e um reinvestimento narcísico (*pulsão de Autoconservação* ou *pulsão do Eu*), agora diremos que a pulsão não é somente aquilo que necessita ser substituído, mas aponta para a repetição; um horizonte anobjetal que nos permite o contato com o vazio; com inominável que, para esta leitura, indica a sexualidade não-fálica – o *Feminino*.

Contudo, antes de anunciar as conclusões, devemos ter em mente as arguições que levaram Freud para um novo dualismo pulsional. Neste interim, examinaremos o funcionamento e os limites do princípio do prazer diante do *princípio de realidade* e da *compulsão à repetição*, que mostra como, repetindo na atualidade os fracassos e sofrimentos do passado, o horizonte feminino não raro encontra no desagradável a possibilidade de uma satisfação “mais-além”. Vejamos.

De fato, já no início do texto, Freud reconhece que não titubeou em inferir que os processos psíquicos são predominantemente regulados por um *princípio de prazer*, cujas incitações decorrem de tensões desprazerosas e que, em função de uma tendência à evasão da dor, tem como resultado um “abaixamento dessa tensão” (FREUD, 2010e, p. 162). Seja gerando prazer ou evitando a dor, introduziu-se, com os anos, uma metapsicologia preocupada em descrever e categorizar o dinamismo econômico-libidinal dos processos psíquicos. Não sendo seu interesse investigar quais foram os pressupostos de sua doutrina, lhe é evidente a relação dos prazeres e desprazeres com a quantidade de excitações (ligadas ou não) da vida psíquica: “o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade” (FREUD, 2010e, p. 163). O *princípio do prazer* assume, para Freud, uma importância tão grande que chega a circunscrever a relação dos prazeres e desprazeres a partir das situações de estabilidade e instabilidade: se prazerosos são os movimentos que, superando o limiar da consciência, se mantêm próximos da estabilidade, desprazerosas serão as ações que, para além de certas condições limítrofes, se afastam qualitativamente deste estado de equilíbrio. Portanto, o princípio do prazer decorreria da estabilidade e da constância, sendo que, se busca equilíbrio, então “nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (LACAN, 1988, p. 55).

Tomando como apoio o dualismo relativo aos problemas dos conflitos psíquicos, a psicanálise parece ter-se contentado em entender que os conflitos das catexias sexuais ora estavam ligados aos instintos reprodutivos (biologia), ora se dirigiam ao “Eu” – que, por sua vez, incluía a autoconservação. Introduzida em 1895 e revisada em 1914, funda-se nesse meio tempo a distinção entre as *pulsões de autoconservação* (ou *pulsões do eu*) e as *pulsões sexuais*.

Tendo em vista uma organização que se pusesse como resistência aos empenhos pulsionais e as descargas energéticas deles decorrentes, para Freud o sistema anímico buscaria, incessantemente, um estado de equilíbrio diante das demandas advindas da realidade exterior: “trata-se de um sistema ou conjunto de sistemas que funciona segundo um mecanismo de homeostase” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 91). Para ele, as circunstâncias que deram crédito para a predominância do princípio do prazer são corroboradas pela hipótese de que o aparelho psíquico está empenhado em “conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante” (FREUD, 2010e, p. 164). E se é fato que este (aparelho psíquico) busca manter sob controle as

excitações exteriores, “tudo o que tem a propriedade de aumentá-la será percebido como disfuncional, ou seja, como desprazeroso” (FREUD, 2010e, p. 164). Assim, se dizemos que os eventos mentais estão voltados para a satisfação, logo notamos que os processos derivados do aparelho psíquico tendem não apenas a reduzir as tensões provocadas pela experiência com a alteridade, mas evitar o desprazer.

Seguindo a análise, vemos que o *princípio do prazer* está pautado pela estabilidade; um *princípio de constância* que, em razão dos prazeres e desprazeres, mantém “a um nível tão baixo ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitações que contém” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 454). Contudo, se é verdade que esta estabilidade pode ser obtida tanto por uma descarga energética presente no indivíduo quanto pela fuga aos fatores que poderiam aumentar as excitações, é também verdade que devemos assinalar o quão insuficiente é afirmar domínio do *princípio do prazer*. Se este fosse prevalecente, a maioria dos processos mentais conduziria ao prazer, o que é impossível na vida cotidiana. Para Freud, um estado assim ideal de coisas vai na contramão dos eventos descritos clinicamente. Na verdade, o que sucede é “uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer” (FREUD, 2010e, p. 165). Mas se é verdade que o princípio do prazer não domina a psique, quais seriam, então, as circunstâncias que impediriam seu prevalecimento?

Com efeito, por influência da autoconservação egóica, a primeira inibição do *princípio do prazer* tem a ver com sua dependência para com uma ordenação primária do aparelho psíquico. Estamos nos referindo ao *princípio de realidade*, que, substituto do *princípio do prazer*, não abdica da obtenção de prazer e exige/consegue “o adiamento da satisfação, a renúncia a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer” (FREUD, 2010e, p. 165). Ora, se por um tempo sucede que o *princípio do prazer* sobrepuja o *princípio de realidade*, este se relacionaria com aquele de tal modo que remete não apenas aos fatos agradáveis, mas indica as adversidades tais como elas são impostas. Enunciado desde as *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico (1911)*<sup>20</sup>, a instauração do *princípio de realidade* é secundária ao

---

<sup>20</sup> Nas *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico (1911)*, as pulsões sexuais se submetem ao *princípio do prazer*, e a

*princípio do prazer*, e tem a ver com uma modificação do aparato psíquico diante das exigências reais; como uma máxima na regulação dos eventos pautados pela procura e renúncia das satisfações pulsionais. A fim de granjear a transformação para uma realidade onde os investimentos libidinosos se dariam de economicamente, dá-se, por ele, o avanço de funções conscientes como a atenção, o juízo e a memória.

Como bem aponta Garcia-Roza, “ao caminho mais curto do *princípio do prazer*, o *princípio da realidade* oferecia o caminho mais longo – mas [...] também gratificante – da renúncia” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 132). Desvio do *princípio do prazer*, o *princípio da realidade* poderia, então, comparar-se com a distinção entre os processos psíquicos primários (onde as energias escoam o mais diretamente possível) e secundários (em que o escoamento pulsional vê-se *apoiado* em algo externo, em função da autoconservação), caracterizando, assim, uma modificação complementar. Ao passo que o *princípio do prazer* é concomitante aos processos primários e tende à alucinação (caminho regressivo), o *princípio da realidade* funcionará, tal qual os processos secundários, “como evitador da frustração, impedindo a alucinação ou permitindo-a dentro de certos limites” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 133). O *princípio de realidade* busca, portanto, possibilitar não apenas um caminho por onde possamos evitar/distinguir as alucinações, mas suscita um modo de assegurarmos a constância dos prazeres.

Todavia, se é fato que, desde as primeiras formulações psicanalíticas, ele figura como guardião contra as alucinações dos meios físicos e culturais, em *Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud alerta que a simples substituição de um pelo outro “pode ser responsável tão somente por uma pequena parte [...] das experiências de desprazer” (FREUD, 2010e, p. 166). São grandes os motivos que nos levam a afirmar que sua existência não contradiz o princípio do prazer. Se a maior parte dos desprazeres são reconhecidos como percepções de ameaças ou perigos, tais reivindicações podem “ser dirigidas, de maneira correta, pelo princípio do prazer ou pelo princípio da realidade, que o modifica” (FREUD, 2010e, p. 167). Acreditar no predomínio do *princípio da realidade* sobre o *princípio do prazer* é uma ilusão, pois um não implica a deposição do outro, mas sua proteção: o abandono de prazeres incertos por resultados mais seguros.

---

autoconservação é determinadas pelo *princípio de realidade*. Sob esta influência, o *princípio de realidade* é substituto do *princípio de prazer*.

Isto posto, conforme avançamos, vemos Freud se utilizar de alguns exemplos para fundamentar sua hipótese. Dentre as experiências, aponta dois casos: 1) as neuroses das vivências envolvendo risco de vida e 2) a repetição de certas experiências desagradáveis. Vejamos.

No que diz respeito ao primeiro caso, Freud descreve os quadros patológicos decorrentes da primeira guerra que há pouco havia findado e que, devido os seus traumas, resultou numa grande quantidade de pessoas cujos sonhos reviviam o acidente. Ora, se já era possível reconhecer que, após revezes envolvendo risco de vida, muitos indivíduos apresentavam sintomas de “neurose traumática”, em 1920, quando fala da primeira guerra, Freud não só admite que esta “fez surgir um grande número dessas doenças” (FREUD, 2010e, p. 168), mas diz que até o momento “não se obteve plena compreensão nem das neuroses de guerra nem das neuroses [...] do período de paz” (FREUD, 2010e, p. 168). Especulativamente falando, enquanto nas guerras a repetição evidenciava efeitos desconcertantes para a psicanálise, as neuroses comuns ressaltavam, por sua vez, duas características pertinentes para esta reflexão: primeiramente, pareciam ser causadas “pelo fator da surpresa, do terror” (FREUD, 2010e, p. 168) e, em segundo lugar, que a contusão/angústia daí decorrente não raro atuava em favor da proteção “contra o surgimento da neurose” (FREUD, 2010e, pp. 168-169). De uma contextualização de termos como “angústia”, “medo” e “terror”<sup>21</sup>, Freud tanto sugere que, sem produzir trauma, a angústia revela-se protetiva, como diz que os sonhos de um trauma possuem, no doente, a característica deste sempre retornar “à situação do acidente, da qual desperta com renovado terror” (FREUD, 2010e, p. 169).

Distintamente do que se vive na angústia, quando traumatizado, o indivíduo parece estar fixado ao momento do trauma; o que o leva a reafirma que o histérico sofre de “reminiscências” (ESB, vol. II, p. 48). Para o Freud, diante destas misteriosas tendências masoquistas do Eu, não é, portanto, o passado que se faz traumático, mas sua revivescência numa experiência atual. Desta feita, acerca do segundo caso, é nos

---

<sup>21</sup> Em *Além do Princípio do Prazer*, a “angústia” designa um estado de expectativa e preparação para o perigo, o “medo” está relacionado com a presença real de um objeto que nos amedronta e o “terror” diz respeito ao estado em que ficamos quando corremos “um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa” (FREUD, 2010e, p. 169). Sendo assim, o trauma está relacionado antes ao o terror do que à angústia, uma vez que esta serve barreira protetiva contra os choques.

perguntando sobre a reminiscência destas fantasias que tendem a fazer o consulente reviver sua experiência traumática que se propõe a estudar o modo como a psique trabalha em uma de suas primeiras ocupações normais. A fim de melhor elucidar a análise, toma, então, como exemplo o prazer envolvido nas brincadeiras infantis; no caso, uma criança bastante próxima: seu neto Ernstl, filho de Sophie Halberstadt.

Ora, reconhecendo a insuficiência das teorias que se debruçavam sobre os jogos infantis mas que, na realidade, passavam por alto a possibilidade de um ponto de vista econômico e de um ganho de prazer, a história contada por Freud é a de seu neto de um ano e meio que, diante da saída de seus familiares, tomava os objetos ao seu alcance, jogava-os atrás dos móveis para, depois, apanhá-los. Em verdade, ainda que o menino demonstrasse boa índole e de modo algum fosse caracterizado como uma criança prematura, era pertinente, para Freud, o fato dele apresentar em suas brincadeiras um comportamento repetitivo. Ernstl tinha o hábito inoportuno de jogar os “objetos que alcançava para longe de si, a um canto do aposento, [...] de modo que reunir os seus brinquedos não era coisa fácil” (FREUD, 2010e, pp. 171-172). Concomitante a isto, lhe era costume que, com expressão de interesse e satisfação, tais ocorrências viessem acompanhadas de um “o-o-o-ó” e de um “dá” – onomatopeias que traduzidas como modos primitivos de expressão das palavras “*for!*” e “*da*” (“foi embora” e “está aqui”). Da constatação de que este comportamento se repetia enquanto o menino, num certo dia, brincava com seu carretel amarrado num de barbante<sup>22</sup>, Freud traça um paralelo com os jogos infantis, de modo a confirmar sua opinião! Havia, aí, uma forma simbólica do garoto encenar e protestar a saída da mãe. O jogos expressavam não só uma conquista cultural do fedelho ao permitir, sem grandes queixas, a ausência de Sophie, mas compensavam-no quando, na brincadeira, encenava “o desaparecimento e a reaparição com os objetos” (FREUD, 2010e, p. 173). É claro, assim, que para Ernstl a ausência da mãe não fosse agradável, mas ele não suportaria tal desgosto a não ser por um ganho de prazer, mesmo que de natureza anobjetal, vazia, não-fálica.

---

<sup>22</sup> De acordo com o texto, nunca lhe veio à ideia puxá-lo pelo chão atrás de si. Em vez disto, que o menino fazia era lançar o carretel “para dentro do berço, através de seu cortinado, de modo que ele desaparecia, nisso falando o significativo *o—o—o—o*, e depois o puxava novamente para fora do berço, saudando o aparecimento dele com um alegre ‘*da*’” (FREUD, 2010e, p. 172).

Conforme a análise, o garoto não só transformou a passividade de sua situação numa condição onde fosse senhor daquilo que nele se repetia, como encontrou um modo de expressar seus sentimentos hostis que se direcionariam para Sophie, satisfazendo seu desejo de vingança pela partida dela. Ao representar nas brincadeiras o vaivém da mãe, realizava um duplo distanciamento: “primeiro, da mãe para o carretel e, em seguida, do carretel para a linguagem” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 134). Tem-se, em verdade, a impressão de que Ernstl abdicou de suas vivências passivas para assumir um papel de empoderamento: “ele se achava numa situação passiva, foi atingido pela vivência e, ao repeti-la como jogo [...] assumiu um papel ativo” (FREUD, 2010e, p. 173). Todavia, na medida em que esmiuçamos este caso, jamais poderemos apontar, aí, algo “além do princípio do prazer”! Em última análise, a repetição de uma vivência desagradável serve, na infância, apenas ao *princípio do prazer*, uma vez que muitas [crianças] visam dominar a saída da mãe através de um recurso ao plano simbólico.

Se Ernestl repete um desgosto, o faz visando superar o desprazer, submetendo-se, assim, ao princípio do prazer. O menino “só podia repetir brincando uma impressão desagradável porque a essa repetição está ligada uma obtenção de prazer de outro tipo” (FREUD, 2010e, p. 174). Neste sentido, em conformidade com o desejo de “agir como as pessoas grandes”, constata-se que, brincando, a criança repete no outro (ou no símbolo do outro) aquilo que lhe produziu uma forte impressão. Tentando ser dona da situação, quando passa da passividade à atividade, inflige aos companheiros “o que lhe sucedera de desagradável, vingando-se, assim, na pessoa desse substituto” (FREUD, 2010e, p. 175); mas isto, ainda que siga pelo desprazer, segue apenas o *princípio do prazer*, o que, para um *Além do Princípio do Prazer*, contradiz a possibilidade de enunciação de algo ainda mais primitivo ao que fora posto até aqui. E é então abrindo mão de um terceiro fato que Freud irá conduzir sua busca, a saber: a *compulsão à repetição* nos adultos.

Característica das pulsões, a *repetição* surge no texto de 1920 como fundamento para algo mais elementar ao *princípio do prazer*. É a via da *compulsão à repetição*, que evidencia o quanto as vivências recalçadas retornam ao presente, sob a forma de sintomas do agir. Trata-se, em verdade, da impossibilidade freudiana em recusar a tese de que as pulsões figuram como impulsos pertinentes da vida inorgânica. Se até agora o aparelho psíquico esteve alocado entre os *princípios do prazer e da realidade*, é aqui onde constatamos que alguma coisa não coaduna com os preceitos postos até o momento. Freud percebe que os conteúdos

do inconsciente são peculiarmente insistente, pois expressam “o sentido daquilo que [...] se traduziu por automatismo de repetição” (LACAN, 1985, p. 82). Para além de uma mera “reprodução do idêntico”, a repetição inconsciente é o impulso tácito que subjaz ao objetividade particular, sendo, assim, impossível de ser alcançada.

Ora, se nas crianças um evento pode repetir-se diversas vezes sem ferir o *princípio do prazer*, nas pessoas adultas, a *compulsão à repetição* aparece como uma forma de vivência que, ligada com algo presente, impele o sujeito a reviver os conteúdos reprimidos como se estes não pertencessem ao passado. A introdução deste conceito torna claro o quanto as exigências do passado não raro são mais fortes do que a busca pelo prazer. É o “desejo ativo do passado, mesmo que o passado tenha sido ruim para o eu” (NÁSIO, 1999b, p. 71). É a tentativa de encontrar na repetição do mesmo algo que não passe pela ordem da substituição objetal ou narcísica, mas que indique uma sexualidade “mais-além”, que enxerga algo de agradável na repetição da castração.

Com efeito, de acordo com Freud, após vinte e cinco anos, a psicanálise saiu de uma simples “arte da interpretação” e solicitou aos seus pacientes que abandonassem suas resistências. Porém, ficou claro o quanto a proposta “de tornar consciente o que era inconsciente” (FREUD, 2010e, p. 176) fez-se, de fato, inexecutável, pois os doentes jamais conseguiriam lembrar todos os conteúdos outrora reprimidos. Talvez a melhor opção fosse convencê-los das limitações daquilo que é construído em análise (na transferência entre analista e consulente)<sup>23</sup>;

---

<sup>23</sup> O conceito de transferência foi introduzido para expressar o processo pelo qual “os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 767). Com efeito, sendo esta a chave para uma nova forma de tratamento, tal fenômeno deriva do termo *Übertragung*, que, no campo psicanalítico, vem remeter ao contágio, ou melhor, o automático estabelecimento de um laço entre médico e consulente, revelando assim “o pivô em torno do qual gira a organização subjetiva do paciente” (MAURANO, 2006, p. 16). É como se o consulente revivesse fantasias e afetos que já não são mais presentes mas que, em contato com o médico, tornar-se-ão novamente atuais por meio de uma substituição do afeto pela pessoa (o analista), que, para o consulente, atuará como interprete de suas lembranças. Trata-se “de uma repetição de protótipos infantis vividos com uma sensação de actualidade acentuada” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 669), uma vez que “o analisando imputa ao seu analista certas posições correlativas àquelas nas quais se

fazendo-os reconhecer os resíduos que fogem da interpretação: o “mais-além”, uma força que, reiterando a dor, torna evidente o quanto somos incapazes de escapar da regressão, desprazerosa ou não. Tomando como conteúdo os materiais da sexualidade infantil figurantes na transferência, Freud conta que muitos de seus analisandos eram levados “a *repetir* o reprimido como vivência atual, em vez de, como preferiria o médico, *recordá-lo* como parte do passado” (FREUD, 2010e, p. 177). O tratamento bem sucedido seria, portanto, aquele que fizesse o consulente reviver seus recalques, mas que os mantivesse sob controle, conduzindo-os o máximo possível para a memória e o mínimo para a repetição.

Conscientizar o que está inconsciente não se revela uma tarefa simples. Como mostrou a observação, a rememoração voluntária é ineficaz, e o paciente é obrigado a repetir na análise o recalque [...]. No tratamento, portanto, assistimos de fato ao aparecimento de um processo idêntico aos que se observam na atividade onírica dos sujeitos afetados por neuroses traumáticas ou na brincadeira do *fort/da*, processos estes que Freud denomina de compulsão à repetição (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 486)

Isto posto, com o intuito de compreender a *compulsão à repetição*, devemos ter em mente o quanto os conteúdos do inconsciente não só não promovem resistência à análise, como não procuram senão “abrir caminho rumo à consciência ou à descarga através da ação real” (FREUD, 2010e, p. 178). Sem opor o domínios da consciência e da inconsciência, mas – isto sim – do Eu frente a repetição da repressão, não restam dúvidas de que grande parte do Eu faz-se inconsciente, enquanto uma parcela é coberta pelo *pré-consciente*<sup>24</sup>. Freud demarca, aqui, a tese segundo a qual o que é vivenciado desprazerosamente por um sistema pode ser atestado por outro como prazer; o que também o faz aceitar o quanto tais tentativas de explicação deixam um resíduo

---

encontram as figuras primordiais para ele desde o início de sua vida” (MAURANO, 2006, p. 16). Nesta perspectiva, Freud constata não só que, deste impasse, é possível salientar o eixo entorno do qual gira a organização psíquica do indivíduo, mas que, do fato da transferência ser dirigida ao médico, é possível restituir ao sujeito suas volições normais.

<sup>24</sup> O *pré-consciente* é aquilo que escapa tanto da consciência egóica quanto do inconsciente. São os conteúdos e processos ligados ao ego e ao superego.

alguém da significação. E se enfim compreendemos que consciência e pré-consciência servem o *princípio do prazer*, então as resistências do consulente não vem de outro lugar senão do próprio Eu; e “logo percebemos que a *compulsão à repetição* deve ser atribuída ao reprimido inconsciente” (FREUD, 2010e, p. 178).

Inquirindo-nos, então, sobre a relação entre o *princípio do prazer* e a *compulsão à repetição*, sem desconsiderar o fato de que grande parte disto que se repete não contraria o *princípio do prazer*, não há, para Freud, como negar o quanto a *compulsão à repetição* faz reviver os conteúdos desprazerosos, outrora recalcados. Ora, se é possível que uma revivescência seja acompanhada de satisfação, é fácil crer que, com a análise, esta possa emergir como uma triste lembrança. Mas, alerta-nos o austríaco, não é bem assim que a coisa funciona! Na grande maioria dos casos, essas dores são “repetidas pelo neurótico na transferência e revividas com grande habilidade” (FREUD, 2010e, p. 180), tal qual uma nova experiência. Vividas como compulsões destituídas de controle tético e determinadas pelas influências da primeira infância (quando predomina o *apoio vital* da criança), nelas dá-se a impressão de um destino que impulsivamente se repete – algo próximo ao demoníaco<sup>25</sup>. Assim, por mais que o repetido possa reviver certas querelas e encontrar algum deleite, o que Freud enuncia é outra constatação: “a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010e, p. 179). Embora possamos dizer que se tratem de comportamentos marcados pela compulsória revivescência dos conteúdos inconscientes, nos é, todavia, difícil defender que a repetição destas experiências desagradáveis possa desencadear – ao menos pela via fálica – alguma satisfação.

---

<sup>25</sup> Aqui vale um apontamento: a despeito do feminino, não são poucas as sociedades que mistificam o comportamento da mulher, tratando-as como maléficas – algo quase demoníaco, como diz Freud. Quanto a isto, é claro que este termo não é natural, mas um fato cultural. Para Eugène Enriquez, não se trata de pensar a mulher como se esta fosse um demônio que merecesse a humilhação. Tal generalização, “só pode ser indispensável para a estrutura da ordem social” (ENRIQUEZ, 1990, p. 186), e nada mais! É preciso, pois, que, a partir da literatura e das artes, indaguemos como são declinados os diferentes sentidos do termo demoníaco para, só assim, dar-lhe um sentido.

Seguindo *Além do Princípio do Prazer*, dizemos que este eterno retorno do recalçado<sup>26</sup> não só faz o sujeito reviver certas experiências em nada relacionadas com a recorrência de situações prazerosas, como – à nível clínico – remete ao processo pelo qual o mesmo (sujeito) se posiciona, ativa e passivamente, diante de situações penosas, repetindo as circunstâncias como se fossem vivas e atuais. Considerada como um fator irreduzível, se agora sabemos que o *princípio do prazer* não se basta e que os prazeres do inconsciente não são vividos como tais pela pré-consciência e consciência, e se, paralelamente, o *princípio de realidade* serve o primeiro, então a *compulsão à repetição* caracteriza aquilo que até momento não havia sido tematizado pela psicanálise: aquele “mais-além” mais fundamental e irresistível que as tendências substitutivas e conservadoras do Ego. Estamos falando da possibilidade de conceber algo além de uma simples reformulação dos pressupostos de 1914; um desenvolvimento totalmente novo, fora da continuidade dos escritos metapsicológicos entorno da predominância do primado fálico do *princípio do prazer* e da noção de narcisismo.

Ora, se n’algum momento podemos dizer que Freud busca um traço real e positivo da presença do objeto fantasiado, o que encontra é a destituição do sujeito como referencial máximo da sexualidade. A partir de 1920, com a introdução da segunda tópica, o austríaco se depara com os limites daquela sexualidade essencialmente “masculina”, dividida, por ele, entre *pulsões sexuais* e *pulsões do Eu*. Atentando para as situações clínicas fugidias ao *princípio do prazer*, ele enxerga, via *repetição*, “um ponto de ausência do sentido sexual” (POLI, 2007, p. 29), que o faz indagar novos referenciais à ideia de representação psíquica pautada pela primazia fálica da satisfação pulsional. Ainda que hipotética, sua preocupação é formalizar um fundamento material para

---

<sup>26</sup> O *retorno do recalçado* parte da exigência egóica por mecanismos suplementares de defesa e implica um regresso do desenvolvimento à uma fixação. Passando a atuar como um mecanismo independente evidenciado a partir de patologias como a neurose obsessiva, o retorno dos desejos recalçados se vale dos mesmos caminhos associativos utilizados pelo recalçamento, atuando, contudo, na via inversa. Assim, uma vez posto que o conteúdo do recalçamento nunca se dá de forma original e está sujeito às mudanças exigidas pelo pré-consciente, o *retorno do recalçado* constitui-se como um processo cujo amparo reside sobretudo na tese acerca da indestrutibilidade dos conteúdos inconscientes. Os representantes recalçados não só são indestrutíveis como lutam pelo acesso ao “pré-consciente-consciente, obrigando este último à um dispêndio constante de energia” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 167).

estas vivências que se repetem e não raro deixam resíduos na atualidade, mas que, anobjetais por excelência, são capazes de dar conta da completude das manifestações do inconsciente. Estes atos não decorrem nem de identificações egóicas, nem de fantasias substitutivas; não são, como dissemos, apenas a tentativa de substituir o objeto castrado por um objeto ideativo fálico ou uma por uma imagem de si, mas apontam ao contato com vazio, com o rompimento, com a castração. Sendo assim, não seria impropério se, disto, inferíssemos que, concomitante ao advento da *pulsão de morte* e do novo dualismo pulsional, a *Construção do Feminino* esteja encrustada entre estas vivência limítrofes à representação, pois é aqui onde vislumbramos a possibilidade de uma satisfação “mais-além”, que, veremos, encontra satisfação na repetição castração. Trata-se, portanto, de postular um impulso regressivo ao estado de não-vida, de repouso absoluto, e que, para além progressões ou designações objetais, remeta ao não-fálico da sexualidade.

### 3.1.2. *Pulsões de Vida & Pulsões de Morte*

Inquirindo-nos o modo como a *repetição* está relacionada com a teoria das pulsões, Freud põe em cheque seus preceitos no intuito de elucidar aquilo que agora será tomado como uma tendência primitiva e regressiva de nossa conduta, direcionada para um estado mais arcaico: a *pulsão de morte*. Conforme põe o texto, diante do modo como a psicanálise se apresentou, diríamos que fomos habituados a compreender a pulsão como um fator contribuinte às transformações e a otimização do indivíduo, mas, se assim o for, devemos reconhecer o quão descuidados fomos em relação a caracterização de uma natureza propriamente conservadora do seres vivos. Se até o momento não estava pressuposta a possibilidade de um processo distinto ao *princípio do prazer*, é enfatizando a “repetição do mesmo” como algo pulsional que o austríaco assinala a destrutividade de sua teoria.

Com efeito, se, diante disto, somos levados a crer que as pulsões buscam restabelecer um estado antigo de inércia, não seria enganoso incluir, entre estas ponderações, a existência de manifestações que ora são conservadoras e levam à repetição do mesmo, ora impelem à progressão de novas formas. A originalidade destas considerações reside na ereção de um novo dualismo pulsional, que opõe as *pulsões de vida* (*pulsões sexuais* e as *pulsões do Eu* ou *pulsões de autoconservação*) às *pulsões de morte*, que, variantes conforme o direcionamento, também são denominadas como *pulsões de destruição* ou *pulsões de agressão*,

abarcando, n'ambas variações, a cultura, a família e a sexualidade feminina. Todavia, conforme lidamos com o texto, logo percebemos o quanto impactante são, para a doutrina psicanalítica, estes postulados; fato que nos impede de apresenta-los de repente, de uma só vez. Sendo assim, levando em conta que, face ao domínio do *princípio do prazer*, a *repetição* parece impor-se como uma força pulsional demoníaca, talvez o mais sensato seja, antes, levantar a especulação segundo a qual as pulsões são a tentativa de restaurar o estado primário de coisas. Por influência de contínuas perturbações externas, uma pulsão seria, neste sentido, “*um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, [...] ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica*” (FREUD, 2010e, p. 202).

Como observa Garcia-Roza, aqui reside o paradoxo de 1920. Se até o momento a pulsão fora “uma força que impelia o organismo vivo no sentido da mudança [...], o que agora está sendo assinalado é [...] o seu caráter conservador” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 136). Assim, se aceitamos que a pulsão seja rigorosamente orientada ao restabelecimento de algo primário, podemos não só dizer que seu escoamento suscita fatores externos que buscam o domínio das distintas condições para repetir cursos idênticos de vida, como inferir que ela tende, continuamente, a repetir aqueles estados iniciais dos quais o indivíduo se afastou. Sob muitos aspectos, isto vai na contramão da primeira tópica pulsional, pois aqui jamais podemos presumir a predisposição para novos objetivos ou para a mudança.

Os instintos orgânicos conservadores acolheram cada uma dessas mudanças impostas ao curso da vida e as preservaram para a repetição, e assim produzem a enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao progresso, quando apenas tratam de alcançar uma antiga meta por vias antigas e novas (FREUD, 2010e, p. 204)

Sendo contrário em relação a natureza conservadora das pulsões que os objetivos da vida estejam pautados por uma meta nunca alcançada, se é lícito acatar que, por razões internas e externas, os indivíduos estão fadados a retornar ao seu velho estado inicial, talvez nossa certeza mais segura seja aceitar que os diferentes atributos dos viventes tenham sido suscitados do inanimado. Este estado anobjetal de não-vida, de repouso absoluto, do qual não podemos fugir, este ponto de partida e de retorno para toda a vida é o inorgânico. Ora, se por um longo tempo a substância viva pode ter sido morta e recriada até que as

demandas obrigassem os sobreviventes a modificar o curso das coisas, logo entendemos que são estes circuitos rumo ao inanimado que oferecem, por meio de rodeios cada vez mais acentuados, o quadro geral do fenômenos da vida. Para Freud, talvez possamos, enfim, dizer que “*o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*” (FREUD, 2010e, p. 204). Em linhas gerais, dizemos, diante disto, que o nosso impulso mais primordial é o de retornar ao inanimado; e isto porque o postulado da *pulsão de autoconservação* encontra-se em “oposição ao pressuposto de que toda a vida instintual serve à realização da morte” (FREUD, 2010e, p. 205).

De fato, não há, diante disto, como negar que a importância até então concedida para as *pulsões de autoconservação* tende a diminuir! Implícita desde os “*Três Ensaio...*”, este termo aparece, em 1910, para designar as necessidades concernentes a conservação da vida individual, estando em oposição às pulsões voltadas para a satisfação dos prazeres sexuais. No contexto desta tópica, o diagnóstico das neurose de transferência levou ao reconhecimento de uma oposição entre as *pulsões sexuais* dirigidas ao objeto e as catexias que, em função da falta de recursos, seriam nomeadas como *pulsões do Eu*, mas que – em razão de suas características reativas – também serviram para elucidar as pulsões voltadas para a autoconservação egóica. Aqui, “apenas as pulsões sexuais tinham por energia a libido; as pulsões de autoconservação [...] seriam não-libidinais” (GARCIA-ROZA, 2014b, pp. 157-158).

Para Freud, nunca se tateou tanto no escuro quanto nesta época. Retidos numa diferenciação expressa em termos de “amor e fome”, os/as psicanalistas postulavam tantas pulsões quanto lhes apetecia. Isto levou a psicanálise a ampliar demasiadamente a sexualidade, “até abarcar muita coisa que não se incluía na função reprodutiva, e isso provocou certo escândalo” (FREUD, 2010e, p. 222).

Ainda que subdivididas consoantes com a separação objetual e egóica da libido, entre 1914 e 1920 (após a *Introdução ao Narcisismo*) as *pulsões de autoconservação* ora permaneceriam em oposição às *pulsões sexuais*, ora fariam o austríaco se aproximar do monismo junguiano, na medida em que as consideraria “como um caso particular do amor de si mesmo ou libido do ego” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 522). Descobre-se “que o eu é também objeto de investimento libidinal, o que tornava frágil a distinção estabelecida anteriormente” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 158). De fato, como num passo seguinte para a teoria da libido, até 1920 a psicanálise aproximou-se do eu psicológico a fim de observar com que regularidade a libido retira-se

dos objeto e, introvertendo-se ao Eu, torna-o o “reservatório da libido” (FREUD, 2010e, p. 222).

Naquele contexto, o Eu tomou de tal modo o lugar dos objetos sexuais que a libido foi chamada de narcísica. Mas vale lembrar que esta mesma libido era também a manifestação das *pulsões de autoconservação*, o que tornou “insatisfatória a oposição original entre instintos do Eu e instintos sexuais” (FREUD, 2010e, p. 223). E é somente com o advento de um *Além do Princípio do Prazer* e, disto, com a introdução de um novo dualismo pulsional, que...

a expressão ‘pulsão do ego’ vai apagar-se da terminologia freudiana, não sem que Freud tenha primeiro tentado, em *Além do princípio do Prazer*, situar neste novo quadro aquilo a que até aí chamara pulsões do ego [...] O problema de saber que energia pulsional o ego utiliza mais especialmente continuará presente, mas Freud deixará então de falar de pulsão do ego (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 527)

Com efeito, uma vez posto que os resultados obtidos entre 1914 e 1920 estabelecem uma separação entre *pulsões sexuais* – que, reproduzindo os estados primitivos dos seres vivos, buscam a união de dois indivíduos diferentes, estando voltadas para a continuação da vida – e *pulsões do Eu* – cuja função seria animar a matéria inanimada para, regressivamente, restaurar a condição anorgânica primária –, então é evidente que esta divisão não satisfaria as necessidades de 1920. Em verdade, em momento algum a *Introdução ao Narcisismo* fez caducar a oposição entre as *pulsões sexuais* e as *pulsões do Eu*; antes introduziu uma distinção suplementar, na qual a libido poderia coincidir ora com o objeto (*libido objetal*), ora com o Eu, sendo, assim, *libido narcísica*.

Esta classificação buscou dissipar algumas ambiguidades acerca das *pulsões do Eu*, fazendo com que elas emanassem do Eu e apontassem para objetos distintos, ainda que o Eu pudesse ser objeto para a *pulsão sexual*. Todavia, logo vemos que, no âmbito da segunda tópica, a oposição entre *libido narcísica* e *libido objetal* perde seu vigor. De fato, se a libido das pulsões incide unicamente sobre o Eu, “já não há por que reconhecer no eu uma vontade consciente de censura com respeito a *pulsões sexuais*” (NÁSIO, 1999, p. 69). E se a autoconversaão poderia reconduzir ao amor de si, paralelamente, no que tange a *libido narcísica*, isto renderia para Freud uma despercebida aproximação ao monismo junguiano; vínculo este que o austríaco

rechaça quando fundamenta seu novo dualismo pulsional: *pulsões de vida* e *pulsões de morte*. Lendo *Além do Princípio do Prazer*, vemos, inicialmente, como Freud classifica as *pulsões de autoconservação* entre as *pulsões de morte*, mas não demora muito para retificar sua posição e enxergar na conservação do eu um caso de *pulsões de vida*, tratando-as, insto sim, como pulsões que trabalham em favor da matéria viva, ou seja, contra a morte, de modo que galgariam uma potencial imortalidade – “um alongamento do caminho para a morte” (FREUD, 2010e, p. 207). Desta feita, nos é, pois, facultado dizer que, para além de uma compreensão das pulsões marcada ora por um investimento substitutivo num objeto fálico-ideativo de poder (*pulsão sexual*), ora por um investimento em si (*pulsão do Eu*), foi preciso que Freud fundamentasse o encontro com o vazio, com isto que, anojetal, agressivo, não-fálico e feminino não cessa de se repetir. Estamos falando da evidência universal e indelével da morte; do eterno jogo entre Eros e Thánatos.

Ora, vistas sob esta luz, as *pulsões sexuais* figuram sob um novo prisma. Tomadas como pulsões que nos acompanham desde o princípio, evitando o caminho da morte, são predominantemente conservadoras, pois não só fazem reviver o passado, como se revelam resistentes para com demandas externas, na medida e que tentam preservar a vida. Compreendidas, agora, sob o significante das *pulsões de vida*, agem contra o objetivo final da viventes, insinuando, por assim dizer, uma contraposição diante das catexias reputadas ao signo da morte. Para Freud, é como se este dinamismo representasse o próprio ritmo dos indivíduos, que, conforme a altura do caminho percorrido, hesita entre a vida e o anorgânico. É como se um conjunto de pulsões estivesse precipitado “para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida o mais rapidamente possível” (FREUD, 2010e, p. 208) enquanto outro corresse “para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada” (FREUD, 2010e, p. 208); valendo, é claro, lembrar que, orientado à completa satisfação dos desejos, este último caminho é bloqueado pela resistências da repressão, sendo obrigado a fluir “pela direção de desenvolvimento ainda livre, embora sem perspectiva de encerrar o processo e poder alcançar a meta” (FREUD, 2010e, p. 210).

Admitindo conservadorismo pulsional, talvez possamos sustentar não só que as pulsões tendem a repetir o estado inicial no qual o indivíduo regressa ao ponto de partida da vida, mas que a originalidade destas contribuições está na edificação de um novo dualismo pulsional. Apelando à ação das forças atuantes sobre a substância viva, distingue-se enfim duas formas de pulsões: de um lado, as *pulsões de morte*, que

“pretendem conduzir a vida à morte” (FREUD, 2010e, p. 214) e, do outro, as *pulsões de vida ou sexuais*, “que sempre buscam e efetuam a renovação da vida” (FREUD, 2010e, p. 214). Funcionando menos como motivações do funcionamento anímico do que como princípios reguladores do organismo, este dinamismo contrapõe *pulsões de vida e pulsões de morte* com o fim de modificar função e a situação das pulsões no conflito, que, por sua vez, já não coincide mais com um estrito conflito pulsional, pois a energia do Eu decorreria de um fundo dessexualizado. É a oposição entre estas instâncias que permitirá compreender “como dois grande princípios que já veríamos [...] no mundo físico [...] estariam na base dos fenômenos vitais” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 538).

Em verdade, se o que emerge daqui tem a ver com um princípio global compassado por um movimento pendular que faz as pulsões tanto prolongarem o percurso da vida, quanto atingirem a meta final da vida (a morte), é trazendo à baila nomes Fliess<sup>27</sup>, Weismann<sup>28</sup> e

---

<sup>27</sup> Estudioso da bissexualidade, Wilhelm Fliess misturou teses extravagantes sem conseguir organizá-las num sistema adequado ao seu tempo. Amigo de Freud, exerceu sobre este tanto afinco que, juntos, procuraram meios para construir uma inovadora teoria biológica da psique humana. Por meio das correspondências que ambos mantiveram, descobrimos de onde Freud retira parte das influências que fundamentariam sua noção de bissexualidade, as hipóteses acerca da histeria, da neurose e do Édipo, bem como seu gradual rompimento com a teoria da sedução. Em 1920, vemos que a concepção fliessiana é utilizada para afirmar como os fenômenos vitais (incluindo a morte) “estão ligados ao cumprimento de determinados prazos, nos quais se expressa a dependência de duas substâncias vivas, uma masculina e a outra feminina, em relação ao ano solar” (FREUD, 2010e, p. 213). Contudo, Freud não deixa escapar que a influência das forças externas ao indivíduo pode tanto precipitar quanto atrasar a ocorrência de suas manifestações vitais, o que embaraça “a rigidez das fórmulas de Fliess e fazem duvidar, no mínimo, que as leis por ele postuladas tenham vigência exclusiva” (FREUD, 2010e, p. 213).

<sup>28</sup> Em 1920, o interesse de Freud por Weismann reside no modo como este tratou do tema da duração da vida e da morte, mais especificamente na concepção de que as substâncias vivas possuem um componente somático fadado à morte e outro, o plasma germinativo, potencialmente útil à conservação e procriação da vida. Para o psicanalista, o que lhe interessa, contudo, não é a análise biológica da vida, mas “as forças nela atuantes” (FREUD, 2010e, p. 214), que o conduzem à distinção entre *pulsões de morte e pulsões de vida*. Ora, esta distinção poderia facilmente soar no mesmo timbre da teoria de Weismann, mas isto logo se desfaz quando vemos que, sobre o

Schopenhauer<sup>29</sup> que Freud empenha-se em analisar as críticas que poriam à bancarrota suas especulações. Pautado por ponderações concernentes a evolução da teoria da libido, ainda que seja impelido ora à dar cabo da indiferenciação libidinal junguiana, ora à responder as acusações de pansexualismos<sup>30</sup>, é avaliando as críticas que possa suscitar que Freud se vê em condições de reafirmar a impositividade de

---

problema da morte, a diferença entre soma (mortal) e plasma germinativo (potencialmente imortal) é, para este, válida apenas aos organismos pluricelulares. De acordo com Freud, se a morte é uma concepção tardia, admitir um óbito natural aos seres pluricelulares não ajuda na compreensão do problema, pois determinadas *pulsões de morte* presentes desde o início da vida deixam de ser consideradas. Assegurando-nos de que as afirmações de Weismann jamais obtiveram resultados decisivos, para Freud, é fora de questão que esta “tal concepção da morte [...] se acha mais próxima da maneira habitual de pensar do que a estranha hipótese de ‘instintos de morte’” (FREUD, 2010e, p. 216). Assim, por mais que os seres unicelulares possam revelar-se imortais, a afirmação da morte como uma aquisição posterior só é válida quando tratamos de manifestações evidentes de óbito, o que, todavia, não invalida a suposição dos processos pulsionais que impelem à morte. O interesse de Freud por Weismann residirá, portanto, no aspecto notadamente dinâmico da vida pulsional, ainda que aquele só recorra ao dinamismo das forças aí atuantes.

<sup>29</sup> Inquirindo-nos a indispensabilidade de um novo dualismo pulsional, Freud lê Schopenhauer, para quem “a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida” (FREUD, 2010e, p. 220).

<sup>30</sup> Se, da enunciação das *pulsões de autoconservação*, o conceito de sexualidade foi ampliado ao ponto abarcar manifestações distintas da função reprodutiva e, com isto, criou escândalos, com o avanço de teoria da libido, logo veio à baila a interpretação de que as *pulsões do Eu* teriam assumido o lugar mais eminente da conduta sexual. Estas posições renderam à Freud a acusação de pansexualismo. Com efeito, se é verdade que mesmo as *pulsões de autoconservação* são de natureza libidinal e que, neste escopo, não há outras pulsões fora do âmbito da libido, então, segundo o próprio, seria lícito dar razão “aos críticos que desde o início suspeitaram que a psicanálise explica *tudo* a partir da sexualidade, ou aos inovadores como Jung” (FREUD, 2010e, p. 224). Contudo, há de se observar que, em 1920, o austríaco não necessariamente rejeita suas formulas, mas defende apenas que sua dualidade pulsional deve “ser caracterizada de outra forma, [...] como sendo *topológica*” (FREUD, 2010e, p. 223). Assim, a fim tanto de dar cabo do indiferencialismo junguiano quanto de desvencilhar-se das acusações recebera, Freud firma sua posição em favor de um renovado dualismo pulsional, que parte da nítida separação “entre instintos do Eu = instintos de morte e instintos sexuais = instintos de vida” (FREUD, 2010e, p. 224).

seu novo dualismo, uma vez que não encontra qualquer maledicência capaz de contradizer seus postulados, ainda que careçam de provas. É embaraçoso – diz – para a psicanálise o fato de nos permitir, até agora, destacar apenas as pulsões “libidinais. Mas nem por isso partilharemos a conclusão de que não existem outras” (FREUD, 2010e, p. 225), pois, diante dos empecilhos da teoria das pulsões, não convém “rejeitar qualquer ideia que prometa alguma luz” (FREUD, 2010e, p. 225).

Partindo assim de problemáticas como o ódio e o sadismo, sua arguição nos faz reafirmar – positivamente – a solidez do novo dualismo pulsional! Se desde o início suas concepções foram dualistas, o são, hoje, mais dualistas “do que antes, desde que não mais denominamos os opostos instintos do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte” (FREUD, 2010e, p. 224). Desta maneira, posto que a *compulsão à repetição* foi a única manifestação desvinculável do *princípio do prazer*, se não é verdade que qualquer ato psíquico possa derivar de uma instância erótica ou autoconservadora, é caracterizando a dimensão anobjetal, vazia e destrutiva das pulsões e, disto, descrevendo um novo modo de compreendê-las que – seja pela via sádica ou masoquista – Freud enuncia uma distinção pulsional ainda mais primitiva: a “separação entre instintos do Eu = instintos de morte e instintos sexuais = instintos de vida” (FREUD, 2010e, p. 224). Portanto, não é a libido quem divide-se; esta, dissemos, é universal, neutra e, essencialmente sexual (ativa), não é masculina, nem feminina, e tampouco porta indicações sobre a natureza do objeto que irá investir-se. O que é dívida é a pulsão, que, a partir de 1920, será compreendida a partir dos signos da *vida* e da *morte*. Para nossa leitura, vale notar que estes significantes serão transliterados para sexualidade fálica e sexualidade não-fálica, sendo este, enfim, o horizonte feminino.

Neste ponto, uma observação acerca deste novo dualismo pulsional! Com efeito, posto que o sexual só pode figurar em termos de prazer-desprazer, enquanto a *pulsão de vida* está ligada ao objeto de desejo, a *pulsão de morte* remete ao que se faz tácito, invisível e silencioso sob nossa conduta. Dado que a diferença entre ambas reside no tipo/modo/orientação de dispêndio, isto iria, porém, na contramão da ideia de que a *pulsão sexual* é aberrante e conflitiva, já que pressupõe o horizonte sexual fora do limite simbólico do objetos, desembocando assim numa naturalização do mesmo. Segundo Garcia-Roza, a solução para um impasse desta estirpe “poderia ser a de aceitarmos que os termos ‘morte’ e ‘sexual’, enquanto qualificando diferencialmente a pulsão, correspondem a modos de ser da pulsão e não a uma distinção

ontológica” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 56). Contudo, se bem entendido, esta perspectiva contraditaria os postulados freudianos, pois abriria margem para tornar monista a teoria das pulsões. Com isto queremos dizer que não há um “para além” do dinamismo pulsional; se existe, é apenas uma metáfora, pois “supor a existência deste momento fora do tempo, [...] é algo que se reduz à um nome apenas: pulsão” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 57), mas “pulsão é sempre pulsão sexual e pulsão de morte” (GARCIA-ROZA, 1986, p. 57). A ideia de uma autonomia das pulsões é “análoga à do funcionamento autônomo do princípio de prazer e do princípio de realidade” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 138) – proposta esta o que Freud rejeita. Assim, em momento algum poderíamos defender a existência pulsões fora desta dicotomia, uma vez ambas as modalidades se impõem juntas.

A solução estaria em concebermos o dualismo pulsional não como um dualismo de *natureza* das pulsões, mas como um dualismo de *modos* da pulsão. Assim, as pulsões, em si mesmas, seriam todas ‘qualitativamente da mesma índole’, como diz o próprio Freud; a diferença entre elas seria dada pelos seus modos de presentificação no aparato anímico. E poderíamos conceber dois modos fundamentais: o disjuntivo e o conjuntivo. Se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo e mantendo uniões, conjunções, ela é dita ‘de vida’; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, ‘fazendo furo’, então ela é dita ‘de morte’. [...] *pulsão de vida* e *pulsão de morte* seriam modos de presentificação da pulsão no psiquismo e não qualidades das pulsões elas mesmas (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 162)

Isto posto, quando trata das *pulsões de morte*, Freud não apenas parece preocupado em apontar uma categoria fundamental da teoria das pulsões que contradissesse as *pulsões de vida* e que tenderia ao apaziguamento das tensões inter-humanas, como propõe-se descrever como as mesmas tendem a dirigir-se ora ao interior (onde aspiram a autodestruição do ego: masoquismo originário<sup>31</sup>), ora ao exterior,

---

<sup>31</sup> Tendo em vista as problemáticas derivadas da introdução do novo dualismo pulsional, em 1920, Freud indica a possibilidade de um masoquismo original que, devido as *pulsões de morte*, dirige as pulsões contra o Eu, expressando “um retorno a uma fase anterior dele mesmo, uma regressão” (FREUD, 2010e, p.

manifestando-se – pela vontade de poder – agressivamente. De acordo Garcia-Roza, esta não é uma noção descritiva, mas uma tese metapsicológica mesclada às *pulsões sexuais*: “é o Eros se contrapondo ao Thánatos e garantindo o dualismo tão caro a Freud” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 137). Desta feita, posto que ao longo do desenvolvimento libidinal as *pulsões de vida e morte* aparecem misturadas e que aquela é ruidosa enquanto esta figura invisível e silenciosa, vemos como Freud rege suas especulações em vista de galgar argumentos capazes de corroborar com sua nova estruturação e, nas últimas páginas do texto, fundamentar a hipótese de uma predominância tácita das *pulsões de morte (não-fálicas)* sobre as ocorrências psíquicas. Empenhado em defender sua tese, retoma uma ideia presente desde o início de sua obra (as leis econômicas do *princípio do prazer*) a fim de ratificar o que leva as *pulsões de morte* a serem entendidas como correspondentes ao *princípio de nirvana*<sup>32</sup>.

Ora, eis aí um grande problema, pois, tendo em vista as dificuldades em alocar as *pulsões de morte* nos princípios do funcionamento psíquico, é pelo fato de conduzir as excitações ao nível zero que o *princípio do nirvana* sugere uma ligação profunda e problemática entre prazer e aniquilamento. É larga a querela, pois “permanece a questão de saber se aquilo que Freud chama de *princípio do prazer* corresponde a uma manutenção da constância do nível energético ou a uma redução radical das tensões ao nível mais baixo” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, p. 468). Ainda que o *princípio do nirvana* exprima uma grande tendência para a *pulsão de morte*, também é plausível sustentar sua proximidade com as *pulsões de vida*. Entretanto, é pelo fato de estar situado no escopo da significação que o *princípio do prazer* não designa a manutenção da constância. Quer porque esteja referido ao livre escoamento, quer porque Freud o põe como servo das *pulsões de morte*, é fato que, “quando [...] o princípio do prazer tende a ser assimilado a um princípio de redução a zero (princípio do nirvana), o seu caráter fundamental e último deixa de ser contestado” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, p. 469) – a saber: a satisfação fantasiosa ou egóica das exigências pulsionais.

---

226). O termo aponta para a destrutividade que ora é lançada para fora, ora “permanece no interior do organismo e, como um resíduo, vai constituir o masoquismo original (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 138).

<sup>32</sup> Esta é uma expressão emprestada da psicanalista inglesa Barbara Low.

Segundo Freud, enquanto que, em favor da morte, os processos vitais do conduzem ao nivelamento das tensões, na contraparte, a união das substâncias vivas potencializa “essas tensões, introduz como que novas *diferenças vitais*, que depois têm de ser *dissipadas vivendo*” (FREUD, 2010e, p. 228). O estado de equilíbrio no qual se encontra o inanimado foi rompido em favor da vida, e esta nada mais é do que uma tentativa de retorno ao estado original. Desta feita, posto o aspecto renovador e apaziguador das *pulsões de morte*, o *princípio do nirvana* vem designar a tendência predominante das vivências psíquicas (e da vida em geral) em manter constante ou mesmo reduzir ao mais baixo nível as tensões. Expressando algo diverso de leis de constância e homeostase, se a tendência do aparelho psíquico é reduzir/remover a tensão oriunda das relações com a alteridade, o reconhecimento deste princípio representaria, portanto, o dos “mais fortes motivos para crer na existência de instintos de morte” (FREUD, 2010e, p. 228).

Isto posto, se quisermos manter as *pulsões de morte*, devemos ter em mente que as pulsões voltadas para a união sexual visam repetir “algo que aconteceu casualmente uma vez e que desde então se firmou por ser vantajoso” (FREUD, 2010e, p. 229). Em referência ao *Banquete* de Platão (que exprime não somente a origem da *pulsão sexual*, mas suas variações em relação aos objetos<sup>33</sup>), Freud nos diz que, diferentemente das *pulsões de morte*, as *pulsões de vida* partem “da *necessidade de restauração de um estado anterior*” (FREUD, 2010e, p.

---

<sup>33</sup> Aqui, uma referência ao *Banquete* de Platão, onde, segundo Freud, Aristófanes exprime não só a origem das *pulsões sexuais*, mas também duas variações relativas ao objeto. Nesta passagem, o Aristófanes relata que a natureza humana mais primitiva estava pautada não por dois, mas por três espécies distintas: “três eram os gêneros da humanidade, [...] o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois [...]; andrógino era então um gênero distinto” (PLATÃO, 1991, pp. 57-58). Possuindo um corpo arredondado, quatro mãos, pernas em igual número, dois rostos e também dois órgãos genitores, tais seres eram bastante fortes e não raro desafiavam os deuses, o que fez Zeus reparti-los em dois, tornando-os mais fracos e detentores somente da metade dos atributos outrora recebidos. Feita esta divisão, cada parte passou a desejar sua metade, “e a ela se unia, e [...], no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro” (PLATÃO, 1991, p. 59). Diante disto, Freud nos questiona se devemos seguir Aristófanes e arriscar supor que talvez os seres vivos tenham sido desmembrados e que, desde então, “buscam reunir-se de novo mediante os instintos sexuais?” (FREUD, 2010e, p. 232)

230). Evitando uma morte não natural, se, enquanto *pulsões de auconservação*, são elas quem nos mantém no caminho da morte, serão também elas que, enquanto *pulsões sexuais*, garantirão uma virtual imortalidade. Conjuntivas, as *pulsões de vida* regulam o caminho para a morte. E o *princípio do prazer* tem a função de manter as excitações presentes no aparelho psíquico o mais baixo possível. Contudo, é reconhecendo a tendência de todo ser vivo em retornar ao inorgânico que logo vemos como, em contrapartida, as *pulsões de morte* não só impedem a “repetição/restauração do mesmo”, como possuem um potencial criador apto a impor novos começos, e cujas consequências derrubam a hegemonia fálica do *princípio do prazer*.

Disjuntivas, as *pulsões de morte* apontam “uma região do campo psicanalítico, concebido como o caos pulsional, oposto à ordem do aparato psíquico” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 162). Atestando, assim, o nível de exigência de Freud, podemos dizer que a teoria das *pulsões de morte* indica-nos o sentido de um princípio que, latente em nossos atos, é ao mesmo tempo renovador e apaziguador sem contudo deixar de constituir-se caótico, destrutivo e vazio. Se a conservação da vida está do lado de Eros, a *pulsão de morte* é quem possibilita novos começos. Do lado de Thánatos, ela é a potência criadora. E se não demora para entendermos que a consciência ela mesma nos transmite, desde seu amago, não só sensações prazerosas e desprazerosas, mas tensões que, de tão peculiares, podem ser prazerosas ou desprazerosas em si, será, portanto, verdade que “o princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos de morte” (FREUD, 2010e, p. 238); pulsões estas que, de tão silenciosas e difíceis de localizar, nos permitirão explicar um horizonte não-fálico da sexualidade; um “mais-além” do aparato psíquico imediatamente dado e que, por suas consequências, remete-nos à *Construção do feminino em Freud*.

De fato, se vislumbramos que Eros visa a unidade e Thánatos a disjunção entre as pessoas, então a *pulsão de morte* é não só uma crença hipotética, mas o registro de uma força motriz que expressa o encontro e o desencontro entre os sexos. Ela é a marca da perda do outro que, por sermos sexuados (ligados com algum objeto), nos impele à ruína, ao vazio e ao rompimento. Anobjetal, seu direcionamento não necessariamente visa produzir sentido, pois, em essência, faz retornar a impressão de objetualização e alienação ao outro. Neste sentido, dizemos que Freud, desde o inconsciente, estreita secretamente a relação do feminino com a hipótese das *pulsões de morte*, sendo esta o pivô do desejo. Por mais que as escolhas objetais sejam pautadas pelo desejo, é,

na verdade, a *pulsão de morte* que o move é orientada, pois, enunciamos, é difícil para o inconsciente distanciar-se das instâncias mais vitais e tácitas que, silenciosas, se repetem no comportamento. Portanto, o que *Além do Princípio do Prazer* anuncia é o paradoxo da clivagem entre o masculino e o feminino, pensado a partir da desagregação, do “mais-além”; do querer repetir novamente o desagradável, a castração. Sem excluir a mútua implicação de ambos, é como se Eros (vida) e Thánatos (morte) fossem extensões de uma só moeda, que encontra na *compulsão à repetição* e nas *pulsões de morte* a expressão de uma possibilidade sexual ainda mais primitiva: a sexualidade não-fálica, feminina.

Seguindo este esquematismo, antes de falarmos da sexualidade feminina e da feminilidade, resta-nos comentar a *pulsão de destruição* e a família, que, dentro da perspectiva da cultura, mostrarão, por um lado, como Eros, seguindo o *princípio do prazer*, pretende juntar os indivíduos isolados, e, na contraparte, como Thánatos, pelo “mais-além”, torna evidente “a hostilidade de um contra todos e de todos contra um” (FREUD, 2010h, p. 90). No próximo tópico, veremos como o horizonte feminino põe em cheque os laços de comunhão e fraternidade que possam existir numa sociedade, utópica ou não.

### 3.1.3. Mulher, agressividade e “Mal-Estar”

Introduzida em 1920, a *pulsão de destruição* vem caracterizar aquilo que nas *pulsões de morte* produz efeitos e se faz reconhecer na experiência. De modo a assinalar os objetivos das *pulsões de morte* dentro de uma perspectiva factual (biologia e psicologia), ela qualifica “as pulsões de morte [...] voltadas para o exterior. [...] a destruição do objeto” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 510). No registo d’*O Mal-Estar na Civilização (1930)*, encontramos os melhores apontamentos sobre esta noção, bem como sua relação com a família e o horizonte feminino. Vejamos.

Com efeito, indagando-nos acerca do que torna os homens felizes e diante imperativos como “ama o próximo como a ti mesmo” ou “ama teus inimigos”, vemos, em 1930, que Freud se posiciona na contramão das exigências do senso comum quando diz que não raro esquecemos o quão, de fato, não somos criaturas brandas e avidas de amor. Adotando uma rejeição voluntária de nossa hostilidade, a cultura por vezes desconsidera o grande quinhão de agressividade presente em nossa constituição. Assim, por mais vantajosas que possam ser junto a

civilização<sup>34</sup>, quando incidem sobre os indivíduos, tais exigências tendem a se tornar um peso extremo e irracional. Sem abdicar desta cota de crueldade, o que Freud reclama é o reconhecimento de que, para o sujeito, o outro não é somente um possível colaborador sexual, mas um objeto capaz de satisfazer suas tentações mais agressivas e cruéis.

O homem, diz ele, “é o lobo do homem” (FREUD, 2010h, p. 77). E se, disto, pressupomos o uso de métodos restritivos ao livre escoamento da libido (pulsão inibida na meta), é, todavia, a agressividade quem resiste às regulações exteriores (proibições e exigências) e, de um ponto de vista pessoal, possibilita os mais distintos laços de cooperação. Ora, recusando a ideia de que as motivações egóicas e altruístas impossibilitam as demandas sociais de se imporem sobre interesses individuais<sup>35</sup>, o que *O Mal-Estar na Civilização* trata de considerar são as revisões feitas a partir de 1920 para, disto, conceber – ainda que implicitamente – a independência de uma *pulsão agressiva* ou *destrutiva*. Tomando em consideração o aspecto pratico daquilo que,

---

<sup>34</sup> Em 1930, a ideia de civilização designa a soma das “realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais” (FREUD, 2010h, p. 49), servindo assim sob dois aspectos: 1) a defesa contra as forças da natureza e 2) a regulação dos vínculos humanos entre seus semelhantes.

<sup>35</sup> Esta recusa de Freud refere-se ao *Futuro de Uma Ilusão* (1927), quando ainda acreditava que, por racionalizações da vontade, o homem conseguiria aceitar as exigências impostas socialmente. No escopo desta obra, é possível defender certo reformismo dos vínculos sociais, pois realmente acreditava-se na possibilidade de reconciliarmos-nos com a civilização. Galgando uma visão progressivamente mais realista de si e das circunstâncias, esperava-se da humanidade que fosse capaz renovar suas exigências, de modo que chegaria o momento onde poder-se-ia pensar numa total extinção das proibições. Todavia, Freud percebe que esta visão passa por alto um exame mais detalhado da agressividade, constituinte tácita das relações afetivas e sociais. *O Futuro de Uma Ilusão* deixou de considerar não só o fato da agressividade humana resistir diante das proibições e exigências externas, mas que é só ela quem efetiva os laços de cooperação. Esta obra não trata a crueldade humana nem como fonte de exigências incidentes sobre o indivíduo, nem como obstáculo para uma reconciliação com a civilização. Sendo assim, seu otimismo parece estar encrustado naquilo que já havia sido rechaçado: a ideia de que as motivações egóicas e altruístas representam as pulsões de autoconservação e sexuais, que, por si só, garantem impossibilidade das demandas sociais se imporem sobre o indivíduo. *O Mal-Estar na Civilização* torna a considerar as revisões de 1920 e concebe a independência de uma *pulsão agressiva* ou *destrutiva*.

continuamente, impulsiona os seres vivos ao anorgânico, é a análise desta variante pulsional agressiva quem constituirá o eixo de 1930. Segundo Garcia-Roza, afirma-se, a partir desta data, a autonomia da pulsão de morte, agora sob o signo da *pulsão de destruição*: “destrutividade e sexualidade passam a ser consideradas com inteira autonomia uma com respeito à outra” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 159). É o reconhecimento da autonomia do aspecto destrutivo de nossa conduta quem proporcionou uma mudança na teoria psicanalítica das pulsões, pois não se trata mais da *pulsão de dominação* infantil (a indiferença em relação ao sofrimento alheio), mas de uma pulsão agressiva que ocupa todos os âmbitos do “comportamento humano e vai se exprimir tanto através de condutas sociais banais [...], como através de condutas consideradas como associadas” (ENRIQUEZ, 1990, p. 108). Trata-se de pôr em questão a natureza do nosso “mal-estar” por meio da dualidade pulsional reivindicada em *Além do Princípio do Prazer*: “ao lado de Eros, um instinto de morte” (FREUD, 2010h, p. 86). Para além dos aspectos conservadores das pulsões, Freud vislumbra, aqui, impulso à vida inorgânica. Contudo, se as manifestações de Eros se faziam bastante evidentes, a força de Thánatos (pulsão de morte) era, pelo contrário, silenciosa e tácita:

Não era fácil mostrar a atividade desse suposto instinto de morte. As manifestações de Eros eram suficientemente visíveis e ruidosas; era de supor que o instinto de morte trabalhasse silenciosamente [...] Levava-nos mais longe a ideia de que uma parte do instinto se volta contra o mundo externo e depois vem à luz como instinto de agressão e destruição. Assim o próprio instinto seria obrigado ao serviço de Eros, na medida em que o vivente destruiria outras coisas, animadas e inanimadas, em vez de si próprio (FREUD, 2010h, p. 86)

Ora, se assim percebemos que a violência é condensada numa única e mesma pulsão, é a constatação desta nossa tendência agressiva que revela a besta selvagem que somos. Excetuando quem amamos, não poupamos nem os de nossa espécie. Mas é justamente aqui onde instâncias civilizatórias se instalam, pois os interesses racionais não se bastam. De fato, impondo sérios dispêndios, “a civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem” (FREUD, 2010h, p. 78). Para manter a destrutividade humana sob

controle, se vale de imperativos morais que, em verdade, opilam-nos de exigências, mas cujas demandas jamais serão totalmente cumpridas. Constantemente ameaçada de desintegração, a civilização promove laços de afeto para não padecer – a família, por exemplo. Favorecendo o cultivo de métodos restritivos que cooptam as pessoas para manter relações inibidas na meta, promove entre os homens um sentimento generalizado de afeto, que implica “forzosamente la formulación de demandas excesivas en el autocontrol y la buena voluntad de esos seres” (DEIGH, 1996, p. 349). Buscando prevenir, controlar e inibir o excessos, espera punir e direcionar por meio de leis e direitos. Diante desta hostil natureza humana, a marcha da civilização nada mais é do que a marcha contra a natureza humana mais primordial.

Todavia, levando em consideração que os afetos são de origem sexual, se até aqui reafirmamos o dualismo pulsional dentro do âmbito da cultura e se, disto, entendemos que há um limite para o autocontrole dos homens, então não demora para compreendermos como, para além dos afetos, impera a influência de nossa natureza agressiva. Em razão desta propensão, o interesse que a comunidade tem sobre o trabalho não se basta para manter sua coesão, pois é fato que as paixões são muito mais poderosas que a racionalidade. Mesmo com seus dispositivos em plena função, não há como negar que os empenhos civilizacionais estão distantes de compreender as mais sutis agressividades humanas.

Isto nos faz aceitar que a possibilidade de uma universalização do amor pela via civilizacional não se basta frente aos nossos pendores destrutivos. De um ponto de vista psicológico, esta possibilidade, diz Freud, é utópica<sup>36</sup>! Ainda que possamos subtrair do homem sua propensão agressiva, nada mudamos sobre a natureza da agressividade ou da influência que esta tem sobre o nosso comportamento, quando usa ou abusa de seus poderes para atingir seus propósitos. Uma disposição

---

<sup>36</sup> Em 1930, eis uma crítica ao movimento comunista, pois este também não foi capaz de encontrar alguma formula definitiva para a extinção do mal. Para o comunismo, se o homem é bom, é a propriedade privada quem lhe perverte. Num ato de rebeldia dos oprimidos, toda a maldade só desvanecerá se o privado for abolido, “todos os bens forem tornados comuns e todos os homens puderem desfrutá-los” (FREUD, 2010h, p. 79). Entretanto, diz Freud, este movimento cai por terra ao acreditar que a abolição da propriedade privada é suficiente para extinguir a má vontade dos homens. Sua crítica: tal como n’outras sociedades, os comunistas também se utilizam da “agressão para reforçar a coesão do grupo, permitindo-lhe tratar os estrangeiros como *inimigos*” (ENRIQUEZ, 1990, p. 109). Eles encontram apoio na perseguição à burguesia.

pacifista em nada modifica a má vontade entre os homens; “pelo contrário, ela utiliza a agressão para reforçar a coesão do grupo” (ENRIQUEZ, 1990, p. 109).

Para Freud, a agressividade é, pois, o traço mais fundamental da natureza humana; um resquício vivo e indelével de nossa constituição, e que acompanha-nos por onde vamos. Ela é “o sedimento de toda relação terna e amorosa entre as pessoas” (FREUD, 2010h, p. 80). Aquém de uma universalização dos afetos, o austríaco diz que só é possível reunir um número grande e coeso de pessoas pela via do amor enquanto entre elas resistir a possibilidade de se exteriorizar a agressividade, as zombarias, as perversidades, etc. E se uma vez atinamos para esta impossibilidade de fomentarmos os vínculos sociais fora do quinhão de agressividade, compreendemos enfim o motivo de não sermos realmente felizes em meio a civilização. Quando comparados aos homens primitivos, parece que trocamos nossa cota de felicidade por uma parcela irrisória de segurança – a família. Portanto, se a cultura impôs sacrifícios à vida sexual, também foi capaz de mediar a agressividade.

Reconhecendo o quanto a teoria das pulsões foi truculenta para o desenvolvimento de sua obra<sup>37</sup>, ao dar voz para esta nossa tendência destrutiva, Freud não só fornece novas armas para as forças interditanas da cultura, como defende que é por causa da presença onisciente desta

---

<sup>37</sup> No sexto capítulo de *Mal-Estar na Civilização*, Freud reconhece suas dificuldades entorno da teoria das pulsões e se empenha em resumir alguns dos pressupostos norteadores que o conduziram até assumir a autonomia da *pulsão de destruição*. Com efeito, acerca da primeira teoria pulsional, diz que, em favor da manutenção da espécie, “a fome poderia representar os instintos que querem manter o ser individual, enquanto o amor procura pelos objetos” (FREUD, 2010h, p. 84); donde se segue a introdução do conceito de libido e a distinção entre libido do Eu e libido objetual. Mas se a neurose só vinha às claras no embate entre a autopreservação e as exigências externas, então foi imprescindível introduzir uma nova acentuação. Da compreensão de que o Eu era investido de libido e de que, mesmo dirigindo-se ao objetos, a libido regressa ao eu, “o conceito de narcisismo tornou possível apreender analiticamente a neurose traumática, assim como a psicose e muitas afecções vizinhas a esta” (FREUD, 2010h, p. 85). Contudo, faltava um último passo, dado em 1920, a partir do qual as pulsões nunca mais seria todas da mesma espécie. Com o novo dualismo, emerge a ideia de que não seria possível desconsiderar a *pulsão de morte*, cuja função seria dissolver as criações de Eros, devolvendo-as “ao estado primordial inorgânico” (FREUD, 2010h, p. 86). O reclame deste aspecto hostil, destrutivo e violento de nossa conduta em meio à civilização constituirá o eixo da obra de 1930.

pulsão que não podemos deixar de reconhecer “um prazer narcísico extraordinariamente elevado” (FREUD, 2010h, p. 89). A *pulsão de destruição* é a negação do outro, pois “mostra ao Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência” (FREUD, 2010h, p. 89). Diante dela, o outro só existe como instrumento, cujos fins são testemunhos de como os desejos infantis mais arcaicos podem ser evidenciados na realidade. Quando inibida na meta, pode, em verdade, proporcionar satisfação. Contudo, uma vez posto que os homens desejam se igualar aos deuses, é também fato que, sem satisfazer-nos com o aviltamento de alguns poucos, desejamos a destruição total. Desta forma, sem com isto nos depararmos com quaisquer investimento sexual substitutivo (no Eu ou n’algum objeto fantástico), faz-se imperativa a interpretação de que este nosso pendor agressivo é, antes, uma disposição pulsional autônoma e original; obstáculo, portanto, da civilização. Assim, é em acordo com os postulados da segunda tópica freudiana que observamos como a *pulsão de agressividade* revela a mais fundamental ligação entre as pulsões e os poderes celestes de criação/conservação e destruição. Estamos falando da antiga batalha entre Eros e Thánatos; luta esta que se traduz em cada um de nós como a aceitação ou negação do outro por meio da aceitação ou rejeição das implicações que os desejos do outro possuem sobre os nossos próprios desejos.

Isto posto, resta-nos definir o lugar da família e do feminino dentro da cultura! Veremos aqui que este horizonte não-fálico da sexualidade põe à prova os laços de comunhão e fraternidade que possam existir numa sociedade.

Ora, se é fácil crer que, da comunidade, o indivíduo era detentor de maior porção de liberdade, logo percebemos que este mal conseguia defender-se. A liberdade destes povos não possuía, em verdade, qualquer valoração, pois só alcançavam satisfação enquanto os ventos da fortuna não abalasses a seguridade. Neste sentido, há de se convir que o que numa sociedade se faz sentir como um impulso para a liberdade não existe senão ou a partir da afirmação de si contra todos como algo natural ou da revolta do indivíduo (ou grupos) contra certas instituições injustas. Se o primeiro caso pode figurar como um fator hostil à civilização – pois apela à luta pela sobrevivência –, o segundo, por impor-se contra as injustiças, pode desencadear uma evolução cultural compatível com a civilização. Para Freud, boa parcela desta querela reside, portanto, em encontrar “um equilíbrio [...] entre tais exigências individuais e aquelas do grupo” (FREUD, 2010h, p. 58).

Sendo quase impossível alçar um plano onde o indivíduo não padeça, tal equilíbrio não consegue impedir a civilização de repousar sobre uma renúncia pulsional. A evolução cultural nos permitiria, desta maneira, destacar um processo peculiar da humanidade, ou seja, de que o seu avanço efetua sobre os indivíduos graves mudanças nas “disposições instintuais [...], cuja satisfação é, afinal, a tarefa econômica de nossa vida” (FREUD, 2010h, p. 59). Predizendo um futuro nada agradável, Freud diz que grande parte de nossa atividade pulsional é de tal modo alienada que, tomando como exemplo o erotismo infantil e a família, podemos enxergar traços de caráter naquilo que seriam as perversões. O austríaco destaca que a atividade sublimatória será, por conseguinte, uma imposição da civilização sobre nossas pulsões.

Com efeito, após dar-se conta de que era sua responsabilidade garantir a sorte durante sua vida terrena, não passou despercebido ao homem primitivo que algumas pessoas estivessem empenhadas em ajuda-los e outras não. Nossos ancestrais adotaram o hábito de tornar próximos aqueles que poderiam ampará-los. Temos, com isto, as primeiras famílias! E é de supor que estas formações estivessem relacionadas ao fato das necessidades genitais não se apresentarem mais como hóspedes, e sim como inquilinas. Entretanto, mesmo quando motivados a cultivar sentimentos de afeto, mesmo que a figura masculina já possuísse motivos para conservar junto de si uma fêmea, é fato que o maior interesse dos primitivos era manter por perto os mais fortes. Homens, mulheres e filhos buscavam, antes, proteção.

Não há como negar, portanto, que lhes faltava um traço essencial ao fomento de uma civilização, pois o descomedimento do chefe “não tinha limites” (FREUD, 2010h, p. 62). Para Freud, a vitória dos filhos sobre o pai tirano evidenciou que somos mais forte associados do que sozinhos. Seguindo a batuta de *Totem e Tabú* (1913): enquanto os *totens* mostravam como, em busca da manutenção da ordem, pautamo-nos por restrições impostas uns aos outros, os *tabus* evidenciavam os códigos penais. E se é fato que estes representam os primeiros êxitos da cultura, então podemos dizer que esta possuía uma fundamentação dupla: por um lado, os sujeitos eram regidos por *Ananke* e viam no trabalho uma forma de dar conta das necessidade externas, do outro, *Eros* (amor sexual) fazia com que os homens não abandonassem suas mulheres (objetos sexuais), enquanto e estas, por sua vez, não mais dispensariam sua prole ao acaso. A criança teria, enfim, proteção. Contudo, se em 1913 era cabível esperar de *Ananke* e *Eros* algum fim melhor para a vida em sociedade, n’*O Mal-Estar na Civilização*, Freud

indaga como “essa cultura pode não tornar felizes os que dela participam” (FREUD, 2010h, p. 64).

Afirmou-se, em suas análises, que os amores sexuais proporcionam as mais fortes satisfações. Ao dispor o erotismo no centro das significações vitais, encontrou-se no amor genital o esboço da felicidade. Mas como é de se esperar, isto torna claro outro aspecto, este sim preocupante, e que tem a ver com a nossa dependência em relação ao mundo externo e aos objetos amorosos. Quando ama, o homem, atravessado por *Eros*, “fica exposto ao sofrimento máximo” (FREUD, 2010h, p. 64). Invadido pelo receio de perde-los, torna-se submisso às vontades de quem é amado. E se consegue encontrar na vida conjugal uma felicidade, precisa que pagar um preço alto: evita “as oscilações e decepções do amor genital [...] transformando o instinto em um impulso *inibido na meta*” (FREUD, 2010h, p. 64).

Forçados a modificar suas constituições psíquicas em favor da vida amorosa, o que empreendem estes sujeito sobre si mesmos são sentimentos estáveis e uniformes – o oposto do agito de uma vida amorosa genital. Concebendo, nisto, uma concepção ética, não são poucos os que enxergam nesta tal disposição ao amor universal a mais sublime atitude. Todavia, Freud destaca que não há como passar por alto a imperatividade de ao menos duas contraditas. Ora, se este amor não tem escolhas, quem ama a todos comete duas grandes injustiças: não só deixa de lado o fato de que “nem todos os humanos são dignos de amor” (FREUD, 2010h, p. 65), como tende a fazer com que seu objeto perca “parte do seu valor” (FREUD, 2010h, p. 65).

Sendo este, portanto, um dos fatores constitucionais da família, dizemos que o amor que as fundou continua ativo em nossa civilização. Seja pela via da satisfação sexual direta, seja pela ternura, buscou-se unir cada vez mais pessoas numa comunidade. Para Freud, o amor *inibido na meta* foi, sempre, um sentimento sensual. Ambos – sensual e *inibido na meta* – tateiam limiares que vão além da família e fomentam a união com seres desconhecidos. Enquanto “o amor genital conduz à formação de novas famílias, aquele *inibido na meta*, à ‘amizades’, que culturalmente se tornam importantes” (FREUD, 2010h, p. 66).

Contudo, é com o avanço das evoluções culturais sobre o indivíduo que os vínculos entre amor e civilização deixam de ser indubitáveis. Eles são ambíguos e opacos. Se de um lado as relações amorosas vão na contramão dos interesses culturais, em contrapartida, a cultura restringe nossa vida afetiva. Esta ambiguidade, diz Freud, é encontrada, em primeira instância, na vida familiar.

Impera, aí, um conflito contra a comunidade que pertencem, uma vez que a família não quer ceder um só indivíduo seu. E quanto maior for a coesão entre seus membros, mais ainda eles tenderão a se afastar, o que dificulta o ingresso em círculos mais amplos, pois a separação da família torna-se uma árdua tarefa. Ora, mas se, em primeira instância, o amor é assim tão exclusivo, são as mulheres que, em segunda instância, contrariam a civilização, ao ponto de exercer fortes influências refreadoras sobre o indivíduo. Costuma-se dizer que são as mulheres quem representam da vida sexual e familiar, enquanto que o fomento da cultura tornou-se assunto dos homens.

Entretanto, é por seus companheiros não distribuírem a libido adequadamente e, com isto, alienarem parte de seus deveres familiares que elas (mulheres) serão “resistência” à civilização, não raro adotando atitudes hostis. Diante das falhas do companheiro, “a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura e adota uma atitude hostil frente a ela” (FREUD, 2010h, p. 67). Penando sob o rigor de sérias proibições que a impedem de assumir o que lhe interessa, a mulher caracteriza o dissocial da vida sexual; é ela quem “diz a verdade sobre o amor” (ENRIQUEZ, 1990, p. 104). Desta forma, se compreendemos como os laços sexuais são o lugar onde os prazeres do corpo e da alma não se distinguem, entende-se, paralelamente, que eles só são assim dispendiosos porque é para a mulher que resta a tarefa de suspeitar dos sentimentos inibidos na meta. Contra qualquer possibilidade de universalização do amor, ela, pela intuição, desconfia “da amizade, da afeição, do carinho, quando estes sentimentos tiverem como objetivo evitar o encontro com o corpo” (ENRIQUEZ, 1990, p. 105). Perturbando a tranquilidade dos vínculos homoafetivos<sup>38</sup>, é a mulher que nos lembra o quanto o incesto ainda é possível!

Signo do amor transferencial, é ela quem faz constatar a diferença entre o investimento amoroso – que visa um sujeito específico – e o desejo, que aponta ao objeto sexual. É porque, em sua feminilidade, ela se traduz como falta, que é desejada e, por consequência, faz erigir a

---

<sup>38</sup> Se a mulher sabe o quanto os grupos sociais estão pautados pela desvalorização do amor verdadeiro, temos de salientar o caráter homossexual destes vínculos. Para a psicanálise freudiana, o homossexualismo “se amplifica ao nível de uma civilização, que tende a fazer prevalecer o homogêneo, o repetitivo, a plenitude” (ENRIQUEZ, 1990, p. 105). Assim, posto que a civilização possui a tendência de privilegiar as características masculinas, a mulher aparecerá como um fator perturbante e invasivo da tranquilidade homoafetiva.

cultura. Através deste seu querer feito e refeito incessantemente, faz nascer o desejo nos homens, tornando-se o antídoto contra a morte e a cifra necessária para a diferença sexual. E se é verdade que sem este significativo feminino o homem estaria destinado ao não-humano, é sem ele que, provavelmente, a psicanálise estaria fadada ao fracasso, pois é ela, a mulher, quem faz os sujeitos falarem “sobre uma verdade, ainda que não-toda, e assim abrir a possibilidade do inconsciente acontecer” (ASSOUN, 1993, p. 13). Desta forma, se é fato que, da segunda tópica em diante, Freud pressente o feminino como se este fosse primário ao humano, é questionando suas limitações junto ao social que não nos espanta ver como, em 1930, a mulher implica o “cerne do *Mal-estar* que a define” (ASSOUN, 1993, p. 162).

Seguindo a batuta de Assoun e Enriquez, vemos, então, como a mulher só é indagada quando torna-se inevitável o conflito entre Eros e cultura. Não raro ela é colocada do lado de Eros, de modo a compartilhar de seus vícios (fundação e recalçamento), mas o que, na verdade, acontece é um resultado negativo, pois não tarda para ela ir contra a civilização. Todavia, por mais que seja “o freio da cultura”, há de se ter em mente que, em função das exigências do amor, ela é vital à origem e ao amparo da civilização. Desta feita, se salta aos olhos como o destino de Eros pode comparar-se ao destino da feminilidade<sup>39</sup>, há de ser convir, todavia, que, na cultura, o feminino ocupa um lugar oposto da sublimação. Portanto, se as mulheres possuem um limite para a sublimação, isto se deve ao fato de possuírem um papel ambíguo: são, num só tempo, irredutíveis “e resto da *Kultur* como processo de sublimação” (ASSOUN, 1993, p. 163).

Assinalada nestes termos, a sexualidade feminina demarca uma onipotência de gozo na qual o homem (lei fálica) não toma parte, mas encontra aí seu sustentáculo. Restando-lhe o destino dos indignos, a mulher é tolhida de seus benefícios, mas continuamente lhe solicitam que assumam uma função vital: amparar a cultura, pois representa o símbolo de um paraíso perdido. Ora, se o social é, fundamentalmente, símbolo e repressão, e se não existe ordem sem os preceitos proibitivos e permissivos do *tabu*, então é o feminino quem fascina e aterroriza o reino fálico quando proclama o “primado do gozo, da relação corpo a corpo, da relação dual, da realidade acima das palavras, das representações e da relação triangular” (ENRIQUEZ, 1990, p. 184).

---

<sup>39</sup> Eros satisfazia “Anankê, criando o vínculo [...] entre os homens mas [...] tinha que pagar o preço do processo assim instaurado” (ASSOUN, 1993, p. 162)

Aquém do movimento civilizacional, o gozo feminino demarca não só uma expressão privilegiada da libido, mas, ao encontrar um “mais-além” na castração, nos conduz ao reino da reprodução do idêntico, da *repetição*, da sexualidade não-fálica – *da morte*. E se assim constatamos que nenhum humano escapa ao contato com a mãe, então o sentido da onipotência deste gozo “mítico” pode ser assim decodificado: “*o Amor e a Morte são ambos da ordem do feminino*” (ENRIQUEZ, 1990, p. 185). Diante disto, podemos dizer que é o horizonte feminino o lugar para pensar o “mal-estar” frente a ordem social.

Isto posto, se o totemismo proíbe o incesto, os costumes fomentados pelos tabus nos fazem enxergar restrições que atingem homens e mulheres. A civilização surge, pois, do recalque do primeiro afeto – aquele onde a mãe figurava como objeto de amor. Exercendo influência sobre o quinhão de liberdade de cada qual, a cultura segue “a coação da necessidade econômica, pois tem de subtrair à sexualidade um elevado montante da energia psíquica que despende” (FREUD, 2010h, p. 68). Em relação aos indivíduos, não só ignora certas constituições, como os priva de montantes consideráveis de prazer sexual – “e se torna, assim, a fonte de grave injustiça” (FREUD, 2010h, p. 69). Tentará reforçar os vínculos sociais e, modificando a libido inibida na meta, fará acreditar na indispensabilidade de suas restrições. Isto, segundo Freud, revela que nossa condição cultural está prejudicada, pois não só viu-se obrigada a fechar “os olhos para muitas transgressões que, segundo suas normas, deveria punir” (FREUD, 2010h, p. 69), como desconsiderou a possibilidade de uma sexualidade como fonte autônoma de prazer. O que o “*Mal-Estar...*” salienta é um desconcertante preçõ: em meio às restrições civilizacionais, homens e mulheres estão em decadência.

### **3.2. Sexualidade Feminina: a Castração Não-Fálica**

#### *3.2.1. Nota Introdutória*

Na história da psicanálise, o feminino só tomou corpo quando, do novo dualismo pulsional, algumas mulheres se destacaram em meio aos debates. De fato, destituídas de volições, elas eram objeto de estudo, destinadas apenas a fazer progredir a psicopatologia. Não obstante, na medida em que Freud introduzia o Édipo, a possibilidade de uma feminilização do horizonte social já era razão para inúmeros debates sobre a origem da família. E foi somente no “entre-guerras” que muitas mulheres começaram a se libertar da alienação que lhes era imposta, não raro tornando-se médicas e psicanalistas. Das ramificações deste

movimento, derivou não só uma reformulação da teoria da sexualidade, da diferença sexual e da libido, mas uma desconstrução dos referenciais fálicos aceitos pela doutrina. Segundo esta nova perspectiva, o pai, mutilado em sua seguridade, não é mais o único referencial psíquico; ele “divide esse papel com a mãe” (ROUDINESCO, 2003, p. 20)

Ora, não podemos negar que os “*Três Ensaios...*” foram vitais para a compreensão da sexualidade. Pondo em cheque as teorias entorno da sexualidade infantil, Freud buscou modelos capazes de ratificar não só a tese de um monismo sexual, como a ideia de uma libido essencialmente neutra, universal e masculina. Sustentou um “monismo sexual e [...] uma essência viril da libido” (ROUDINESCO, 2003, p. 60). Contudo, disto, não podemos inferir nem que Freud esteve preocupado em descrever as diferenças sexuais, tampouco que se aprofundou sobre condição das mulheres na sociedade. Pautado por um viés ativo da libido, mostrou-nos como a menina tanto ignora a existência da vagina, quanto torna o clitóris um homólogo do pênis; donde se segue a impressão de ter sido munida de um órgão castrado.

Em razão desta dissimilaridade, a *castração* seria diferenciada para cada sexo. Em função das diferenças anatômicas e das representações aí suscitadas, com o desenvolvimento da vida límbica, a existência do “órgão castrado” (vagina) torna-se evidente. Com a puberdade, “a menina toma consciência da existência da vagina, recalando então sua sexualidade clitoridiana, ao passo que o menino vê na penetração um alvo para sua sexualidade” (ROUDINESCO, 2003, p. 60). Mas isto só é assim enquanto o menino se dá conta de sua diferença e compreende a “ausência do pênis” como uma ameaça. Desta feita, se entendemos que a menina deseja tornar-se menino, podemos dizer que, ao menos no início da obra freudiana, a disposição sexual feminina é uma diferenciação em relação ao primado fálico da sexualidade.

A sexualidade da menina se organiza em torno do falicismo: quer um menino e deseja um filho do pai. Contrariamente ao menino, ela deve se desvincular de um objeto do mesmo sexo, a mãe, trocando-o por um objeto de sexo diferente. (ROUDINESCO, 2003, p. 60)

Pautada por este estigma, a menina desliga-se de um objeto do mesmo sexo (a mãe) e se dirige ao sexo oposto. Investindo-o de valor fálico, ela deseja o “objeto por excelência”: um filho do pai, ainda que

fictício. Todavia, por mais que a libido seja ativa e masculina, há algo de comum aos sexos: o apego primordial à mãe.

Com efeito, isto que fará Freud desconsiderar uma disposição instintual. Não há nem o instinto materno, nem uma tal raça feminina. Posta a bissexualidade, não há uma conduta puramente feminina ou masculina, pois, se aceitamos um universalismo libidinal, isso diz que as diferenças entre os sexos não passam, no inconsciente, de uma anedota. Sendo ela o desfecho de toda a neutralidade da libido, a bissexualidade não só diz respeito aos sexos, como desfaz a uniformidade da sexualidade. Disto, se seguem as duas formas de homossexualidade: a masculina, que faz o menino “renegar a castração materna” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 706), e a feminina, na qual a “menina permanece ‘grudada’ na mãe, a ponto de escolher um parceiro do mesmo sexo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 706).

De fato, mulheres como Marie Bonaparte e Helene Deutsch, Jeanne Lampl-De Groot e Ruth Mack-Brunswick se posicionaram a favor desta ideia segundo a qual o feminino é o espelho daquilo que deseja ser em relação ao masculino. Contudo, não podemos deixar de notar que, a partir de 1920, nomes como Melanie Klein, Josine Müller, Karen Horney e o próprio Ernest Jones passaram a contestar tais preceitos, alegando que estes formam uma leitura incipiente da sexualidade feminina. Sob os olhos destes interpretes e hostil sobre a relevância das teses kleinianas<sup>40</sup>, se Freud recorreu à um monismo e,

---

<sup>40</sup> Quando examina o feminino, Freud constata que muitas das contestações que sofria já podiam ser respondidas em sua doutrina, mas encontra em Melanie Klein uma forte opositora. De fato, Melanie talvez tenha sido a principal expoente da escola inglesa de psicanálise. Junto com Ernest Jones, transformou a doutrina freudiana tanto para criar uma psicanálise dirigida às crianças, quanto para fomentar uma nova forma de tratamento e análise didática. De bases freudianas, partia da ideia de que a curiosidade sexual “faz da criança um verdadeiro pesquisador” (COSTA, 2010, p. 29). Da constatação de que a criança traduz, pela brincadeira, o símbolo de suas fantasias, conclui não apenas que clinica infantil possui o mesmo corpo conceitual sobre o qual está assentada a psicanálise (o inconsciente, a transferência e a pulsão), mas que a diferença de análise entre infância e vida adulta é uma questão de método; o que lhe rendeu a alcunha de fundadora da análise por atividades lúdicas. Ambiciosa, não demorou para engajar-se nas distintas sociedades e participar de controversas discussões sobre a sexualidade feminina, a psicanálise infantil e a organização do desenvolvimento sexual. Diante da recorrência de seu discurso, confrontou-se, inclusive, com Anna Freud. Seus questionamentos acerca do Édipo, da

com isto, apregou a indiferenciação entre os sexos através de uma primazia fálica e de uma organização edipiana dissimétrica, paralelamente, jamais admitiu a importância que atribuía ao pai, o que lhe dificultou o entendimento da relação entre mãe e filha. No escopo desta estruturação edipiana da sexualidade, Freud passou por alto o âmbito de relações arcaicas com a mãe. E mesmo que seu falocentrismo fosse justificável, é fato que não conseguiria abarcar nem a concretude da sexualidade feminina, nem a gênese da feminilidade se mantivesse seus preceitos. A concepção do clitóris como homólogo peniano remeteria mais “à sua atração intelectual pelas mulheres [...] do que à realidade da feminilidade” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 706).

Contudo, diante destes apelos, não há como negar que Freud teve a honradez de corrigir parte de sua doutrina e, assim, acolher o que

constituição do sujeito e da prática clínica com crianças desencadearam grandes hostilidades entre a escola vienense e inglesa. Enquanto Anna defendia que a análise infantil seria necessária apenas quando a neurose se tornava manifesta, Melanie não só defendia que análise das crianças é parte da educação infantil, como buscava autonomizá-las em suas demandas e no tratamento. Suas observações não só confirmaram a dedução freudiana de que é possível estudar a infância com base nos adultos, como lhes permitiram concluir que Édipo e Super-Eu existem “desde a mais tenra idade tendo suas raízes muito antes da segunda fase oral, o que aponta uma estruturação muito precoce do aparelho psíquico” (COSTA, 2010, p. 33) – razão pela qual propõe uma concepção ampliada das *pulsões de morte*. Desta feita, quanto à Freud, o vemos – apoiando Anna – cada vez mais descontente com Melanie, o que o faz rejeitar a possibilidade de uma antecipação do Édipo para o primeiro ano de vida. Enquanto Melanie postula uma estruturação precoce da organização edipiana, o austríaco defende que esta antecipação não apenas modificaria o desenvolvimento libidinal, como não faria jus aos “resultados da análise de adultos e é, em especial, incompatível com meus achados acerca da longa duração do vínculo pré-edípico da garota com a mãe” (FREUD, 2010i, p.396). E ainda que busque atenuar estas discrepâncias recorrendo ao fato de que, em 1931, pouco distinguia as leis biológicas das contingenciais, Freud está sempre por dizer que, se as arguições contra a feminilidade são assim enérgicas, de onde tiram sua força motriz “se não do empenho por masculinidade, que teve sua primeira expressão na *inveja do pênis* por parte da menina e, por isso, merece receber tal denominação?” (FREUD, 2010i, p. 397). Isto posto, se Freud procura a infância no adulto, Melanie está interessada em descrever a origem das psicoses e das relações primordiais do bebê com a mãe, pois acredita que grande parte dos sofrimentos adultos são, em verdade, repetições de experiência mais arcaicas.

os críticos da escola inglesa assumiram como a natureza feminina. E isto é de tal modo retumbante sobre sua obra que, nos anos de 1931 e 1933, escreve dois artigos: um *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e o outro acerca da *Feminilidade* (1933). Enquanto que o primeiro manteve a ideia de uma relação direta entre clitóris e vagina e só implicitamente reconheceu que as analistas conseguiriam compreender “melhor do que ele a questão da sexualidade feminina, na medida em que ocupavam [...] o lugar de um substituto materno” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 707), em 1933, é forte a impressão de que só conseguiremos entender as mulheres se valorizarmos a fase “de ligação pré-edípica com a mãe” (FREUD, 2010j, p. 273). Neste sentido, se a relação edípica da menina com o pai deriva de um vínculo materno primário, então, por controversos que sejam estes artigos, será com eles que trabalharemos nos próximos tópicos! Deles, rastreamos a caracterização de uma sexualidade que não passa pelo crivo de um investimento substitutivo num objeto ideativo de poder ou numa imagem de si, mas encontra no vazio, na repetição da castração – no “quero ver de novo” – um “mais-além” de gozo. Vejamos.

### 3.2.2. *Pré-édipo, Édipo e Inveja do Pênis*

Diante de inapeláveis contestações, Freud publica, ao fim de sua obra, dois artigos para tratar da sexualidade feminina e da feminilidade. Assim, não é em vão que inicie indagando: posto que, no Édipo, a criança tende a vincular-se ao genitor do sexo oposto, se para menino as coisas parecem bem compreendidas<sup>41</sup>, é quando tratou de elucidar o desenvolvimento da menina que os descaminhos surgiram para a teoria psicanalítica. De fato, não há como negar que o primeiro afeto de uma garota seja sua mãe, mas há de se perguntar “como acha ela o caminho até o pai?” (FREUD, 2010i, p. 372).

Sem aqui encontrar qualquer indício de neurose, a transferência objetual da mãe ao pai é o que permite conceber a sexualidade feminina. Contudo, se considerarmos a pertinência deste vínculo, veremos que a menina “atinge a normal situação edípica positiva somente após haver superado uma época anterior, dominada pelo complexo negativo” (FREUD, 2010i, p. 373). Isto é reforçado com base numa dupla

---

<sup>41</sup> Para o menino, a mãe figura como o primeiro objeto de amor enquanto o pai surge como rival. Até quarto ano, coexistem, então, “três desejos incestuosos – possuir, ser possuído e suprimir o Outro” (NASIO, 2007, p. 47)

constatação: se a intensidade da ligação com o pai é proporcional à riqueza do amor n'algum momento desenvolvido pela mãe, paralelamente, é de causar espanto como a psicanálise negligenciou e subestimou a duração deste primeiro vínculo, passando por alto o fato de que ele cobre “a maior parte do primeiro florescimento sexual” da jovem (FREUD, 2010i, p. 373). Desta forma, uma vez aceito que o Édipo designa a erotização da criança pelo sexo oposto, logo vemos que é sexualizando primeiramente a mãe que a garota voltar-se-á ao pai. Assim, não podemos inferir que o desejo da menina pela mãe esteja alocado no estágio edípiano. Se queremos ser justos com este conceito, devemos ter em mente que, antes de dirigir-se ao pai, a menina vive um estágio pré-edípiano, durante o qual é “animada pelo desejo incestuoso de possuir a mãe, regozijar-se por tê-la toda para si” (NÁSIO, 2007, p. 50) e, em função de fantasias ativas, adotar “perante ela a mesma atitude que o menino edípiano” (NÁSIO, 2007, p. 49).

Estas constatações nos fazem admitir que um grande número de mulheres se detém nos vínculos estabelecidos com a mãe, sem jamais se voltarem ao sexo oposto. Sob inúmeros aspectos, parece que esta fase pré-edípica exerce, sobre o feminino, uma importância desconsiderada. E se, com isto, podemos ampliar a abrangência do Édipo, então não há como negar que este reconhecimento nos permite, por exemplo, abandonar a tese segundo a qual o complexo de Édipo é o centro remissivo das neuroses. Como salienta o texto de 1931, se até o momento estávamos ligados ao modo como a sexualidade se desenvolve nos meninos e, por consequência, desconsideramos uma primazia não-fálica das pulsões, quando assumimos esta ligação primária da menina, este vínculo parece conter, ele mesmo, “as fixações e repressões a que fazemos remontar o surgimento das neuroses” (FREUD, 2010i, p. 373).

De fato, se Freud já havia renunciado ao vício de paralelizar o desenvolvimento das sexualidades masculina e feminina, quando enfim percebe, na garota, a eminência desta fase anterior ao Édipo, se vê acometido de uma grande surpresa. Isto é de tal modo que não demora para admitir que, acerca desta ligação primordial, tudo lhe parecia “difícil de apreender analiticamente, [...] quase impossível de ser vivificado, como se tivesse sucumbido a uma repressão particularmente implacável” (FREUD, 2010i, p. 374). Talvez seu descaminho estivesse relacionado com a impressão de que, durante a análise, muitas das consulentes pudessem apegar-se à ele tal como se apegaram, no Édipo, ao pai: “à mesma ligação ao pai em que se haviam refugiado após a fase anterior em questão” (FREUDi, 2010, p. 374). Admitindo que, pela

transferência, as psicanalistas perceberam mais facilmente estas manifestações, Freud reconhece que talvez a etiologia da histeria esteja relacionada com uma ligação mais íntima e mais profunda: o medo “de ser morta (devorada?) pela mãe” (FREUD, 2010i, p. 375). Talvez isto aponte para as especificidades daquilo que seria a feminilidade.

Diante disto, se grande parte da dependência edípica da filha em relação ao pai decorre de uma ligação primária e não-fálica com a mãe, logo reconhecemos que a bissexualidade faz-se mais evidente na mulher. Enquanto o homem é orientado pela primazia de seu falo, a mulher possui duas zonas diretoras: 1) o clitóris como um homólogo masculino do pênis e 2) a vagina, que, feminina, muito provavelmente fora desconsiderada ao longo dos anos, sem tampouco adquirir existência. Segundo o austríaco, se, no âmbito da genitalidade, a mulher é influenciada pelas mudanças ocorridas no clitóris, o essencial aqui é saber que, distintamente do homem, nela opera um processo dividido em duas fases, “das quais a primeira tem caráter masculino; e apenas a segunda é especificamente feminina” (FREUD, 2010i, p. 376).

Paralelamente, no que tange os empenhos objetivos e o Édipo, dizemos que imperam outras diferenças entre os sexos. De fato, se, antes de encontrar alguém semelhante, a escolha do menino é pautada pela mãe, então as condições primordiais também estão, para a menina, dirigidas para sua genitora. Assim como na fase edípica masculina, durante a fase pré-edípica, o pai nada mais lhe é do que “um incômodo rival” (FREUD, 2010i, p. 373). Contudo, se aceitamos que, até certo ponto do desenvolvimento, ambos os sexos partilham de uma constituição fálica/ativa, é conforme ocorre o desenlace da libido que vemos como, diferentemente do menino, é a figura paterna que tende a assumir, para a garota, o lugar da nova escolha objetiva.

As mudanças da genitalidade feminina tendem a corresponder com mudanças na escolha objetiva. E se passamos ao complexo de Édipo, ainda mais diferenças se aplicam aos sexos, pois todo o seu rigor só é aplicável ao menino, não à menina. Com efeito, no Édipo, o amor à mãe (sexo oposto) e hostilidade ao pai (mesmo sexo) é vigorante apenas no menino. Este deseja um só objeto (a mãe), enquanto a menina toma primeiramente a mãe para, secundariamente, optar pelo pai. A descoberta da castração ante a visão da genitalidade feminina sustenta o Édipo e institui o *Super-Eu*<sup>42</sup>. Após a interiorização das representações

---

<sup>42</sup> O *Super-Eu* é uma das características da personalidade definidas por Freud a partir da segunda tópica. Seu função está relacionada aos juízos de censura

paternais no *Super-Eu*, o menino busca desvincular-se de quem esteve atrelado, de modo que será seu interesse narcísico pela preservação da genitália quem atuará como limitante para sua sexualidade. Todavia, a coisa muda de rumo quando consideramos a constituição feminina, pois, se a mulher admite sua castração e, com isto, vê-se inferior ao homem, é também fato que, paralelamente, despreza sua condição, sendo, assim, condicionada à três possibilidades: 1) o afastamento da sexualidade<sup>43</sup>, 2) o apego à sua masculinidade ameaçada<sup>44</sup> ou 3) a constituição feminina normal<sup>45</sup> – que, para Freud, será condição da feminilidade.

Isto posto, dizemos que o Édipo é o resultado de um extenso caminho, criado em virtude da ação da castração sobre a menina. Ora, sendo a castração aqui entendida como o momento onde até mesmo o pai lhe recusa a esperança de possuir o falo, se é fato que esta recusa é recebida como uma bofetada, então não nos engamos em compreender que, ao contrário de uma simples resignação ou desejo de arrancar de seu mentor o poder que lhe fora socialmente conferido, a menina se lança – com todo a sua irrequieta volúpia – nos braços do pai, desejando ser ela mesma a fonte de todo o poder. Se antes que queria possuir o Falo, no Édipo ela “quer ir mais longe, quer sê-lo, ser a coisa do pai” (NÁSIO, 2007, p. 55). Em virtude desta primeira recusa paterna, seus desejos tornam-se, enfim, incestuosos. Este é o estágio onde, magoada e ciumenta, a menininha volta-se ao pai “a fim de se refugiar e se consolar, mas também para lhe reivindicar seu poder e sua potência” (NASIO, 2007, p. 54). E não só deseja ser possuída pelo pai, como, sendo desejante, começa a engajar-se numa posição feminina, na qual sexualiza seu genitor e, efetivamente, entra no Édipo.

Contudo, a entrada no Édipo é também o momento onde a mãe volta a fascinar a garota, pois esta personificará o modelo da feminilidade. Assim, não demora para percebermos que “a fase de exclusiva ligação à mãe, que podemos chamar de *pré-édípica*, assume

internalizados pelo Ego. Freud “vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 643). É, por assim dizer, herdeiro do complexo de Édipo; constituído pela interiorização das exigências e interdições relacionadas aos vínculos parentais – mais especificamente, ao símbolo fálico do pai.

<sup>43</sup> Comparada ao menino, a menina fica insatisfeita com seu clitóris, “renuncia a sua atividade fálica e, com isso, à sexualidade mesma” (FREUD, 2010i, p. 378).

<sup>44</sup> A saber: “a esperança de voltar a ter um pênis” (FREUD, 2010i, p. 378)

<sup>45</sup> Ou seja, quando “toma o pai por objeto e, assim, alcança a forma feminina do complexo de Édipo” (FREUD, 2010i, p. 379)

na mulher uma importância bem maior do que no homem” (FREUD, 2010i, p. 379). É como se esta fase primordial aos investimentos substitutivos (falo ou imagem de si) fosse a determinante de sua sexualidade: uma sexualidade não-fálica marcada, predominantemente, pela repetição, pelo primado do gozo – por um “mais-além”.

Se, por exemplo, uma mulher escolhe seu marido com base no modelo paterno, o que sucede é a repetição da relação que outrora manteve com a mãe. Diferentemente do menino, a menina só atinge o Édipo após atravessar a fase “pré-ediípica durante a qual sexualiza, e depois rejeita, sua mãe, e *abandona* o Édipo quando deseja outro homem que não seu pai” (NÁSIO, 2007, p. 49). Dessexualizando a mãe para só depois, muito lentamente, separar-se do pai, a mulher traz continuamente ao palco aquela relação arcaica, anaclítica e anobjetal vivenciada com a mãe, que emerge dos conteúdos reprimidos. Assim, posto que a passagem do objeto materno ao paterno representa um fator decisivo, salta aos olhos como a menina tende a pôr fim na sua relação com a mãe. Esta hostilidade procede não do complexo de Édipo, mas “da fase anterior e apenas é reforçada e aplicada na situação edípica” (FREUD, 2010i, p. 380). Em razão não apenas de uma troca objetal, esta desvinculação – vale lembrar – virá acompanhada de atitudes compulsivamente regressivas. O afastamento da mãe ocorre de maneira hostil; é uma ligação que “acaba em ódio” (FREUD, 2010j, p. 275).

Desta feita, orientemo-nos aos fatores que põem fim nesta vinculação e que justificam, parcialmente, os sentimentos hostis direcionados para a mãe. De fato, ao longo de seus artigos, Freud empenha-se em elencar alguns destes fatores, e, iniciando por comparações entre a sexualidade masculina e feminina, enumera, em primeira linha, a avidez e os ciúmes infantis como sendo os fatores que tornam evidente o quanto a criança requer exclusividade de seus amores. Se a primeira censura remonta uma época arcaica e tem a ver com a fome insaciável do bebê e com o fato dele não superar “a perda do seio materno” (FREUD, 2010j, p. 276), a segunda acusação explode com o nascimento de cada novo irmão, pois a criança não só não perdoa estes “indesejados”, como se sente prejudicada. Ela sente que foi destronada, o que a faz acalantar “ódio e ciúme pelo irmãozinho e desenvolve, em relação à mãe infiel, um rancor” (FREUD, 2010j, p. 277)

Uma vez posto que as exigências infantis são ilimitadas e não toleram partilha, outra razão para tal hostilidade decorre dos desejos que se modificaram com o tempo e que, todavia, não foram satisfeitos. Com efeito, se é característica do amor infantil o fato de constituir-se

multiforme e desprovido de meta ou possibilidade de satisfação plena, logo compreenderemos que, ainda mais específico, este motivo tem a ver com os efeitos da castração sobre a menina – e que podem desaguar num dos três caminhos apontados anteriormente. Assim, levando em conta o quanto a sedução pode influir no modo como a garota se apega à genitora, são as restrições desta em relação a atividade masturbatória da menina que não só favorecerão o rompimento, mas servirão de motivo para a rebeldia. Sendo este um fator que atua tanto na infância quanto na puberdade, o rancor por ter sido impedida de masturbar-se desempenha uma função expressiva ao afastamento da mãe.

A mais forte dessas frustrações ocorre no período fálico, quando a mãe proíbe a ocupação prazerosa com os genitais [...] em que ela mesmo havia iniciado a criança (FREUD, 2010j, p. 278)

Para Freud, fica difícil, assim, questionarmos a importância da *inveja do pênis* sobre a formação da sexualidade feminina<sup>46</sup>. Ora, salientamos, ao dar-se conta de sua diferença anatômica em relação ao menino, não é sem reluta que a garota aceita este estorvo conhecimento. A menina vê-se “dolorosamente despossuída, pois o cetro da força não é mais encarnado por suas sensações erógenas, mas pelo órgão visível do menino” (NÁSIO, 2007, p. 50). Quando percebe sua diferença, sente-se injustiçada e não raro deseja possuir uma coisa tal como a do pênis masculino, ao menos em suas representações. Incidindo sobre seu desenvolvimento e até mesmo sobre sua conduta, esta inveja lhe causará marcas que não serão superadas nem nos momentos mais propícios.

Mas o fato de reconhecer-se destituída de pênis não significa que a menina conviva facilmente com a ideia. Na verdade, esta reivindicação sobrevive por anos. Por mais que a sua realização tenha sido rejeitada por um conhecimento mais próximo da realidade, “a análise pôde demonstrar que ele permaneceu no inconsciente e manteve um considerável investimento de energia” (FREUD, 2010j, p. 280). Deste modo, tal como sugere a prática clínica, posto 1) que a expectativa de possuir um falo sobrevive por muito tempo e 2) que só mais tarde a garota se dá conta de que seu incomodo é também perceptível em outras

---

<sup>46</sup> Em 1933, Freud diz que aceitaríamos como injustiça o fato da *inveja do pênis* ter mais relevo nas mulheres que nos homens. Contudo, “não que estas características estejam ausentes nos homens, [...] mas somos inclinados a atribuir [...] o seu maior montante nas mulheres” (FREUD, 2010j, p. 281).

crianças, então dizemos que, paralela à sua relutância, impera uma forte desvalorização da feminilidade, assim como da própria mãe.

Se de fato esta fase pré-edípica é distorcida na memória, o conflito e a reluta se manifestam na menina assim que suas primeiras proibições são evidenciadas, o que lhe acompanhará por todo o desenvolvimento. Em 1931, isto torna ainda mais profundos os motivos pelos quais a menina se afasta da mãe, uma vez que a castração será apreendida como uma “punição pela atividade masturbatória, mas sua execução atribuída ao pai” (FREUD, 2010i, p. 384). Desta forma, talvez o motivo mais forte para o rompimento deste vínculo seja a queixa de que a genitora deu à luz uma filha, uma mulher, um ser cuja genitália é considerada socialmente inferior. A garota sente-se enganada pois...

alguém todo poderoso teria mentido para ela fazendo-a acreditar que ela detinha o Falo e que o conservaria eternamente. Mas quem é esse alguém senão sua própria mãe? Uma mãe ontem onipotente e que agora se revela impotente para lhe dar um Falo que ela própria não tem nem nunca teve. Sim, sua mãe também é tão desprovida quanto ela, merecendo apenas desprezo e recriminações (NÁSIO, 2007, p. 51)

Mesmo em 1933, foi surpreendente constatar que muitas consulentes responsabilizam a “mãe por sua falta de pênis” (FREUD, 2010j, p. 279). A dor por ter sido privada de um falo trata-se, em verdade, de uma humilhação; uma injustiça que sente por ter sido danificada em sua auto-imagem. Para a menina, a ausência do falo soa, portanto, como um golpe em seu narcisismo.

Como salienta Maria C. Poli, este golpe vem acompanhado de uma grande mácula, pois, sendo impossível superar a *inveja do pênis*, a garota jamais estabelece um *Super-Eu* capaz de adequar-se na cultura. Sendo a marca de uma sexualidade aquém dos investimentos objetivos, ela está condenada a viver “presa às condições pré-edípicas da sexualidade e, portanto, a uma forma narcísica de amar” (POLI, 2007, p. 31). E se sua reação imediata é a queixa por este prejuízo, podemos, segundo Násio, dizer que o objeto narcísico da garota indica não uma parte do corpo (o pênis, por exemplo), mas o seu amor-próprio. Para ela, o Falo não é “o pênis, mas a imagem de si” (NÁSIO, 2007, p. 52). Assim, diferente do garoto (que sai do Édipo para proteger seu narcisismo), a menina que “entra no Édipo, vai ao encontro do pai para pedir-lhe que faça um curativo em seu narcisismo ferido” (NASIO,

2007, p. 52). E ainda que estes conteúdos jamais possam coincidir com os dos homens<sup>47</sup>, isto fez Freud reconhecer na menina um complexo de castração, iniciado quando se depara com a genitália masculina.

Contudo, por mais que a libido infantil seja avida de satisfação, quiçá seja melhor aceitar que este vínculo entre mãe e filha esteja fadado à dissolução. Isto se deve pois esta é a primeira, mais fundamental e mais intensa ligação da menina; quando as paixões são encontradas no mais alto grau de ambivalência, ao menos no sentido fálico.

Isto nos faz reconhecer que a indeterminação dos sentimentos constitui a regra desde os primeiros vínculos objetivos, sendo conservada por toda a vida. Como visto anteriormente, a agressividade é necessária e paralela à intensidade do amor. Quanto mais ama seu objeto, mais sensível a pessoa se torna e tão mais profundos são os sofrimentos causados pelas frustrações provenientes do objeto amado, de modo que, o amor sucumbe “à hostilidade acumulada” (FREUD, 2010j, p. 279).

Representando um traço de nossa constituição, no que tange a relação da menina com a mãe, não podemos negar que esta seja marcada pela mesma ambivalência, que, em função das características da sexualidade infantil, impele ao afastamento. Ora, enquanto que, no *pré-édipo*, seu amor estava voltado para uma mãe fálica, quando descobre que sua genitora também é castrada, não há sentido em manter-se tão próxima. É somente com advento desta constatação que as razões para a hostilidade – acumuladas desde as primeiras vinculações *anaclíticas* – assumem a situação. E se n’algum momento a *inveja do pênis* pode ter suscitado impulsos contrários à masturbação clitoriana, o que se segue é a luta por libertação, na qual a garota assume o papel da mãe e expressa “sua insatisfação com seu clitóris de valor inferior, no empenho contra a satisfação proporcionada por ele” (FREUD, 2010j, p. 283).

Isto posto, resta-nos indagar quais tipos de solicitações com metas sexuais a menina possui à altura de sua exclusividade com a mãe. Diante do modo como, ativa ou passivamente, ela se posiciona frente ao investimentos pulsionais, definamos, pois, a feminilidade, visto que – resultante de uma reflexibilidade pulsional – esta sugere uma produção secundária da libido, aquém de possíveis orientações pautadas por objetos ideativos de poder ou imagens plenas de si. Indaguemos o “querer feminino” e vejamos como esta predileção indica a superação do estágio pré-édipico pela reconciliação com a disposição passiva e,

---

<sup>47</sup> Nos homens, o complexo de castração surge quando, diante da evidenciação da genitália feminina, se dão conta de que sua genitália não acompanha o corpo.

pela *repetição*, aponta ao “mais-além” de gozo que, primordial, suspende o conhecimento analítico e não se deixa determinar por quaisquer primado fálico ou dispositivo de saber.

### 3.2.3. O “*Querer Feminino*” e a *Feminilidade*

Pautado pela constatação de que a relação entre atividade e passividade permite compreender as metas sexuais femininas, Freud, em 1931, abre mão de uma inferência contundente: diante da mãe, as metas da menina “são de natureza tanto ativa como passiva, e são determinadas pelas fases da libido que [...] atravessa” (FREUD, 2010i, p. 387). Ora, para além de qualquer primazia da sexualidade, observa-se que os âmbitos da vida psíquica são acompanhados de tendências ativas e passivas – sendo, portanto, a marca da bissexualidade nos dos humanos. Como parte do trabalho de conquista e domínio que a civilização lhe impõe, a criança reage de modo ativo às impressões recebidas passivamente. Ativamente, ela procura fazer o mesmo que antes fora feito, nela ou com ela, quando passiva.

Levando em conta a integração social, até mesmo as brincadeiras servem para complementar, ativamente, uma vivência passiva. Da repetição, sobre um outro, dos procedimentos que fora submetida, busca-se anular a agressão sofrida e voltar ao estado de equilíbrio outrora perdido. Desta feita, se é inegável a rebeldia dos indivíduos em relação a passividade (e a clara preferência por funções ativas) e se é descabido alegar que o trânsito entre os papéis ativos e passivos designa uma lei válida universalmente, para Freud, pode-se, não obstante, retirar “uma conclusão sobre a força relativa da masculinidade e da feminilidade que ela exibirá em sua sexualidade” (FREUD, 2010i, p. 388). Pautados pelos impasses infantis, dizemos que, se a masculinidade faz-se ativa, a feminilidade se relaciona, conseqüentemente, com a funções passivas da humanidade.

o domínio do masculino estava associado a um desejo ativo de dominação, amor, conquista, sadismo ou transformação dos outros e de si mesmo, ao passo que o pólo do feminino se caracterizava pela passividade, a necessidade de amor, a tendência à submissão e ao masoquismo (ROUDINESCO, 2003, p. 61)

De acordo com o texto de 1931, não podemos negar que as mais arcaicas experiências sexuais que a criança mantém com a mãe são

vivenciadas passivamente. Nesta fase, a passividade está vinculada com objetificação da criança diante dos desejos maternos. Contudo, constata-se ainda que, enquanto uma parte da libido permanece ligada nestas vivências passivas, outra procura convertê-las em momentos de atividade. Trata-se da reversibilidade pulsional na busca por domínio, pois a criança se rejubila com sua autonomia, ou seja, com a “repetição ativa de suas vivências passivas” (FREUD, 2010i, p. 388). Por conseguinte, no que tange a *Construção do Feminino*, vemos que boa parte das meninas realizam seus desejos ativos indiretamente, por meio de uma exclusividade inicial com a mãe e negligência para com o pai. Para Freud, não se deve ignorar que é nesta expressão mediada dos desejos ativos onde está ratificada a feminilidade. E se assim aventamos uma sequência temporal para a sexualidade da menina, esta distingue-se segundo os investimentos dirigidos à mãe: “tendências orais, sádicas e, por fim, até mesmo fálicas” (FREUD, 2010i, p. 389).

De fato, são obscuras as catexias que a menina teve de apreender em momentos posteriores, devido a repressão. Tal como acontece com o medo de ser morta pela mãe (passividade) – e, respectivamente, com desejo de morte da mesma (atividade) –, as aspirações agressivas orais e sádicas podem ser encontradas na forma incutida pela repressão. Segundo Freud, não foram poucas as consulentes que concordavam: “quando a mãe lhes aplicava enemas e lavagens intestinais, elas costumavam opor grande resistência e reagir com angústia e gritos de raiva” (FREUD, 2010i, p. 390). Sendo a angústia uma conversão de desejos agressivos, na fase anal-sádica, a excitação passiva da zona intestinal tem como resposta um forte desejo de agressão, que, devido a sua supressão, se faz notar pela raiva ou angústia. E se consideramos os impulsos passivos da fase fálica, é pelo fato da mãe ter desencadeado as primeiras e mais fortes sensações que a menina a acusa de tê-la seduzido. Inevitavelmente, a mãe “inicia a criança na fase fálica” (FREUD, 2010i, p. 390). Desta feita, dizemos ainda que, orientados à mãe, iniciam, na fase fálica, os desejos ativos que culminam na masturbação clitoriana. Ainda que não saibamos ao certo se ela já possui alguma meta (nem qual seria esta meta), esta é a fase onde a menina se relaciona com a imagem de sua genitora.

Tendo em vista esta dificuldade em transpor a ligação com a mãe, o que salta aos olhos é o modo como o Édipo feminino se traduz por fixações nas primeiras fases do desenvolvimento libidinal, quando as disposições ativas e passivas ainda convivem entre si. É por isso que,

para o austríaco, as mulheres são mais inclinadas bissexualidade, pois jamais se desligam de seus vínculos mais arcaicos e indetermináveis.

Isto posto, se compreendemos que o afastamento da mãe representa um passo decisivo, devemos acrescentar que observaremos na sexualidade feminina “uma forte diminuição dos impulsos sexuais ativos e um aumento daqueles passivos” (FREUD, 2010i, p. 391). E ainda que não possamos chegar numa conclusão definitiva, podemos convencer-nos de que, ao menos por um tempo, encontramos nas meninas os mesmos caminhos dos meninos – depois, serão apenas os fatores biológicos que, desviados na meta, fluirão até a feminilidade. Se não for limitado pelos resíduos da fase pré-edípica, este caminho fica aberto para a menina. Diante de uma atividade pulsional essencialmente ativa, é como se a feminilidade indicasse um posicionamento passivo, anterior à objetificação.

Ora, se, antes de uma fase positiva, a sexualidade feminina passa por um processo edípico negativo, então, tendo em vista que contamos apenas com uma libido neutra, é claro, em 1931, que este universal disporá de metas pulsionais “ativas e passivas” (FREUD, 2010i, p. 393). De fato, não é a libido que, essencialmente ativa, é dividida, mas a pulsão, que, desde a introdução das *pulsões de morte*, mostra-nos como há duas maneiras de lidar com a castração: uma fálica (masculina), outra não-fálica; feminina, por assim dizer. Todavia, se até aqui Freud só fora capaz de reconhecer que, auxiliadas pela transferência, as psicanalistas mulheres talvez fossem mais capazes de perceber o quanto o feminino está vinculado com a fase pré-edípica, é enfrentando tantas outras acusações que, em 1933, tratará da *Feminilidade*: do indicativo da possibilidade de superação da fase pré-edípica em função do “abandono da atividade pulsional e a reconciliação com a posição passiva” (POLI, 2007, p. 33). Resultante de uma flexibilidade pulsional, esta noção sugere, via *repetição*, um “mais-além” de gozo que, tácito sob nossa conduta, está aquém de qualquer determinação fálica ou dispositivo de saber. Vejamos.

Com efeito, quando nos depararmos com um ser humano, a primeira distinção é se esta pessoa é homem ou mulher. Ainda que derivados de uma disposição bissexual, não podemos negar, para ambos os sexos, nem que neles se formam órgãos cujas funções servem a atividade sexual, nem que outros órgãos atuarão como zonas erógenas secundárias. Chama a atenção, inclusive, como parte da genitália de um sexo aparece no sexo oposto, mesmo que em escalas diminutas. Tais ocorrências são, para Freud, “sinais de *bissexualidade*, como se o

indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre duas coisas, apenas um tanto mais de uma que da outra” (FREUD, 2010j, p. 265). Todavia, se assim nos familiarizamos com a ideia de que muitas características de ambos os sexos podem figurar num só indivíduo, logo notamos que as constituições masculinas ou femininas são flutuantes! Como já enunciado, teremos, sempre, de voltar à psicologia.

Em verdade, quando diferenciamos as constituições masculinas e femininas dentro do âmbito das qualidades mentais, logo vemos que também nestas a bissexualidade faz-se operativa. Seja homem ou mulher, uma pessoa pode comportar-se masculinamente numa situação e, n’outra, de modo feminino. Desta feita, quando os psicólogos falam “em ‘masculino’, normalmente querem dizer ‘ativo’ e quando falam ‘feminino’, ‘passivo’”(FREUD, 2010j, p. 266).

Contudo, quando trata da *Feminilidade* (1933), Freud indica um problema nestes pressupostos, pois não raro verificamos que muitas funções socialmente femininas não só não estão invariavelmente atreladas à mulher, como, em bastas ocasiões, ambos os sexos partilham das mesmas funções. Sendo assim, após o Édipo, não podemos mais coincidir a masculinidade com as funções ativas e o comportamento feminino com a passividade, uma vez que, se a mulher pode mostrar-se ativa, o homem não conseguirá viver se não for capaz de, em muitos casos, adaptar-se passivamente. Freud diz que nada se acrescenta de útil para a psicanálise se continuarmos acreditando que, disto, temos mais uma prova para a bissexualidade humana. E sugere: os psicólogos “decidiram fazer ‘ativo’ coincidir com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas aconselho que não o façam” (FREUD, 2010j, p. 267).

Diante disto, ainda poderíamos tratar como característica da feminilidade a simpatia por fins passivos. Contudo, esta preferência não pode confundir-se com a passividade, pois situações desta estirpe não raro necessitam de parcelas de *agressividade*. É aqui, diz o texto, onde devemos ter cautela, pois não podemos fazer pouco caso das influências culturais que condicionam as mulheres às situações passivas.

Se de fato existe uma relação entre feminilidade e vida pulsional, não podemos subestimar os costumes incidentes sobre as mulheres. Ora, é justamente a supressão (imposta e instituída socialmente) de grande parcela da atividade feminina que favorece as tendências masoquistas e conecta à fins eróticos a destrutividade outrora desviada para dentro. Desta forma, não podemos mais dizer que a psicanálise trata de elucidar “o que é a mulher”, mas que se preocupa em questionar como ela se desenvolve desde criança, quando bissexual. Para Freud, este novo

empenho deve-se ao fato das analistas mulheres terem inculcido a suspeita de que os homens não conseguiriam dar cabo de “preconceitos muito arraigados em relação à feminilidade” (FREUD, 2010j, p. 269). E a psicanálise estaria condenada a parcialidade.

De acordo com ele, carecemos de ter em mente que a investigação sobre o feminino é pautada por algumas expectativas: 1) ao fato de sua constituição não se adaptar às suas funções sem reluta; 2) a constatação de que os pontos decisivos de sua formação já foram prefigurados antes da puberdade. E se aceitamos que o desenvolvimento feminino é mais complexo que o masculino: 3) o reconhecimento das diferenças entre a genitália masculina e feminina; e 4) a evidencia de que a natureza da mulher é pautada por suas disposições pulsionais. Conforme sugere o texto, se ficamos atinados com a impressão de que as meninas são menos agressivas e mais autossuficientes, não devemos, contudo, esquecer nem que ambos os sexos tendem a atravessar similarmente as primeiras fases do desenvolvimento libidinal, nem que poder-se-ia esperar da menina uma diminuição da agressividade já na fase sádico-anal. Todavia, não é este o caso, pois, enquanto esta fase é, para o menino, marcada pela obtenção de prazeres penianos, a menina faz o mesmo com o clitóris, mas, com a feminilidade, este cede, parcial ou completamente, sua sensibilidade para a vagina.

Ao passo que o menino permanece vinculado com a mãe (primeira relação objetal) durante o Édipo e ao longo de sua vida, para menina a coisa não é muito diferente. Sua primeira vinculação é também com a mãe. Todavia, se por um lado as primeiras catexias são equivalentes em ambos, será na situação edipiana e nos passos subsequentes que a garota se vinculará ao pai e passará para a escolha definitiva. Após ter-se identificado com os traços da mãe (feminilidade) e do pai (masculinidade), “a menina enfim abandona a cena edipiana, abrindo-se para os futuros parceiros de sua vida de mulher” (NÁSIO, 2007, p. 57). Desta forma, enquanto o menino conserva tanto o pai quanto a mãe, a menina terá de mudar não só de zona erógena (clitóris → vagina), como de objeto (mãe, durante *pré-édipo* → pai, durante Édipo). E se, disto, questionamos como acontece esta passagem da mãe ao pai, logo vemos o quão simplista é supor uma lei de atração recíproca entre os sexos, que mantém o menino ligado à mãe e impele a menina ao pai. No que tange a sexualidade feminina, devemos, em verdade, abrir mão de duas constatações: 1) o fato de que, antes do Édipo, predominou um exclusivismo com a mãe e 2) que a relação com o pai é hostil até os quatro anos de idade. Em 1933, fica, portanto, a impressão de que a

psicanálise jamais compreenderia as mulheres se não considerasse “esta fase de *ligação pré-edípica com a mãe*” (FREUD, 2010j, p. 273).

Isto posto, se os desejos uma garota são expressos por vias orais, sádico-anais e fálicas, é de se destacar como, mantendo suas hipóteses, Freud, em apenas dois anos, se mostra reticente aos impulsos ativos e passivos da sexualidade feminina. Tais desejos tem a ver com fins ativos e passivos, mas se relacionados com as diferenças sexuais...

poderão ser chamados de masculinos e femininos. São, além disto, totalmente ambivalentes, de natureza tanto carinhosa como hostil-agressiva (FREUD, 2010j, pp. 273-274).

Isto o fez reconhecer que os sintomas histéricos que suas consulentes apontavam como decorrência da sedução paterna não passavam de fantasias. Na realidade, se levadas à sério, tais inverdades expressavam algo alocado na pré-história libidinal; no período anobjetal pré-edípico, onde o sedutor é a mãe, não o pai. Por uma via não-fálica, somente assim a fantasia toca a realidade, pois não é senão a mãe quem estimula e desperta na menina os primeiros prazeres. Será assim que acessaremos a *Feminilidade*.

Por mais que não seja, em absoluto, o determinante das ações pulsionais, não há como negar que, desde a *inveja do pênis*, a descoberta da castração representa para a mulher um marco decisivo. A emergência de um polo de passividade pulsional funciona como marca da passagem pela castração. É daí que partem as três linhas do comportamento feminino: 1) a inibição sexual, 2) o complexo de masculinidade e 3) a feminilidade normal. Retenhamo-nos nesta última possibilidade, pois é pela tendência de retorno da agressividade à própria pessoa e pelo predomínio das funções passivas sobre a bissexualidade que surge a mulher. O masoquismo é, pois, feminino!

Ora, em razão da *inveja do pênis*, o amor-próprio da menina é modificado não só ao ponto de dar lugar para uma comparação com a genitália masculina, mas de favorecer a renúncia dos prazeres que obtinha falicamente. Se, com isto, dizemos que o afastamento da mãe não é imediato, é abdicando das satisfações clitorianas que, em favor da sociedade, parte de sua conduta sexual será reprimida. Assim, posto que tal renúncia não é sem importância, então, concomitante ao abandono de sua sexualidade fálica, predominará a negação do seu quinhão de atividade; o que, diante do voltar-se ao pai, fará a garota comportar-se segundo impulsos passivos, associáveis com a repetição da castração.

Esta sinuosa via que abranda e remove sua atividade fálica, prepara o caminho para a feminilidade. Para atingir a maturidade, é obrigada a renunciar os prazeres clitoridianos em vista dos vaginais. Frustrada por não possuir um falo, é levada a desvincular-se da mãe, abandonar sua “atividade” e transferir-se, passivamente, ao pai; o detentor do poder fálico-ideativo. Disto “depende seu desabrochar no casamento e na sociedade.” (ROUDINESCO, 2003, p. 62).

Se no decurso do desenvolvimento libidinal os significantes comportamentais não se perdem em demasia devido a repressão, ela pode vir a ser normal. Deste modo, o que conduz as meninas à se vincularem ao pai tem origem no antigo “desejo pelo pênis que a mãe não lhe deu e que ela espera receber do pai” (FREUD, 2010j, p. 284). Entretanto, mesmo suas brincadeiras não expressam sua feminilidade. Substituindo a atividade pela passividade, quando brinca de boneca, visa identificar-se com a mãe. Fazendo com o brinquedo tudo o que a mãe fazia com ela, esta identificação é a tentativa de desempenhar a função de mãe; e é desta forma que sua boneca representará aquilo que seria uma criança obtida do pai. Portanto, não é em vão que, mesmo em 1933, Freud reafirme que, eminentemente passiva e não-fálica, a *inveja do pênis* talvez seja a expressão mais acentuada do “querer feminino”.

Com a transferência dos vínculos ao pai e início do Édipo, a agressividade contra a mãe se intensificará de tal modo que esta (mãe) tornar-se-á sua principal referência e mais ferrenha adversária, pois recebe do pai tudo o que a filha gostaria. Como salienta Násio, o estágio edípiano da menina é pautado pelo “ideal feminino encarnado pela mãe; a criança é toda olhos e ouvidos na observação da mãe e no aprendizado da arte de seduzir o homem” (NÁSIO, 2007, p. 56). Neste sentido, o Édipo feminino decorre de uma ligação ainda mais originária, onde a mãe figura como centro afetos, pois personifica, “para a filha, tanto um ideal quanto uma temível rival” (NASIO, 2007, p. 56).

Se nos meninos a rivalidade para com o pai evolui desde a fase fálica e, do medo de perder o pênis, abandonam o Édipo em vistas da internalização do *Super-Eu*, nas meninas os acontecimentos partem da castração, que, repetindo-se, irá preparar o Édipo. De fato, este (Édipo) surge como consequência de uma longa e árdua jornada. É uma solução “temporária, uma posição de descanso que não é logo abandonada, especialmente porque o início do período de latência não se acha distante” (FREUD, 2010j, p. 285). Sem jamais se dissociarem desta fase, é em razão dos distintos fatores que, então, são impelidas a

abandonar a exclusividade com a mãe e, em função da *inveja do pênis*, entrar no Édipo como se este fosse um refúgio; um porto seguro.

Diante destas circunstâncias, Freud defende que a instauração do *Super-Eu* na menina sofre sérios prejuízos, pois, distintamente do menino, dificilmente as “etiquetas” atingirão, nela, a independência que poderia lhes conferir relevância cultural. Pouco preocupado com as contestações feministas que, nesta época, incidiam sobre sua doutrina<sup>48</sup>, é mostrando-se misógino, autoritário e conservador que o austríaco – à revelia das dificuldades – tenta abster-se de qualquer militância e, para além de uma descrição do comportamento ulterior da feminilidade, tomar como ponto de partida a pré-história libidinal das mulheres a fim de acentuar o quanto a feminilidade pode estar exposta aos resíduos advindos de uma época mais arcaica:

acontecem regressões às fixações daquela fase pré-edípica; ao longo da vida de algumas mulheres, alternam-se repetidamente períodos em que a masculinidade ou a feminilidade tem predominância. Parte daquilo que nós, homens, chamamos ‘o enigma da mulher’ talvez resulte dessa expressão da bissexualidade na vida feminina (FREUD, 2010j, p. 288)

---

<sup>48</sup> Neste ponto, vale notar o conservadorismo de Freud em relação às feministas. De fato, para o autor, muitas tomam desgosto pela psicanálise quando esta assinala os efeitos da dificuldade de internalização do *Super-eu* na conduta feminina. Para defender-se, Freud ratifica o desenvolvimento do complexo de masculinidade como o segundo horizonte possível diante da descoberta da castração e, assim, compreende as feministas como aquelas que – sem reconhecer os desgostos de tal infortúnio e, com isto, evitando a passividade – se vinculam exageradamente à sua masculinidade prévia, de modo que, “em obstinada recalcitrância, continua a se ocupar do clitóris e se refugia numa identificação com a mãe fálica ou o pai” (FREUD, 2010j, p. 286). Pouco preocupado em considerar os fatores históricos e a militância do movimento, diz ainda que o máximo de realização que se pode esperar deste tal complexo da masculinidade é a escolha objetal no sentido da homossexualidade manifesta. Todavia, ainda assim a experiência clínica ensina que são poucos os casos onde o homossexualismo feminino decorre da masculinidade infantil. Para Freud, todas garotas, mesmo as homossexuais, “tomam o pai como objeto por algum tempo e se entregam à situação edípica” (FREUD, 2010j, p. 287); evidencia esta que não é ratificada nas feministas, pois negam sujeitar-se à situações passivas.

Isto posto, vemos Freud elencar uma outra questão, cuja problemática gira entorno da relação da libido com as polos masculinos e femininos. Ora, sobre isto, poderíamos inferir, para cada sexo, a existência de uma libido específica: enquanto uma designaria a sexualidade masculina, outra vincular-se-ia com as finalidades femininas. Contudo, o austríaco alerta que a justaposição de uma “libido feminina” não tem justificativa! Desde os primeiros trabalhos, a libido é ativa e sexualmente universal; não só serve as funções masculinas e femininas, como não pode ser atribuída à nenhum sexo. Esta reafirmação dos postulados iniciais deve-se ao fato de Freud acreditar que a efetivação dos objetivos da biologia fora “confiada à agressividade do homem e tornada independente, em alguma medida, da aquiescência da mulher” (FREUD, 2010j, p. 289), ao passo que a frigidez feminina “é um fenômeno ainda mal compreendido” (FREUD, 2010j, p. 289).

Outorgando para as mulheres um forte narcisismo que afeta suas escolhas objetais ao ponto de requererem quantidades muito maiores de carinho, é em função das condições sociais que, para Freud, os fatores das escolhas femininas se tornam irreconhecíveis. Desejando ser desejada, a mulher em seu querer é a marca daquilo que não se apreende, ou melhor, daquilo que, “mais além”, não se prende nem num objeto ideativo, nem numa imagem de si, mas na ausência de sentido; naquilo que suspende o saber analítico e seus dispositivos de saber, pois está predominantemente vinculado com a pessoa e a imagem da mãe.

Com efeito, se estas escolhas são livres, se constituem a partir do ideal masculino que a garota quisera ser. Se, durante Édipo, ela permanece vinculada ao pai, é fato que suas escolhas se darão conforme este símbolo; mas isto só é assim porque outrora existiu uma hostil ambivalência afetiva com a mãe. Esta hostilidade, que foi deixada em suspenso após o início do Édipo, segue influenciando o caminho das vinculações e se alastra aos novos objetos. Mesmo quando, frustrada por não receber do pai o que gostaria, recalca o Édipo e, fazendo surgir a feminilidade, reporta seus anseios para outro homem, o que faz é retornar, “de forma ativa, à posição passiva que a levou ao pai” (POLI, 2007, p. 35). Portanto, se até mesmo a escolha do marido é herdeira da mãe, então outra importante diferença na constituição da mulher diz respeito aos acontecimentos posteriores ao nascimento do primeiro filho:

o fato de que o velho fator da *inveja do pênis* ainda não perdeu sua força mostra-se nas

diferentes reações de uma mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha. Apenas a relação com o filho produz satisfação ilimitada na mãe; é a mais perfeita, mais livre de ambivalência de todas as relações humanas (FREUD, 2010j, p. 291)

Encaminhando-nos, com isto, aos parágrafos finais de nossa “*Construção...*”, vemos que a identificação da mulher com sua mãe permite diferenciar duas camadas de vinculação: a pré-edípica (não-fálica), onde a mãe é o modelo, e aquela advinda do Édipo, em que a menina é hostil em relação a mãe e procura ocupar seu lugar junto ao pai. Contudo, por mais que nenhuma destas camadas sejam cristalizáveis, é a fase anobjetal pré-edípica que será decisiva ao futuro de uma mulher. Nesta época, não são feitos apenas os preparativos das características sexuais e das tarefas sociais que irá exercer, mas é aqui onde adquire parte dos motivos de sua atração por um homem. Posto que a correspondência edípica do marido para mãe transfigura a atração da mulher em paixão, se a relação do casal se basta ao ponto de ambos resistirem a associações mais amplas, logo salta aos olhos como, mesmo jovem, uma mulher nos atemoriza com sua rigidez psíquica e permanência libidinal. Lamentando este estado de coisas, para Freud, é como se o caminho para a feminilidade tivesse fatigado a sexualidade da mulher: “é como se todo o processo já tivesse decorrido, permanecendo ininfluenciável a partir de então” (FREUD, 2010j, p. 293).

Isto posto, se entendemos que sua preocupação reside em descrever o feminino na medida em que é o resultado de suas funções sexuais, é, todavia, reconhecendo que estas funções só são isoláveis quando desconsideramos os outros possíveis determinantes que Freud retoma os pressupostos originais de sua doutrina e possibilita-nos para uma conclusão contundente, imprecisa e, quiçá, indeterminável:

se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes das informação mais profunda e coerente (FREUD, 2010j, p. 293)

Ora, seguindo a batuta de nomes como Assoun, Poli e Roudinesco, é necessário notar, antes de mais nada, que, no período entre guerras, a querela entorno dos movimentos pró e contra o dualismo sexual foi contemporânea às lutas feministas, que, do sufragismo, levaram à emancipação das mulheres. Contrário as críticas

acerca da diferenciação dos sexos e da posterior distinção entre sexo e gênero<sup>49</sup>, não há como negar que, face ao seus opositores, Freud mostrou-se conservador em relação as mulheres e a fidedignidade de sua doutrina. Pouco preocupado com as razões feministas, se ficarmos nas aparências, facilmente veremos nele um bom burguês, um estreito cientista; um autêntico representante do patriarcado tradicional.

Feitas para o amor, as mulheres não são em nada encorajadas por Freud a exercerem uma profissão, a militarem pela igualdade ou a se tornarem as concorrentes dos homens no domínio da arte e da sublimação. [...]desconfiava Freud de que seu belo pleito em favor da família conjugal e do amor materno corria o risco de um dia contradizer a realidade futura da condição feminina? (ROUDINESCO, 2003, p. 63)

No entanto, ainda que não possamos negar os limites de sua doutrina, também devemos notar o quanto sua psicanálise contribuiu ao entendimento do feminino. Reconhecendo suas imprecisões, Freud analisa a feminilidade, mas confessa não “descobrir-lhe as cartas, embora, ocasionalmente, decifre muito bem seu jogo” (ASSOUN, 1993, p. 23). Neste sentido, talvez seja mais prudente deixarmos não só de caricaturá-lo como falocrata pelo fato de não ter aderido à certas aspirações, quanto de fazer da luta pela “igualdade entre os sexos um domínio reservado às mulheres, a pretexto de esse combate ter por meta a emancipação delas” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 707) – ainda que jamais possamos esquecer que o direito de falar sobre as ocorrências pessoais e as demandas sociais seja, prioritariamente, das mulheres<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> Gênero é um termo latino utilizado para designar o sentimento de identidade sexual. Sexo indica a diferença anatômica entre o macho e a fêmea.

<sup>50</sup> Sobre este ponto, notamos que a implicação entre psicanálise e o movimento feminista parece constituir uma relação historicamente antagonica. De um lado, o reconhecimento do valor da fala histórica e a descoberta do inconsciente, do outro, a luta social por diretos igualitários e pela emancipação das mulheres perante a tradição patriarcal. Passados mais de cem anos, este embate continua vivo no seio da psicanálise, sendo, inclusive, “o principal ponto de embate e resistência para a difusão da psicanálise na cultura” (POLI, 2007, p. 08). Diante disto, não devemos esquecer que o gesto de admissão do recalque da pulsão sexual efetuado por Freud desde o sec. XIX também almeja uma análise profunda acerca das coerções corporais e penais instituídas sobre a sexualidade

Em favor de uma neutralidade epistemológica, Freud rejeitou qualquer militância para, somente assim, descrever a sexualidade feminina. Sua psicanálise quis mostrar o quanto o feminino é vital para a humanidade. E sob esta perspectiva, é também o único domínio capaz de nos propiciar um igualitarismo, pois indica-nos um subsolo de indeterminação que, pela via da repetição, está aquém de qualquer orientação objetual fálica ou cristalização do saber.

De fato, a pergunta sobre o feminino trata-se, na verdade, de uma inversão do saber psicanalítico; de uma indagação direta sobre seu objeto, que, a partir de um “mais-além” de gozo, passa a exprimir uma verdade irreduzível aos dispositivos de saber. Se é verdade que os valores fálicos estão associados ao pênis e ao símbolo do pai, e se também é verídico que a castração desnaturaliza e femininiza o corpo “ao fazer incidir sobre ele a função significativa” (POLI, 2007, p. 36), então, mais do que uma confissão de fracasso e imprecisão, o feminino é, para a psicanálise, não só aquilo que ela “conhece mal, mas aquilo que, por existir, coloca o saber analítico numa situação de suspense” (ASSOUN, 1993, p.19). Em seu querer, a mulher suspeita de ter-se

---

ao longo dos séculos precedentes. Apoiada pela admissão da sexualidade no agir humano, foi sobretudo a proposta de escuta do feminino que, para além da *Scientia Sexualis*, deu início a psicanálise. Em certo sentido, a psicanálise vem expressar “um mal-estar da sociedade burguesa, presa das variações da figura do pai, e o remédio para esse mal-estar” (ROUDINESCO, 2003, p. 45). Isto, não podemos negar, contribuiu (e continua contribuindo) não só à autenticação do desejo sexual de uma parte da sociedade que esteve até então fadada à passividade diante do desejo masculino, mas à legitimação do desejo de liberdade das mulheres frente ao patriarcado tradicional. Neste sentido, parece que a psicanálise contribuiu não só ao advento de novas relações parentais, mas fermentou “um duplo movimento social que vinculava a emancipação das mulheres e dos filhos – e mais tarde dos homossexuais – à rebelião dos filhos contra os pais” (ROUDINESCO, 2003, pp. 45-46). Respeitados os limites interpretativos, talvez devêssemos acentuar que, apesar da reticências freudianas acerca do feminismo, em momento algum esquecemos que o direito de fala sobre as ocorrências pessoais e as demandas sociais deve pertencer, prioritariamente, às mulheres. São elas (mulheres) que diariamente vivenciam o patriarcado histórico onde vivemos! E por mais que a psicanálise demonstre que as escolhas pessoais partem de princípios aquém do âmbito tético, cabe a nós reconhecer e respeitar estas lutas. A psicanálise contribui à compreensão do feminino, mas acreditamos que, indiretamente, contribui às lutas sociais.

conservado como uma verdade inalcançável ao saber produzido ao seu respeito. Ela é, por assim dizer, a encarnação do enigma do inconsciente; um ponto de interrogação, mas também o registro de um fragmento de verdade insolucionável para a primazia fálica da sexualidade. Esta constatação serve para suspeitarmos que, repetindo a castração, o feminino restitui à psicanálise sua tão fundamental perplexidade e ambivalência.

Nestes termos, a relação entre Freud e *Construção do Feminino* adquire uma agudeza peculiar, pois não basta dizer que o austríaco analisou as mulheres para tentar fazer delas um conhecimento seu, como se buscasse legalizá-las. Distanciando-se de sua ironia característica, abdicou de qualquer discurso objetivista sobre as mulheres, seja para excluí-las, reduzi-las, renega-las ou mesmo exaltá-las. Sendo-lhe impossível desconsiderar a importância deste campo de indeterminação, o fato é que atrelou à feminilidade a identidade ambivalente da clínica psicanalítica; e isto para pensar um primado do gozo – um retorno ao desejo como chave de sua falta. Trata-se da necessidade de “deduzir, do saber [...] relativo ao desejo da mulher, um saber impossível, relativo ao querer do sujeito” (ASSOUN, 1993, p. 21). Sendo assim, seja homem ou mulher, a dualidade sexual está inscrita sob o signo de uma libido universal, que torna as pulsões comum aos dois sexos. Introduzindo relevantes novidades ao escopo das classificações identitárias, compreende-se, enfim, a contundente possibilidade de um horizonte não-fálico; uma sexualidade “mais-além” amparada por um inconsciente involuntário, que, tácito ao social e ao biológico, torna o humano (homens e mulheres) um ser desejante.

Para o austríaco, as diferenças anatômicas entre os sexos não necessariamente conduzem ao naturalismo, pois atestam uma ambivalência fundamental entre *psique* e *soma*. Nem mesmo a evidência de uma diferença anatômica faria supor o prevalecimento de uma natureza sobre a outra, uma vez que tais distinções não estão presentes no inconsciente. E se enfim compreendemos que, com seu universalismo libidinal, Freud pôde aproximar-se da defesa de um igualitarismo, talvez seja lícito sustentar não só que seu falicismo precise ser “pensado como uma instância neutra, comum aos dois sexos” (ROUDINESCO, 2003, p. 60), mas que a questão das diferenças sexuais deve ser discutida a partir dos referenciais vividos existencialmente, em primeira pessoa. Adotando, desde sempre, uma atitude interrogativa acerca da sexualidade feminina e, neste interim, defendendo que as diferenças anatômicas entre os sexos representam apenas o estopim de

novas articulações que, por sua conta e risco, condenam homens e mulheres a se confrontarem sem, jamais, alcançarem uma real plenitude, podemos dizer, no sentido freudiano, que a mulher é a “promessa de civilização antes da civilização” (ROUDINESCO, 2003, p. 61).

Encarnação do enigma psicanalítico, é a mulher que, em sua indizibilidade, deixa o logos e a tradição estarecidos. Metáfora privilegiada do inconsciente, ela nos permite mensurar a distância entre o “saber analítico e a verdade que ele explora e que a ele se recusa” (ASSOUN, 1993, p. 24). Primordial à quaisquer investimentos em objetos substitutivos ou imagens de si, sendo a expressão de uma satisfação “mais-além” irredutível à imagem de um líder idealizado, representa, pois, o motor da civilização<sup>51</sup>. E se é fato que a sexualidade pode estender-se para as demais cenas do mundo, longe de simplesmente tornar a mulher um “ser falhado” (que não detém o falo), talvez possamos defender que a *Construção do Feminino* esteja ligada à fins emancipatórios e libertadores – ainda que, em verdade, não possamos negar que Freud jamais tenha-o (o feminino) integrado no horizonte da cultura, tampouco imaginado que as mulheres poderiam ser aceitas sem fazer do mundo um caos. Para além de uma sexualidade que não pretenda libertar o indivíduo dos grilhões de seus desejos, é, em conclusão, a sexualidade feminina quem possibilita o contato com o rompimento, com o vazio, com a repetição da castração; enfim, com a indeterminabilidade passiva de nossa constituição humana.

---

<sup>51</sup> Motor da cultura, o drama feminino consiste em estar preso ao destino que *Eros* lhe confere: “de fazer nascer o desejo no coração dos homens e lhes permitir unificarem seus desejos, enquanto [...] são remetidas, uma a uma, à unicidade de seus quereres” (ASSOUN, 1993, p. 169)

## Conclusão. O FEMININO COMO AMBIVALÊNCIA

Iniciando os estudos sobre a *Construção do Feminino em Freud*, quando tratamos da pulsão, da sexualidade infantil e do universalismo libidinal desenvolvidos em “*Três Ensaio...*” (1905), vimos como as perversões não só possibilitam questionar os saberes já postulados, mas nos dispõem diante da pré-história libidinal; perante uma força, que, aquém da *Scientia sexualis*, encontra modos não-biológicos de se satisfazer. Se isto faz destacar uma concepção universalista que encontra no feminino o domínio capaz de amparar uma libido indiferenciada capaz de tornar as pulsões comum aos dois sexos, é sondando a sexualidade com os meios da pesquisa psicológica que esta obra de 1905 trata da pulsão, que, voltada para a vida, a autoconservação ou a morte, sempre aponta à sexualidade humana.

Se as distintas teorias amparavam o erotismo humano na noção de *instinto (instinkt)*, o diferencial freudiano é ter substituído *instinkt* por *Trieb (pulsão)* – um conceito que, para além implicações bem definidas, traduz o dinamismo de pressões e descargas energéticas voltadas para fins não naturais. A relação entre estes dois termos é amparada pela noção de *Anlehnung (apoio)*, que desnaturaliza *instinkt* na medida em que *Trieb* apresenta-se desviante diante das funções conservadoras.

Sendo a parte mais significativa e inconclusa da doutrina psicanalítica, quando falamos das pulsões, é da submissão do corpo ao simbólico e não do corpo ao biológico que nos referimos. Nestes termos, as pulsões são desvios do instinto! Elas estabelecem uma distinção não-biológica da sexualidade humana, que, amparada pelos desvios concernentes ao *objeto* (pessoa da qual provem a atração sexual) e ao *objetivo/alvo sexual* (ação para onde a pulsão impele), amplia o leque dos comportamentos aberrantes.

Ora, no que tange os desvios do *objeto sexual*, constatamos, em qualquer sujeito, a viabilidade da inversão homoafetiva. Se questionamos a natureza deste fenômeno, devemos não só indagar suas influências inatas e adquiridas, mas vislumbrar, em cada qual, certa predisposição à bissexualidade, pois não nos faltam traços do sexo oposto. Para a psicanálise freudiana, todo ser humano é constituído por disposições masculinas e femininas que, correlatas, “se encontram nos conflitos que o indivíduo conhece para assumir o seu próprio sexo” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 88). Assim, apontando para a necessidade de afrouxarmos os laços entre pulsão e *objeto*, os comportamentos só se mostram aberrantes quando, intensificadas, as

fixações são “postas no lugar da satisfação sexual normal” (FREUD, 2016, p. 39). Graças a novidade destas ideias, torna-se possível conceber as inversões fora do campo patológico.

Conectadas com as pulsões em âmbitos como pressão, fonte, alvo e objeto, no que tange as perversões do *objetivo/alvo sexual*, teremos ou transgressões anatômicas que fixam a conduta em regiões periféricas, ou demoras excessivas nas carícias prévias. Estas superavaliações tanto desconstroem a estreiteza da relação entre *alvo* e coito, como contribuem para a sexualização de outras partes do corpo. Seja pelo fetiche (fixação que toma o lugar do alvo sexual) ou por demoras que dificultam/adiam a consecução do alvo sexual, ratificamos que os diferentes caminhos da libido no corpo se relacionam como vasos comunicantes, sendo necessário considerar seu fluxo colateral. Assim, aceitando que, a partir das preliminares, o indivíduo é capaz de formar alvos aptos a assumir, ativa ou passivamente, o lugar da conduta normal, enunciamos as inclinações voyeuristas e exibicionistas.

Obedecendo os limites dos “ensaios” freudianos, vimos que estas demoras se relacionam com as perversões cardeais: ao sadismo (inclinação ativa de subjugar ou infligir dor ao objeto sexual) e ao masoquismo, que, oposto complementar do sadismo, indica a passividade não-fálica de nossos atos. De fato, se nossa vida sexual apresenta um componente sádico, ativo e hostil capaz subjugar o outro e, exacerbando-se, encontrar satisfação em atitudes agressivas infligidas ao objeto sexual, também é certo, na contraparte, que devemos aceitar a existência de tendências masoquistas e regressivas voltadas para a própria pessoa e que, ligadas com as satisfações causadas pela auto-humilhação, apontam atitudes passivas diante do outro. Do contraste entre estes pares, foram definidas não só as características sexuais, mas o sadomasoquismo, que, amparado pela bissexualidade, inter-relaciona as polarizações, tornando-as duas vertentes de uma só perversão, cujas formas ativa e passiva se doam em proporções variáveis.

Diante disto, sobre as *Aberrações Sexuais*, talvez não possamos mais deixar de acrescentar em nossa conduta um grande quinhão de perversidade. As transgressões existem até entre os sádios, mas são as pulsões que – por exclusivismos, predominâncias ou parcialidades – circunscrevem as patologias. Para Freud, entre a irresistibilidade pulsional e a renúncia sexual, situa-se a saída pela doença, que transforma a força da libido em sintoma. Desta feita, é plausível decompor as pulsões sexuais em instâncias parciais que, ativa (sádica) e passivamente (masoquista), variam conforme a intensidade da

perversão. Limítrofes (situadas entre o psíquico e o somático) e não qualificáveis, as fontes donde advém estas pulsões não raro assumem funções substitutivas, atuando como “zonas erógenas” secundárias. Sendo assim, a disposição à perversão é parte de nosso cotidiano, que, iniciando na infância, evidencia os aspectos constituintes de nosso comportamento. Isto posto, regressamos falamos da gérmen da sexualidade: a infância, que nos mostrou como, na primeira tópica freudiana, a sexualidade é uma resposta fálica diante da castração.

Com efeito, atentando ao fato de que, em função da amnésia dos primeiros anos de vida, poucos autores reconheceram a regularidade da vida pulsional infantil, Freud põe em cheque a opinião popular quando rastreia, na infância, traços essenciais da conduta sexual definitiva. Ele mostra-nos como, durante estes anos, subjaz não só um pré-reconhecimento de nossa lida, mas uma latente aptidão de julgamento. Na infância, são formados os poderes psíquicos condicionantes que influenciarão nossas realizações individuais, coletivas e culturais.

Lendo “*Três Ensaio...*”, vimos que o modelo mais arcaico da sexualidade aparece durante a amamentação, quando, apoiado em funções vitais, o deleite da sucção rítmica exclui propósitos nutritivos. Associados com as necessidades alimentares, salta aos olhos como, ao tocar o seio materno, os lábios adquirem tamanha volúpia que, sedentos por satisfação, encontram no leite a origem da sensação prazerosa e, do contato com a mama, a fonte sexual desviante ao instinto. Se o leite satisfaz as necessidades orgânicas, ocorre, paralelamente, um processo sexual que, com o tempo, irá adquirir independência e dissociar a repetição da satisfação das necessidades nutritivas.

Disto, eis o auto-erotismo, cuja função é, em “*Três Ensaio...*”, expressar a maneira como, ligada com a excitação de uma zona erógena, a pulsão infantil se satisfaz sem recorrer aos objetos externos ou uma imagem egóica do corpo. No que tange a sexualidade infantil, notamos, então, que ela suscita uma satisfação factível a fim de que transpareça uma necessidade de repetição evidenciada tanto por uma tensão, quanto por uma sensação de prurido voltada para as zonas erógenas periféricas: o anus, o pênis e a vagina, que, diante da erotização das funções vitais, ora conduzem à masturbação, ora compõem o aparelho reprodutor. Sendo assim, anaclítica ou auto-eroticamente, possuímos, desde cedo, uma disposição “perverso-polimorfa” destituída de imperatividade e que não poupa os *objetos* e *alvos sexuais* para se satisfazer.

Indagando os fatores internos e externos do desenvolvimento sexual, notamos que polimorfismo infantil não pode confundir-se com a

sexualidade adulta. Vimos que, para além da sedução (passividade), a criança carrega consigo uma gama de volições bastante ativas. Sua eroticidade envolve, logo cedo, o outro como objeto de satisfação, sendo, assim, repleta de moções que transgridem a atividade genital. E se, disto, elegemos a disposição “perverso-polimorfa” como expressão de uma organização sexual *pré-genital*, é descrevendo o modo como a libido se organiza no corpo de acordo com a predominância da relação objetal, sob o primado de uma zona erógena e conforme as etapas da vida que conseguimos sistematizar esta sexualidade quase anárquica.

Balizados pela leitura freudiana da sexualidade infantil, sistematizamos, temporal e conceitualmente, as “fases da libido”: entre 1905 e 1915, a fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, e, a partir de 1923, a inclusão da disposição *genital-fálica*. Com base nesta divisão, analisamos estas fases, salientando 1) que o complexo de castração masculino e a *inveja do pênis* feminina demarcam, via Édipo, a divisão entre infância e vida adulta, 2) que a sexualidade é uma resposta à castração e 3) que, na primeira tópica pulsional, Freud assinala sua primazia fálica da sexualidade.

De fato, por mais que não expressem a totalidade da evolução libidinal, estas fases designam as etapas do desenvolvimento infantil, ora orientado por uma disposição fixa, ora pela preponderância de uma zona erógena, ora por uma associação objetal. Se *pré-genitais* são as disposições em que a genitália ainda não impôs sua primazia e faz-se corresponder pelas fases *oral-canibalesca* e *anal-sádica*, então *genital-fálica* será a fase marcada pelas perturbações da castração, da derrocada do complexo de Édipo e pelo unilateralidade da genitália masculina.

Ora, sobre a primeira fase, se notamos em “*Três Ensaios...*” que a oralidade evidencia como, *apoiada* em funções vitais, a pulsão se autonomiza ao ponto de agir autoeroticamente, é em 1915 que Freud anuncia a fase *oral* como o primeiro estágio do desenvolvimento libidinal. Prototípica e anobjetal, a atividade volitiva desta fase ainda não se desvinculou dos prazeres da zona labial e bucal.

No que tange a segunda fase, vimos que o erotismo *anal* é não só pautado pela defecação e pela equivalência simbólica entre fezes, prenda/dom e dinheiro, mas surge como constituinte primário da polarização entre “atividade = sadismo” e “passividade = erotismo anal”. Ainda sobre esta fase, destacamos que, com as remodelações de 1915 e 1924, Freud a circunscreve como a primeira instância da organização *pré-genital*. Neste contexto, ela jamais confunde com o

posterior estabelecimento de um primado subalterno à função reprodutora – o último estágio organização infantil.

De fato, o estabelecimento deste último estágio da sexualidade infantil circunscreve o início da fase *genital-fálica*. Para a nossa “*Construção...*”, isto revelou-nos duas nuances interpretativas sobre a primeira tópica pulsional: 1) que homens e mulheres estão em busca de um representante fálico-ideativo de poder, capaz de substituir a angústia da castração; e 2) que Freud passou por alto a descrição do feminino quando, para além das diferenças sexuais, demarcou uma unificação das pulsões sob a primazia do falo masculino.

Incorporada em 1923, a fase *fálica* caracteriza a primeira união das pulsões sob o primado genital. Situada entre as fases *pré-genitais* e a organização libidinal definitiva, o que a define como infantil é o fato de, nela, a criança só reconhecer a genitália masculina. Ela representa o protótipo da oposição fálico-castrado; uma “indiferenciada constituição genital [...], igual em ambos os sexos” (FREUD, 2016, p. 110). Todavia, apesar de transposta ao contexto tardio de “*Três Ensaio...*”, notamos que suas bases estão fundamentadas em duas teses incipientes desta obra: 1) enquanto princípio universal, a libido é de natureza masculina, figure no homem ou na mulher; 2) nas meninas, o clitóris é a zona erógena diretriz homóloga da glândula masculina. Por conseguinte, ainda que, nesta época, a compreensão da sexualidade esteja balizada por princípios eminentemente fálicos, não há como dizer que Freud tenha deixado de sublinhar o interesse da menina pelo falo, sua respectiva “inveja” e seu sentimento de “inferioridade” em relação ao rapaz.

Isto posto, se é verdade que a complementaridade “atividade-passividade” transfigura-se, desde aqui, na oposição “fálico-castrado”, então a *fase fálica* assinala, diante da castração, o declínio do Édipo. Reconhecidamente encontrável em ambos os sexos, o pênis (correlato desta fase) é visto sob seu valor simbólico; e a castração redundava em atribuir uma função prevalecente ao órgão masculino. Fálico (menino) ou não (menina), o “pênis” “não é redutível a um dado puro e simples, antes é o resultado problemático de um processo intra e inter-subjetivo” (LAPLANCHE&PONTALIS, 1986, p. 226).

No que diz respeito a *Construção do Feminino*, isto nos fez entender não só que – a partir da infância e da castração – a angústia decorrente das diferenças sexuais suscita, na menina, a tão fundamental *inveja do pênis*, mas que, despreocupado em assinalar as especificidades da vida pulsional feminina, Freud anuncia aqui a predominância de uma organização eminentemente fálica para tratar da sexualidade. Se o

desenvolvimento dos sexos não é igual, ambos são, ao menos neste período, centrados entorno do falo; do representante ideativo da virilidade. E será com as transformações da puberdade que, subordinando a infância à uma libido universal, as predileções até então encaminhadas assumirão sua conduta definitiva.

Isto posto, tem início a puberdade – uma configuração pautada pelo primado da zona genital e pela diferenciação sexual. Neste contexto, a pulsão torna-se altruísta. Em favor da manutenção da espécie, ela põe-se “a serviço da função reprodutiva” (FREUD, 2016, p. 122). Introduzindo a excitação sexual, o erotismo torna-se, enfim, meio para a produção e obtenção de prazeres mais intensos. E é com base nestas coordenadas que demonstramos como, aquém de orientações específicas, a libido é universal e neutra sem, contudo, deixar de ser essencialmente sexual e ativa.

Derivada do latim, a *libido* aponta para noções como vontade e desejo. Criada para designar o substrato das transformações da pulsão, é uma força apta a mensurar as transformações qualitativas e quantitativas das excitações sexuais. De um ponto de vista qualitativo, por mais que seja dessexualizada, jamais poder ser equacionada como uma energia inespecífica. Tácita aos processos anímicos, é de natureza estritamente sexual e ativa. Desta forma, quantitativamente falando, também possibilita-nos mensurar os processos sexuais, pois remete-nos ao dinamismo da vida pulsional. Enquanto a pulsão situa-se entre o psíquico e o somático, a libido é a energia da pulsão. Desta feita, chegamos num *quantum de libido* integralizante dos investimentos psicosexuais, e cujo substituto qualitativo recebe, em 1914, o nome de *libido do ego* ou *libido narcísica*.

De fato, esta distinção é tratada nos estudos sobre o *narcisismo*, mas é através dela que, em “*Três Ensaios...*”, Freud introduz a primeira dissonância ao seu falicismo. Estamos falando de algo que, visando servir o Eu, passa pelo cunho da autoconservação. Neste escopo, a libido origina-se nas diversas zonas do corpo, mas como é o ego que irá retê-la, é ele a fonte de todos os investimentos. Buscando algo além de um referencial estritamente fálico/masculino, Freud firma, a partir da puberdade, o primado da zona genital, voltado não só ao novo alvo sexual, mas à consumação do reencontro, em outrem, com *narcisismo*. Sendo assim, se é na esfera da representação onde são consumadas a maioria das escolhas da puberdade, é com seu avanço que predomina a subordinação das fontes aos processos de encontro com o objeto. Com base nisto, pudemos inferir a questão das diferenças sexuais.

Ora, no que tange as diferenças sexuais, vemos, enfim, que sua elucidação decorre de um universalismo libidinal! Para a nossa “*Construção...*”, isto foi suficiente para salientarmos que, no âmbito de “*Três Ensaio...*”, Freud descreve o feminino através de uma libido que, aquém de orientações específicas, não carrega nem a marca da masculinidade, nem a da feminilidade, e tampouco porta qualquer indicação sobre a natureza do objeto que irá investir-se.

Todavia, também especificamos que a libido é, regular e normativamente, masculina (ativa). Neste sentido, se as diferenças sexuais indicam organizações psíquicas distintas, estas devem ser pensadas a partir de um princípio universal que ampare e possibilite definir a sexualidade como um todo. Com isto, queremos dizer: para Freud, as diferenças sexuais decorrem de um monismo libidinal essencialmente fálico; mas no que tango o âmbito feminino, rastreamos uma concepção que, aquém do Édipo, prioriza o exercício pulsional.

Balizados por este universalismo, notamos que a menina desconhece sua vagina (expressão de sua feminilidade) e toma o clitóris como como homólogo daquilo que inveja: o pênis, o falo, a imagem do poder. Se Freud articulou a diferença sexual a partir de um polo igualitário, é fato que apregeou uma indiferenciação inconsciente balizada por um princípio masculino e por um Édipo dissimétrico. A sexualidade feminina deve, portanto, ser compreendida a partir de uma libido essencialmente ativa! Entretanto, se também é verdade que, em vista destas regularidades, a mulher seja conduzida à “se afiliar às regras masculinas” (ASSOUN, 1993, p. 98), em momento algum devemos confundir tal universalismo como um sintoma machista de Freud! Este seu monismo libidinal é, na realidade, a confissão da dificuldade ao buscar a sexualidade feminina. Desta forma, ainda que secundária aos referenciais masculinos, se queremos elucidá-la (a sexualidade feminina), devemos considerar ao menos três sentidos da diferenciação sexual: o biológico, o sociológico e o psicosssexual.

Tendo em vista o recorte desta leitura, o sentido que nos interessa é o psicosssexual! De fato, considerando os fatores psíquicos da sexualidade humana, Freud diz que as disposições *ativas* e *passivas* nos mostram como masculinidade e feminilidade se constituem por uma mescla destes componentes. Com a puberdade, “masculino” e “feminino” são utilizados, respectivamente, no sentido de *atividade* e *passividade*. Neste contexto, a libido é masculina, pois “o instinto é sempre ativo, mesmo quando coloca para si uma meta passiva” (FREUD, 2016, p. 139). Não obstante, é fato que Freud jamais deixa de

falar da bissexualidade humana; ela é o fator sem o qual não chegaríamos “à compreensão das manifestações sexuais que realmente se observam no homem e na mulher” (FREUD, 2016, p. 140). Desta feita, se homens e mulheres dispõem de funções ativas e passivas, então o horizonte feminino vem designar uma disposição passiva, secundária.

Ora, se a libido é ativa, a satisfação pulsional só pode ser ativa! Ao interim da primeira tópica, esta asserção independe das diferenças sexuais, pois designa um princípio dado no inconsciente: a libido. E foi com base nestes preceitos que, enfim, afirmamos que o feminino resulta “da reflexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32). Isto torna claro como, sem definir a sexualidade feminina, “*Três Ensaio...*” encontra na escuta às mulheres a sexualidade que elas buscam: a masculina, que só vai historicizar-se a partir do primado fálico.

Isto estabelecido, se até aqui o autoerotismo orientou uma distinção pulsional não-biológica capaz de personificar as formações egóicas, é pelo fato da satisfação dirigir-se ao próprio corpo (imagem de si) que devemos relacioná-la com um investimento da libido no Eu. Se mostramos como o falo é substituinte da pulsão perdida, buscamos, no segundo capítulo, elucidar como, via narcisismo, foi estruturado o primeiro deslocamento na concepção fálica da sexualidade. Assim, no que concerne nossa “*Construção...*”, acentuamos não só uma forma narcísica de dispêndio, mas reavivamos o que até então fora esmaecido pela psicanálise: a escolha *anaclítica*, que, fornecendo uma ilustração arquetípica, serviu para pensar o narcisismo.

De fato, o termo *narcisismo* surge em 1910 quando, em nota de “*Três Ensaio...*”, Freud atenta à homossexualidade para evidenciar o quanto o indivíduo pode tomar a si como objeto de desejo e, disto, demarcar uma unificação das pulsões. Mas é somente com a *Introdução ao Narcisismo (1914)* que tal noção passa a fazer parte dos investimentos libidinais! Alertando-nos ao fato de que a formação narcísica compreende uma parcela considerável das condutas “normais”, Freud nos diz, em 1914, que ela é necessária para a vida subjetiva. É condição de formação do Eu, confundível com o próprio Eu.

Não sendo, portanto, anômala, um dos motivos para a considerarmos na constituição humana pode, diz Freud, ter surgido quando buscou-se compreender os casos de esquizofrenia (*dementia praecox*). Seja pela fantasia (neurose), seja pela recusa (psicose), ao retirar-se do mundo, a libido dirige-se ao eu. Isto nos fez conceber a diferença entre uma *libido do Eu* de uma *libido do Objeto* – distinção

esta não passa pela origem da pulsão, nem pela separação entre sexual e não-sexual, mas aponta a libido, que dirige-se ou ao Eu ou ao mundo.

Isto estabelecido, poderíamos acreditar que o autoerotismo é primordial ao Eu. Todavia, se admitimos ao Eu um investimento pulsional independente de empenhos objetivos, precisamos distinguir a pulsão sexualizada de um investimento vital, não-sexual, de *apoio* – *anaclítico*. Tratamos disto no último tópico deste capítulo, mas vale, aqui, ressaltar que, sendo o sujeito um “fim em si mesmo” e o “elo de uma corrente”, talvez a libido não seja mais do que o produto de uma diferenciação normal da psique. Sem abdicar de sua natureza sexual, devemos, diz Freud, questionar: se o Eu é investido libidinalmente, como diferenciar a pulsão sexual da não-sexual sem, todavia, cair numa teoria indiferenciada? É aqui onde o austríaco reafirma o postulado de uma libido estritamente sexual e declara, sobre a esquizofrenia, ser necessário separar a retração da libido em direção ao ego (narcisismo) da retração da libido aos objetos fantásticos (introversão). E se assim notamos que esta distinção constitui a primeira formulação que extinguiria a separação entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, não devemos esquecer que Freud jamais deixa de indagar aquilo que, em sua primordialidade, só faz sentido secundariamente: o *apoio* não-sexual da pulsão; a escolha *anaclítica* – o rudimento da sexualidade feminina.

Ora, mesmo em 1914, a análise das doenças orgânicas, da hipocondria e da vida amorosa continuam abertas para interpretação. Nos primeiros casos, o doente, em favor da autoconservação, distende seus laços, dirigindo-os ao Eu. Todavia, é preciso amar! E é quando a libido investe-se no mundo e nos outros que entendemos o quanto a vida amorosa apoia-se no Eu para, só assim, tornar-se independente. Sendo assim, para que a busca de 1914 fizesse jus, Freud não só negou qualquer egoidade entorno das pulsões autoeróticas, como assinalou um *narcisismo* intermediário entre o autoerotismo e o *narcisismo secundário*. Salta aos olhos, inclusive, como fomenta uma separação entre as predileções narcísicas – que tomam a si como objeto de desejo – e *anaclíticas*, que, por *apoio*, tomam as pessoas próximas como objeto de desejo. Retenhamo-nos, por hora, nas predileções narcísicas!

Em vista disto, fica clara a necessidade de vislumbrarmos um investimento *narcísico primário*, pressuposto desde a infância e constituinte da sexualidade. Com efeito, se *narcisismo primário* designa um estado em que a criança orienta a libido para si, não há, em contrapartida, como dizer que o Eu sempre existiu – “o Eu tem que ser desenvolvido” (FREUD, 2010c, pp. 18-19). Neste caso, o que falta ao

autoerotismo é uma representação egóica do corpo. Destarte, nada parece contradizer-nos quando defendemos que *narcisismo primário* é contemporâneo da primeira unificação egóica, sendo, inclusive, caracterizado por um investimento libidinal retrospectivo. O que daqui emerge é o *eu ideal*, correlato do *narcisismo primário*.

Quanto ao *narcisismo secundário*, este designa o retorno da libido ao Eu após voltar-se ao mundo. Se inicialmente a libido esteve dirigida ao eu, num segundo momento, volta-se para a alteridade e, por fim, é reconduzida ao Eu – é a regularidade do indivíduo. Assim, ao menos sob uma primazia fálica, talvez o encadeamento mais lógico da sexualidade seja: autoerotismo → narcisismo → escolha objetal. Se isto é verdade, então, enquanto as formações narcísicas estão pautadas por uma unificação egóica, o autoerotismo vem designar um modo de emprego objetal destituído de ego, e que só adquire autonomia após abandonar seu *apoio* em relação as funções vitais.

Ainda no segundo capítulo, vimos que, dentre as esfinges do narcisismo infantil, está a angustia das diferenças sexuais. Com isto, a psicanálise deu ampla importância ao complexo de castração, que traduzia os efeitos das interdições normativas e fantasiosas, mas não explicava, por exemplo, a patogenia da neurose. Tendo em vista esta constatação, diz-se não que a repressão surja do Eu, mas do seu respeito em relação a si. Nesta busca, sua via é substitutiva, pois o ideal que projeta diante de si nada mais é do que a época de sua infância onde era seu próprio ideal de Eu. Assim distinguimos *Eu Ideal* e *Ideal do Eu*!

Com efeito, se os primeiros investimentos são *anaclíticos*, não demora para entendermos que Freud acrescenta ao Eu um *sentimento-de-si* (*Selbstgefühl*). *Selbstgefühl* é a expressão do início da vida erótica: da primitiva onipotência infantil e de tudo o que se conquistou, na medida em que o Eu envolveu-se na série dos prazeres e desprazeres. Sem, com isto, desconsiderar as predileções *anaclíticas*, é importante atentar que o Eu se forma com as séries erráticas anteriores ao *princípio do prazer*. Assim, a marca da sexualidade é o fato dela ser uma constante e ininterrupta repetição, o que, não obstante, jamais nos permite confundir o Eu com a identidade plena e absoluta de si.

*Apoiado* em outrem, o Eu é uma síntese indefinida. Todavia, também é concebido por suas enunciações. E uma delas é sua imagem dotada de todas as perfeições: o *eu ideal* (ideal ich), sobre o qual reincide o amor de si gozado pelo *eu real* (das wirkliche Ich). Transformando e acrescentando, o *eu ideal* é o discurso que de alguma forma abandona a razão para ater-se numa idealização de algo.

Quando sintomatizadas, estas enunciações atuam, consciente e inconscientemente, sobre o comportamento, sendo, portanto, lícito, reconhecer uma autocensura interna e externa. Estamos falando do *Ideal do Eu*; do distanciamento da libido em relação ao *narcisismo primário* e das exigências da lei fomentadas a partir dos investimentos no mundo e dos reinvestimentos no Eu. O amor-próprio é expressão desta grandeza, pois, mesmo quando tem em vista a alteridade, busca reconquistar o narcisismo perdido. Não se trata, então, de substituir uma formação narcísica por outra, mas de deslocar a libido de um eu perfeito (*eu ideal*) para um Eu social: um ideal imposto de fora.

Sem negarmos a marca de um imaginário, é aqui onde entendemos como a relação entre *Eu Ideal* e *Ideal do Eu* é efeito de um discurso alheio e furado. Ora, para além do plano individual e animalesco, faz-se presente, nos humanos, o social: o *Ideal do Eu*, símbolo da lei. Todavia, na medida em que o *Eu Ideal* é marcado pela idealização do si, é no plano dos afetos onde estas distinções não se sustentam. Em favor de um reencontro com o *Eu Ideal*, o amor suspende o *Ideal do Eu*. O sujeito, enquanto procura à si, encontra a imagem do outro, com quem se identifica e aliena. E se o simbólico é prevacente sobre o imaginário, então, da articulação entre pulsão e imaginário, inferimos um vazio insuplantável; um furo no eu “que remete tanto à presença da pulsão no imaginário como à presença da pulsão no outro” (GARCIA-ROZA, 2014b, p. 70). No que tange as formações narcísicas, diante da presença do real, ego e alteridade são furados, pois percebem no próprio corpo a tensão alienante de outrem.

Obedecendo os limites de nossa leitura, foram estes fatores que nos fizeram reavivar o sentido da primeira construção não-fálica da sexualidade, enunciada por Freud ao fim de sua primeira tópica pulsional. Estamos falando da predileção *anaclítica*, que, para nossa “*Construção...*”, é o rudimento da sexualidade feminina.

Ora, se já descrevemos os investimentos substitutivos fálicos e as predileções narcísicas, trata-se, ao fim do segundo capítulo, repensar a disposição *anaclítica*: uma posição quase inatacável, arquetípica, autosuficiente e harmoniosa da libido, e que nos serviu não só para pensar o narcisismo, mas para elucidar o primeiro lugar do feminino na psicanálise freudiana. Com efeito, *apoio* ou *anáclise* vem traduzir o valor de *Anlehnung*, termo utilizado para estabelecer uma relação e uma oposição primordial entre as pulsões sexuais e de autoconservação. Aquém de uma primazia fálica, as pulsões, neste sentido, estão *apoiadas* em funções vitais, que lhes fornecem fonte, objeto e direção.

Cronologicamente falando, à começar por “*Três Ensaio...*”, Freud conceitua *Anlehnung* tendo em vista o *apoio* da pulsão em funções vitais. O exemplo aí suscitado foi a atividade oral da criança lactente, que, via repetição, encontra seu quinhão de autonomia sexual pela satisfação das necessidades alimentícias. Entre 1910 e 1912, a gênese das escolhas objetais esteve pautada pelo narcisismo, o que, via *apoio* em funções autoconservadoras, revelava algo ainda mais fundamental entre a catexias sexuais e egóicas. Já *A Introdução ao Narcisismo (1914)* limitou-se em opor a predileção narcísica à escolha *anaclítica*. Portanto, é só na terceira edição dos “*Três Ensaio...*” (1915) que Freud relaciona *Anlehnung* com uma das características essenciais da infância: o horizonte não-fálico.

De fato, tácito sob nossos empenhos objetais, *Anlehnung* faz supor não só o “fundo remissivo das pulsões”, mas o lugar da sexualidade feminina, ainda que incipiente. Sob a amplitude desta perspectiva, a sexualidade não é autônoma, pois só secundariamente se separa do outro. Por conseguinte, o *apoio* da pulsão em funções vitais jamais será uma dedução metafísica; é antes o suporte da sexualidade em funções conservadoras da vida.

O que Freud enuncia é o fato da sexualidade incipiente apoiar-se n’outro processo; um processo ao mesmo tempo similar e distinto de si – uma função não-sexual, vital. Portanto, *Anlehnung* se insere no registro das pulsões (onde predomina um *apoio* das catexias sexuais nas pulsões de autconservação) e das escolhas segundo o molde materno. Desta forma, encontrar o objeto é reencontrá-lo; reencontrar a ligação que, por *apoio*, não passou pelo crivo fálico de uma sexualidade, mas pelo anobjetal, que subverte a lógica do desejo.

Com base nisto, logo notamos que a distinção entre o tipo de escolha no homem e na mulher é demarcável. Para Freud, só o homem está apto à completude objetal! Com seu narcisismo, a mulher é impedida de usufruir desta escolha. Portanto, “enquanto o homem ama a mulher, esta ama a si mesma” (GARCIA-ROZA, 2014a, p. 203). E é assim que, ao fim da primeira tópica, Freud “revive” o feminino!

A partir dos estudos sobre o narcisismo, a mulher surge como horizonte *sui generis*. Ela personifica um âmbito capaz de fornecer o arquétipo do narcisismo. Identificável apenas consigo mesma, encarna um posicionamento inatacável da libido, vivido apenas no próprio corpo. Via *Anlehnung*, a mulher traduz a suspensão da escolha objetal, lhe sendo possível, inclusive, “rejeitar a lei do objeto” (ASSOUN, 1993, p. 99). Ao recorte de nossa “*Construção...*”, isto foi suficiente para

demonstrarmos como, pela primeira vez, o austríaco subverte a tradicional objetividade fálica dos desejos. Balizados pela noção de *Anlehnung*, talvez possamos defender que, ao fim de sua primeira tópica pulsional, Freud amplia sua compreensão acerca da sexualidade e enxerga no feminino um horizonte “mais-além” da lógica e do gozo fálicos. Este “mais-além” tende ao obscuro e desafiou a psicanálise quando, a partir de 1920, aludiu a *repetição* da castração e a possibilidade de uma sexualidade não-fálica, feminina.

Ora, trespassada por uma abundância de pares antitéticos, a teoria das pulsões assume um caminho novo quando, em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud revisa noções como sujeito, objeto e economia libidinal, e, da *compulsão à repetição*, instaura a *pulsão de morte*. Se até aqui descrevemos uma sexualidade fálica dividida entre a substituição da pulsão perdida (*pulsão sexual*) e o reinvestimento egóico (*Autoconservação*), trata-se, no último capítulo, de propor o contato com o vazio; com o anobjetal que, desde *Anlehnung*, aponta ao feminino. Neste contexto, examinamos os limites do *princípio do prazer*, que mostrou-nos como, repetindo as dores do passado, o feminino não raro encontra no desagradável um “mais-além” de gozo.

De fato, já no início do texto, Freud reconhece que o *princípio do prazer* assumiu tanta importância sobre sua doutrina que não raro o circunscreve como uma tendência evasiva às situações dolorosas, e cujos resultados – diante dos prazeres e desprazeres – coincidem com um abaixamento da tensão, pois visam a estabilidade do indivíduo. A psicanálise parece ter-se contentado em defender que a sexualidade ora estavam ligadas aos instintos reprodutivos, ora se dirigia ao Eu. Estas suposições foram corroboradas pela hipótese de que o aparelho psíquico empenha-se em “conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante” (FREUD, 2010e, p. 164).

Contudo, logo notamos o quão insuficiente foi assinalar a dominância do *princípio do prazer* sobre a psique. O que, na realidade, sucede é uma tendência para tal, mas isto não quer dizer que seu resultado final seja, sempre, prazeroso. Devemos, então, indagar as circunstâncias que impedem seu prevalecimento.

O primeiro caso elencado é o *princípio de realidade*, que, substituto do *princípio do prazer*, reivindica “a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer” (FREUD, 2010e, p. 165). Diante do *princípio do prazer*, o de *realidade* oferece-nos o caminho da renúncia. Todavia, acreditar no predomínio de um princípio sobre o outro jamais contradiz o *princípio do prazer*; antes o protege,

uma vez que isto sugere o abandono de prazeres incertos por resultados mais seguros. Eis o que nos fez falar da *compulsão à repetição!*

Dito isto, Freud elenca alguns casos peculiares para tratar da *repetição*. Iniciando pelas patologias da primeira guerra, diz que, devido aos traumas causados, esta resultou numa grande quantidade de pessoas cujos sonhos reviviam a “situação do acidente” (FREUD, 2010e, p. 169). Diante destas tendências masoquistas do Eu, não é o passado que se faz traumático, mas sua revivescência numa experiência atual. Passando, então, a considerar o cotidiano, enuncia as ocupações normais de seu neto Ernstl, filho de Sophie. Para Freud, o garoto repetia em suas brincadeiras (“*fort*” e “*da*”) uma forma simbólica de encenar e protestar a saída da mãe de perto de si. Abdicando de suas vivências passivas, Ernstl não suportaria tal desgosto a não ser por um ganho de prazer, ainda que anobjetal. Todavia, salta aos olhos como estes casos ainda não contradizem o *princípio do prazer*, pois, na medida em que os esmiuçamos, em nada buscam o desagradável, antes sanar suas faltas – condição esta que não se aplica aos adultos normais.

Se até agora o aparelho psíquico esteve alocado entre os *princípios do prazer e da realidade*, é a *compulsão à repetição* em jovens e adultos que faz constatar como certas vivências retornam para a atualidade, fazendo o sujeito repetir os conteúdos reprimidos como se não pertencessem ao passado. Para além da mera “reprodução do idêntico”, a *compulsão à repetição* evidencia o impulso tácito que subjaz à objetividade, sendo, assim, impossível de ser alcançada. Desta feita, talvez o melhor tratamento seja convencer o consulte das limitações de sua análise, pois a *repetição* indica algo que não passa pela ordem da substituição objetual ou narcísica, mas deixa, desde sempre, um resíduo aquém da significação. Reiterando a dor, designa nossa incapacidade de escapar à regressão; indica-nos uma sexualidade “mais-além”, que encontra apazibilidade na repetição da castração.

Destituída de controle tético e determinada, sobretudo, pela primeira infância (quando predominam relações de *apoio*), a *repetição* dá-nos a impressão de um destino que impulsivamente se repete – algo próximo ao demoníaco. Se, então, a relacionamos com o *princípio do prazer*, vemos como “traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010e, p. 179). Neste sentido, caracteriza aquilo que até momento não fora tematizado: um “mais-além” completamente novo e mais fundamental/irresistível que as tendências substitutivas e conservadoras do Ego.

Atentando aos limites daquela sexualidade essencialmente fálica, Freud enxerga, nisto, um ponto de ausência de sentido e de contato com vazio/rompimento que o faz indagar novos referenciais. Sua preocupação é, a partir 1920, formalizar estas vivências que se repetem, que deixam resíduos na atualidade e que, anobjetais, fundamentam o inconsciente. Sendo assim, paralelizando-as ao novo dualismo pulsional, é aceitável, para nossa leitura, que o feminino esteja encrustado nestas vivências limítrofes, pois é delas que vislumbramos o “mais-além”. Trata-se, portanto, de postular um impulso ao estado de não-vida que, aquém da lógica objetal, indique uma construção não-fálica da sexualidade: a *pulsão de morte*.

De fato, a originalidade destas contribuições é a ereção de um novo dualismo pulsional: o das *pulsões de vida e morte* – que, conforme suas variantes, abarcam a cultura, a família e a sexualidade feminina. Ora, se aceitamos que a pulsão sexual esteja orientada ao restabelecimento de cursos idênticos, então também repete certos estados primordiais dos quais o indivíduo outrora se afastou mas não pode fugir. Estes estados indicam o ponto de repouso (não-vida, inanimado), de partida e de retorno para toda a vida. Mostrando-nos, com isto, o quadro dos fenômenos da vida, Freud diz que “*o objetivo de toda vida é a morte, e [...] que o inanimado existia antes que o vivente*” (FREUD, 2010e, p. 204). Para além de investimentos substitutivos em objetos ideativos (*pulsão sexual*) ou reinvestimentos egóicos (*pulsões do Eu*), foi preciso fundamentar a possibilidade de encontro com esta evidência que – universal, indelével, anojetal, agressiva e não-fálica – não cessa de se repetir: a morte, Thánatos.

Com efeito, circunscritas, enfim, sob o signo das *pulsões de vida*, as *pulsões sexuais* e *do Eu* insinuam uma contraposição às catexias de Thánatos. É como se um conjunto disjuntivo de forças estivesse precipitado “para a frente, a fim de alcançar a meta final da vida” (FREUD, 2010e, p. 208) e outro – conjuntivo – corresse “para trás, a fim de retomá-lo de certo ponto e assim prolongar a jornada” (FREUD, 2010e, p. 208). Anunciando uma nova dicotomia, de um lado estariam as *pulsões de morte*, que, tácitas, invisíveis e silenciosas, “pretendem conduzir a vida à morte” (FREUD, 2010e, p. 214) e, na contraparte, as *pulsões de vida*, que, ruidosas e ligadas ao objeto de desejo, “buscam e efetuam a renovação da vida” (FREUD, 2010e, p. 214).

Este novo dinamismo não coincide mais com um estrito conflito pulsional; sua energia decorre de um fundo dessexualizado. E se antes já imperava um dualismo, agora esta polaridade é reforçada, pois aponta

para uma distinção mais arcaica que impossibilita tomar como opostos “instintos do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte” (FREUD, 2010e, p. 224). Portanto, salta aos olhos como não é a libido que é dividida, mas a pulsão, que, variantes conforme o modo de presentificação no psiquismo, é compreendida a partir dos signos da *vida* e da *morte*. Para nossa leitura, estes pares foram respectivamente transliterados para sexualidade fálica e não-fálica, sendo, portanto, este o horizonte feminino.

Quando introduz as *pulsões de morte*, Freud não apenas indica uma categoria fundamental que tende ao apaziguamento das tensões inter-humanas, mas busca direcioná-las ora ao interior (autodestruição masoquista), ora ao exterior (agressividade sádica). É empenhado em ratificar sua tese que, sem remetê-la aos significantes da *vida*, corresponde-a ao *princípio de nirvana!* Uma vez posto o aspecto renovador e apaziguador das *pulsões de morte*, este princípio designa nossa tendência em manter constantes ou mais baixas possíveis as tensões internas. Para Freud, ele é um dos “mais fortes motivos para crer na existência de instintos de morte” (FREUD, 2010e, p. 228). E se é fato que o *princípio do prazer* e as *pulsões de vida* regulam o caminho para a morte, é concomitantemente real que, posta nossa tendência ao inorgânico, a *pulsão de morte* não só impeça a “repetição do mesmo”, como possua em si um potencial criador, cujas consequências derrubam a predominância fálica do *princípio do prazer*.

Disjuntiva, a *pulsão de morte* ratifica um horizonte que, latente de sentido, inquerer novos começos sem, com isto, deixar de constituir-se caótico, destrutivo e vazio. Do lado de Thánatos, corresponde ao caos pulsional; a verdadeira potência criadora que, de tão silenciosa e escorregadia, nos permitiu aventar a sexualidade não-fálica. Estamos falando de um “mais-além” da objetividade psíquica que, por suas consequências, suscita a *Construção do Feminino*.

Diante disto, salta aos olhos como, a *pulsão de morte* conduz à ruína, ao vazio e ao rompimento, expressando, por assim dizer, a força dos encontros e desencontros entre os sexos. Anobjetal, não visa sentido, mas faz retornar a impressão de objetualização e alienação ao outro. Assim, não é em vão que, desde o inconsciente, se relacione com o feminino, pois, em 1920, é o pivô do desejo, movendo-o e orientando-o. O que Freud anuncia é a clivagem entre o masculino e o feminino, pensados a partir da desagregação. Simultâneos, é como se Eros (vida) e Thánatos (morte) fossem extensões de uma só moeda, que encontra na *repetição* e nas *pulsões de morte* a expressão de uma sexualidade mais

primitiva: a feminina. Seguindo este esquematismo, antes de falarmos *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e a *Feminilidade* (1933), vejamos rapidamente como, em 1930, o feminino põe à prova os laços de comunhão e fraternidade que possam existir numa família ou sociedade.

Ora, foi no registro do “*Mal-Estar...*” onde encontramos uma variante da *pulsão de morte* que, factível, indica-nos a agressividade de nossa constituição. Diante da irracionalidade das exigências culturais, a *pulsão de destruição* reclama o homem como “lobo do homem” (FREUD, 2010h, p. 77). Esta constatação revela-nos não só a autonomia da *pulsão de morte*, mas a besta selvagem que somos.

Desejando a destruição de tudo e todos, excetuando quem amamos, não raro tomamos o outro como instrumento de nossas crueldades. Neste sentido, a *pulsão de destruição* é a negação do outro, pois “mostra ao Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência” (FREUD, 2010h, p. 89). Ela traduz nossa luta pela aceitação ou negação do outro por meio da aceitação ou rejeição das implicações que os desejos do outro possuem sobre os nossos. Assim, se a civilização tem de recorrer a tudo para promover laços de afeto (família, por exemplo), é a agressividade que resiste diante das exigências externas e, de um ponto de vista pessoal, possibilita distintas formas de cooperação.

Impondo-nos relações inibidas na meta, a civilização vai na contramão de nossa natureza hostil. Mesmo com seus dispositivos um pleno vapor, jamais compreende a completude das sutilezas humanas. Isto não só impossibilita a universalização dos afetos, mas mostra como a *agressividade* nos é fundamental. Para além de investimentos substitutivos, ela é uma disposição pulsional autônoma e original; obstáculo da civilização. É “o sedimento de toda relação terna e amorosa entre as pessoas” (FREUD, 2010h, p. 80). E foi a partir dela que, diante da cultura, indagamos o lugar da família e do feminino; horizontes que, tácitos, põem à prova os laços comunhão e fraternidade.

Ora, se olharmos para a fragilidade dos povos primitivos, parecerá que, em prol de seguridade, a civilização impôs sacrifícios à sexualidade e ao nosso pendor agressivo. Diante dos descomedimentos do chefe (pai fálico), sublimamos nossa liberdade pulsional para, juntos, garantir força e sobrevivência. Da constatação de que somos mais fortes quando associados, nossos ancestrais adotaram o hábito de tornar próximos quem os amparava e, pelo amor, erigiram as primeiras famílias. Todavia, foi em favor de uma vida estável ou de uma universalização dos afetos que muitos cometeram injustiças: esqueceram

que nem todos são dignos de amor e, assim, abdicaram de uma parte do valor de seu objeto de desejo.

Com base nisto, deduzimos, mediante a *agressividade*, que impera certa ambiguidade entre os afetos e a civilização. E esta ambiguidade é personificada, em primeira instância, pela família, que, sem desejar ceder seus indivíduos, põe-se contra a comunidade.

Todavia, se o amor familiar algo assim tão exclusivo, é a mulher que, secundariamente, volta-se contra a civilização! Penando sob o rigor de proibições que a impedem de assumir seus desejos, a mulher caracteriza o dissocial da sexualidade. Não raro adotando atitudes hostis contra a civilização, ela “diz a verdade sobre o amor” (ENRIQUEZ, 1990, p. 104). Contra a possibilidade de universalização dos afetos, desconfia, intuitivamente, dos sentimentos inibidos na meta, fazendo-nos constatar a diferença entre amor e desejo sexual.

Em razão deste seu desejo feito e refeito incessantemente, torna-se o antídoto contra a morte. A mulher é a cifra necessária para a diferença sexual sem a qual a psicanálise estaria fadada ao fracasso. Ela nos faz falar “sobre uma verdade, ainda que não-toda, e assim abrir a possibilidade do inconsciente acontecer” (ASSOUN, 1993, p. 13). Desta feita, se, a partir de 1920, Freud pressente o feminino como um horizonte primário, é indagando o “*Mal-Estar...*” que torna-o vital à civilização. Portanto, se as mulheres possuem um limite para a sublimação, isto é porque são, num só tempo, irreduzíveis “e resto da *Kultur* como processo de sublimação” (ASSOUN, 1993, p. 163).

Nestes termos, o feminino demarca um “mais-além” de gozo do qual o homem (lei fálica) não toma parte, mas encontra aí seu sustentáculo. Símbolo do paraíso perdido, o feminino nos atemoriza quando proclama o “primado do gozo, da relação corpo a corpo, [...] da realidade acima das palavras” (ENRIQUEZ, 1990, p. 184). Aquém da civilização, demarca não só uma expressão privilegiada da libido, mas, encontrando um “mais-além” na castração, conduz ao reino da *repetição*, da sexualidade não-fálica; *da morte*. E se, diante disto, a civilização é consequência deste vínculo primordial que, outrora esquecido, toma a mãe como objeto de amor, então o que o “*Mal-Estar...*” salienta é o desconcertante preço por ter-se desconsiderado a possibilidade de uma sexualidade como fonte autônoma de prazer; fator este que, para a nossa “*Construção...*”, foi retomado com os textos de 1931 e 1933, à guisa de nossa conclusão.

Adentrando, pois, os últimos tópicos deste estudo, vimos que Freud, ao final de sua obra, teve a honradez de rever seus descaminhos

em relação ao feminino. Diante de inapeláveis contestações, publica os artigos *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933), pelos quais indaga o caminho da menina ao pai tendo em conta sua primeira, mais forte e mais duradoura vinculação: a ligação *pré-edípiana* com a mãe. Portanto, se a transferência da mãe ao pai é o que permite conceber a sexualidade feminina, salta aos olhos, nestes últimos instantes de nossa “*Construção...*”, um fato até então subestimado: a garota só atinge seu “*Édipo positivo*” após superar “uma época anterior, dominada pelo complexo negativo” (FREUD, 2010i, p. 373).

Com efeito, posto que o Édipo é a atração da criança pelo sexo oposto, se queremos fazer jus ao feminino, devemos salientar que, antes de voltar-se ao pai, a menina vive um estágio *pré-edípiano*, no qual a mãe serve de objeto de desejo. Cobrindo a maior parte do seu florescimento, esta fase exerce, sobre a *Construção do Feminino*, uma importância ímpar. Retirando o Édipo do centro das neuroses, ela faz reconhecer não só que talvez as psicanalistas (mulheres) percebam melhor estas manifestações, mas que o descuido de Freud para com as mulheres pode estar relacionado ao fato de ter-se menosprezado que impera, na menina, uma ligação mais íntima e profunda com a mãe: o medo “de ser morta (devorada?)” (FREUD, 2010i, p. 375).

Dito isto, para além de uma primazia fálica, notamos como a bissexualidade é predominantemente feminina! Distintamente do menino, opera, na garota, um processo dividido em duas fases, das quais a primeira, masculina, está atrelada ao clitóris (homólogo do pênis) e a segunda – feminina – liga-se com a vagina, tão desconsidera. Assim como no Édipo masculino, durante a fase *pré-edípiana*, o pai não passa de “um incômodo rival” (FREUD, 2010i, p. 373), mas se, balizados por este vínculo arcaico, considerarmos o desenvolvimento da libido, é fato que só secundariamente o pai assume o lugar da escolha objetal.

No que tange, enfim, o Édipo, seu rigor só é plenamente aplicável ao menino, não à menina. Se ela toma primeiramente a mãe para, só mais tarde, voltar-se ao pai, então o Édipo lhe é o resultado de um extenso caminho criado em função da castração que lhe sugere uma posição de inferioridade. Desprezando sua condição, este é o estágio onde, magoada e ciumenta, a garota, desejando ser possuída pelo pai, começa a engajar-se numa posição feminina, na qual sexualiza o genitor. Contudo, a entrada no Édipo é, também, o momento onde o modelo de feminilidade da mãe volta a lhe fascinar. Destaca-se, neste sentido, como a mulher traz continuamente à baila esta relação arcaica, anaclítica e anobjetal vivenciada com a mãe. Para nossa leitura, isto

mostrou como, aquém de investimentos substitutivos num falo ou num Ego, a importância da fase *pré-edipiana* é muito maior para a menina do que ao menino. E é através deste vínculo arcaico que aventamos sua sexualidade: um horizonte não-fálico, marcado pela *repetição*, pelo primado do gozo – um “mais-além”.

Neste sentido, logo entendemos que, acompanhado por compulsões regressivas, o afastamento da mãe é uma ligação que “acaba em ódio” (FREUD, 2010j, p. 275). São as restrições desta em relação aos prazeres fálicos por ela suscitados que, na menina, atuarão em favor do rompimento e servirão de motivo para a rebeldia. Para Freud, fica difícil, diante disto, negarmos a importância da *inveja do pênis* sobre a formação da sexualidade feminina.

Como já salientado, não é sem reluta que a garota aceita sua diferença ao ver-se destituída de falo/pênis. Na verdade, este padecer sobrevive por anos. Desta forma, talvez a razão mais forte para tal rompimento seja a queixa de que a genitora pariu uma filha, um ser cuja genitália é considerada socialmente inferior. Esta dor trata-se da injustiça/humilhação que a menina sente por ter sido danificada em sua auto-imagem – seu amor-próprio. Para ela, o falo não é “o pênis, mas a imagem de si” (NÁSIO, 2007, p. 52). Portanto, a falta do pênis é um golpe em seu narcisismo; golpe este que, da insuperabilidade da *inveja do pênis*, a impossibilita de estabelecer um *Super-Eu* capaz de adequar-se na cultura. Marca de uma sexualidade aquém dos investimentos substitutivos, a menina está condenada a viver as condições pré-edipianas da sexualidade: “uma forma narcísica de amar” (POLI, 2007, p. 31). Assim, talvez seja mais proveitoso aceitarmos que, se no *pré-édipo* seu amor voltou-se para uma mãe fálica, quando descobre a castração da mesma, não há mais porque manter-se tão próxima.

Este vínculo, diz Freud, está fadado à dissolução! O que se segue é uma luta por libertação, na qual, assumindo o papel de mãe, a garota não se satisfaz com seu clitóris diminuto. E foi com base nestes pressupostos que, no último tópico, indagamos “querer feminino”. Apontamos, pela mulher, à reconciliação com a passividade e, via da *repetição*, indicamos um “mais-além” de gozo que, primordial, suspende o conhecimento analítico e não se deixa determinar por quaisquer primado fálico ou dispositivo de saber.

De fato, balizado pela hipótese de que o “querer feminino” pode ser compreendido pela relação entre atividade e passividade, Freud, no texto de 1931, diz que as metas sexuais da menina pressupõem esta relação, mas são determinadas pelas fases da libido. Se, quando criança,

reage ativamente ao que enfrenta passivamente, pode-se, diante disto, concluir que, associado ao sadismo, ativo é o polo masculino e, passivo, o polo pulsional primordial à objetificação: o feminino, essencialmente masoquista. Por conseguinte, no que tange nossa “*Construção...*”, observamos, nas meninas, não só uma diminuição das catexias ativas, mas que estes desejos só realizam quando mediados pela fase *pré-edípica*. Ratificando, nisto, a feminilidade, até mesmo o Édipo se traduz por fixações nesta fase arcaica do desenvolvimento libidinal! E se aventamos uma sequência temporal para a sua sexualidade, esta sempre estará amparada pelo vínculo materno: são as “tendências orais, sádicas e, por fim, até mesmo fáticas” (FREUD, 2010i, p. 389).

Se a menina passa por um “Édipo negativo” e se, disto, confirmamos que a libido é um universal neutro mas normativamente ativo, então, segundo texto de 1931, não é a libido que é dividida, mas suas metas pulsionais, que, com o advento da segunda tópica, nos mostram como há duas maneiras de lidar com a castração: uma fática (masculina) e outra não-fática (feminina). Assim, é enfrentando tantas outras acusações que Freud, em 1933, elucida a reconciliação da mulher com a disposição passiva. Resultante de uma flexibilidade pulsional, sugere, via *Feminilidade*, um “mais-além” de gozo a quem de determinações fáticas ou dispositivos de saber.

Todavia, lendo o texto, logo reparamos que, diante da bissexualidade, jamais podemos cristalizar a feminilidade dentro das funções passivas. Variantes conforme a ocasião, masculinidade e feminilidade são flutuantes! E ainda que a feminilidade prefira fins passivos, sua predileção não deve confundir-se com a passividade, pois esta não raro inquer a *destruição*. Ora, se feminilidade e *pulsão* são relacionáveis, então não podemos subestimar os costumes culturais que condicionam as mulheres às situações passivas. Desta feita, não podemos mais dizer que psicanálise diz “o que é a mulher”, mas que se ocupa em questionar o modo como, pelo seu “querer”, ela se desenvolve desde criança, quando dotada de uma predisposição bissexual.

Diferentemente do menino, o desenvolvimento da garota divide-se em duas fases: uma masculina (sádica e clitoriana), outra feminina (masoquista e vaginal). Seus desejos são, dissemos, expressos por vias orais, anais e fáticas. Portanto, Freud jamais compreenderia as mulheres se não tivesse concebido aquela “negatividade” “*pré-edípica com a mãe*” (FREUD, 2010j, p. 273). De fato, mostrando-se reticente em relação aos impulsos ativos e passivos, diz que somente por esta via não-fática a fantasia toca a realidade. Diante das incitações despertadas

pela mãe, não há como negar que, desde a *inveja do pênis*, a castração representa para a mulher um marco decisivo para sua feminilidade. E se, disto, partem as três vias da conduta feminina, salta aos olhos como é pela tendência de retorno da agressividade à própria pessoa e pelo predomínio das funções passivas sobre a bissexualidade que surge a mulher. O masoquismo é, pois, feminino!

Com efeito, em função da *inveja do pênis*, o amor-próprio da garota modifica-se ao ponto de fazê-la renunciar os prazeres fálicos obtidos com a masturbação. Disto, predomina um abrandamento/remoção do seu quinhão de atividade, que prepara o caminho à feminilidade e a faz comportar-se segundo impulsos passivos. Renunciando os prazeres clitorianos em favor dos vaginais, frustrada, a menina é levada a abandonar a mãe e transferir-se, passivamente, ao pai, o detentor ideativo do poder. Abstendo-se de qualquer militância, Freud não só acentua que a mulher está constantemente exposta aos resíduos de uma época arcaica, mas diz que seu Édipo é o refúgio de uma árdua jornada. Como um “porto seguro”, o Édipo feminino decorre daquela ligação originária onde a mãe é o centro dos vínculos afetivos. Portanto, não é em vão que, mesmo em 1933, a *inveja do pênis* seja a expressão do “querer feminino”; um querer passivo e não-fálico, aquém da conscientização.

Ratificando seu posicionamento acerca de uma libido que, normativamente ativa, impossibilita uma “libido feminina”, Freud outorga às mulheres um forte narcisismo. Desejando ser desejada, a mulher é a marca daquilo que, “mais além”, não se prende em investimentos substitutivos, mas na ausência de sentido. Ligada à mãe, ela suspende o saber analítico! Se, durante o Édipo, vincula-se ao pai e se, frustrada, faz surgir a feminilidade, o que, na verdade, empreende é um retorno ativo “à posição passiva que a levou ao pai” (POLI, 2007, p. 35). Desta forma, se sua vinculação com a mãe permite distinguir as fases *pré-edipiana* e *edipiana*, também não demora para inferirmos que é essa camada primária, anobjetal e não-fálica a decisiva em seu desenvolvimento. E se, assim, entendemos o quanto Freud descreve o feminino como resultado de suas funções sexuais, é regressando à originalidade de sua doutrina que nos permitiu uma conclusão quiçá indeterminável: “se quiserem saber [...] sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências” (FREUD, 2010j, p. 293).

De fato, se queremos ser justos com nesta “*Construção...*”, devemos lembrar, o quanto, diante de seus opositores, Freud mostrou-se conservador em relação às mulheres, as causas da luta feminista e sua

doutrina. Cientista e burguês, não raro representou o patriarcado tradicional. No entanto, ainda que não possamos negar seus limites, é em razão de suas contribuições que talvez seja mais prudente deixar de caricaturá-lo como falocrata por não ter aderido à certas aspirações. Em favor de certa neutralidade epistemológica, o fato é que Freud rejeitou qualquer militância para, somente assim, descrever a sexualidade feminina. Sua psicanálise quis, portanto, mostrar o quanto o feminino é vital à humanidade!

Sendo o único domínio capaz de propiciar um igualitarismo, o feminino indica um subsolo de indeterminação que, via *repetição*, está aquém de qualquer cristalização fálica. Indagá-lo é inverter o saber psicanalítico; questionar seu objeto e, a partir de um “mais além” de gozo, exprimir uma verdade irredutível. Mais do que uma confissão de fracasso, o feminino é, para a psicanálise, não só o que conhece mal, mas aquilo que, por sua existência, suspende seu saber. O feminino restitui para a psicanálise sua perplexidade e ambivalência fundamentais.

Em seu querer, a mulher encarna o enigma do inconsciente. É um ponto de interrogação, mas também o registro de um fragmento de verdade insolucionável à primazia fálica. Nestes sentido, a relação entre Freud e esta “*Construção...*” é bastante peculiar, pois não basta dizer que o austríaco analisou as mulheres buscando legalizá-las. Sem renegá-las ou exaltá-las, o que anuncia é um horizonte não-fálico: uma sexualidade “mais-além” amparada por um inconsciente involuntário, que torna o humano (homens e mulheres) um ser desejante. Pautada por uma libido que, universal e pretensamente igualitária, torna as pulsões comum aos dois sexos, as diferenças sexuais devem ser discutidas a partir dos referenciais vividos existencialmente, em primeira pessoa.

Perplexos, concluímos, com isto, que, primordial aos investimentos substitutivos (falo ou ego), o feminino é o símbolo de um paraíso perdido. É a passividade diante das leis fálicas. A “promessa de civilização antes da civilização” (ROUDINESCO, 2003, p. 61).

Metáfora privilegiada do inconsciente, o feminino é a encarnação do enigma psicanalítico que, indizível, deixa logos e tradição estarecidos. É o “mais-além” que nos permite mensurar a distância entre o “saber analítico e a verdade que ele explora e que a ele se recusa” (ASSOUN, 1993, p. 24). E se, diante isto, supomos que nossa “*Construção...*” pode ser emancipatória, então, para além de uma sexualidade que não pretenda libertar-nos dos grilhões do desejo, é o feminino que nos põe em contato com o rompimento, com o vazio, com a repetição da castração – com a ambivalência passiva de nossos atos.

## BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

*Observação:* Tendo em vista a recente tradução de Paulo Cezar Souza das obras freudianas pela editora paulista Companhia das Letras, informamos que utilizamo-nos, em basta medida, desta edição, cuja primeira publicação ocorreu em 2010, seguindo a ordem cronológica de aparecimento dos textos. Escolhemos esta coleção pois foi a primeira que, em língua portuguesa, pretendeu oferecer o máximo de fidedignidade aos escritos originais de Freud. Ela é, no Brasil, a primeira tradução que se utilizou da versão alemã *Gesammelte Werke [Obras Completas]*, publicada em Londres entre 1940 e 1952 e que agora pertence ao catálogo da Editora Fischer, de Frankfurt. Portanto, difere-se da Edição *Standard Brasileira* publicada em 1969 pela Imago, do Rio de Janeiro, e cuja tradução – de José Octávio Aguiar Abreu e Christiano Monteiro Oiticica – vem da edição inglesa de James Strachey. Todavia, devemos notar que a tradução de Paulo Cezar Souza ainda encontra-se inconclusa. Diferentemente da edição *Standard*, seu trabalho ainda não cobre todas as obras de Freud; o que nos fez utilizar, também, desta última coleção. Sendo assim, no intuito de acentuá-las ao longo desta dissertação, optamos por diferenciá-las: 1) sobre a edição publica pela Companhia das Letras, adotamos seguinte o sistema de referências: (*sobrenome do autor, data da edição, paginação*); 2) quanto a edição *Standard* publicada pela Imago, valemo-nos do sistema comumente utilizado pela literatura psicanalítica brasileira, a saber: (*ESB, volume, paginação*).

FREUD, S. (1950 [1892-1899]). *Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. I.

\_\_\_\_\_. (1893-1895). *Estudos Sobre a Histeria*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. II.

\_\_\_\_\_. (1900). *A interpretação dos sonhos (I)*. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. IV.

\_\_\_\_\_. (1900). *A interpretação dos sonhos (II)*. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. V.

\_\_\_\_\_. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. VI.

\_\_\_\_\_. (1908). *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. IX.

- \_\_\_\_\_. (1909). *Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. X.
- \_\_\_\_\_. (1910). *Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da sua Infância*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIa.
- \_\_\_\_\_. (1910). *A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIb.
- \_\_\_\_\_. (1911) *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“o caso schreber”), Artigos Sobre Técnica e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, vol. X.
- \_\_\_\_\_. (1911). *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia (dementia paranoides) Relatado em Autobiografia*. In: FREUD, S. **Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (“o caso schreber”), Artigos Sobre Técnica e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, vol. X.
- \_\_\_\_\_. (1913-14). *Totem e Tabu*. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIII.
- \_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao Narcisismo*. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1915). Ensaio de *Metapsicologia*. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: FREUD, S. **História de uma Neuróse Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e, vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1923). *A Organização Genital Infantil*. In: FREUD, S. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos**. Companhia das Letras, 2010f, vol. XVI.
- \_\_\_\_\_. (1927). *O Futuro de Uma Ilusão*. In: FREUD, S. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010g, vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1930). *O Mal-Estar da Civilização*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010h, vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. (1931). *Sobre a Sexualidade Feminina*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010i, vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. (1933). *Feminilidade*. In: FREUD, S. **O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010j, vol. XVIII.

## BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

- ARISTOTELES. *Ética a Nicômaco*. In. ARISTOTELES. **Metafísica: (livro I e livro II) ; Ética a Nicomano ; Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984
- ASSOUN, P-L. **El Freudismo**. Mexico [Coyoacán]: Siglo Ventuino Editores, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Freud, a Filosofia e os Filósofos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Freud e a Mulher**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Introducción a la Metapsicología Freudiana**. Argentina [Buenos Aires]: Editorial Paidós, 1994.
- \_\_\_\_\_. **La Metapsicología**. Mexico [Coyoacán]: Siglo Ventuino Editores, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Lecciones Psicoanalíticas Sobre Masculino y Femenino**. Argentina [Buenos Aires]: Nueva Visión, 2006.
- BIRMANN, J. **Cartografias do Feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- COSTA, A. **Sonhos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006
- COSTA, T. **Psicanálise com Crianças**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010
- DEIGH, J. La Última Teoría da la Civilización de Freud: cambio e implicaiones. In: JEROME, NEU (org.). **Guia de Freud**. Gran Bretaña: Cambridge University Press, 1996. pp. 344-369
- DOLTO, F. **Sexualidad Femenina: la libido genital e su destino femenino**. Espanha [Barcelona]: Éditiones Paidós, 2001
- ENRIQUEZ, E. **Da Horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014a.
- \_\_\_\_\_. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução a teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986
- \_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a. v. I.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008b. v. II.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014b. v. III.
- HYPOLITE, J. **Ensaio de Psicanálise e Filosofia**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1989.
- JONES, E. **Vida Y Obra de Sigmund Freud: Tomo 1**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2003a.
- \_\_\_\_\_. **Vida Y Obra de Sigmund Freud: Tomo 2**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2003b.
- \_\_\_\_\_. **Vida Y Obra de Sigmund Freud: Tomo 3**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2003c.
- JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008a. 1v.

- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008b. 2v.
- KLEIN, M. **Contribuições à Psicanálise.** São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Psicanálise da criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1975.
- LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998
- \_\_\_\_\_. **O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985
- \_\_\_\_\_. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.
- LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MAURANO, D. **A Transferência.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006
- NÁSIO, J-D. **Como Trabalha um Psicanalista?** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999a.
- \_\_\_\_\_. **Édipo: a complexo do qual nenhuma criança escapa.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007
- \_\_\_\_\_. **Enseñanza de 7 Conceptos Cruciales del Psicoanálisis.** Espanha [Barcelona]: Gedisa Editorial, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O Prazer de Ler Freud.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999b.
- \_\_\_\_\_. **Um Psicanalista no Divã.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- PLATÃO. *O Banquete.* In: PLATÃO. **Diálogos: O Banquete; Fedon; Sofista; Político.** São Paulo: Nova Cultural, 1991
- POLI, M. C. **Masculino/Feminino: A Diferença Sexual em Psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998
- SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do Amor, Metafísica da Morte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SCHREBER, D. P. **Memórias de Um Doente dos Nervos.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- SOUZA, P. C. *Esta Edição.* In: FREUD, S. **Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016, vol. VI.
- VALAS, P. **Dimensões do Gozo.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Freud e a perversão.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O Que é Uma Criança?.** In: MILLER, J (org.). **A Criança no Discurso Analítico.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991, pp. 141-147.